



Diogo Martinho Martins de Sá Sousa

**Os novos processos de migração portuguesa
para o Brasil: considerações em torno da
juventude**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção de grau de doutor pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Orientadora: Angela Maria de Randolpho Paiva
Co-orientadora: Maria Isabel Mendes de Almeida

Rio de Janeiro
Agosto de 2016



Diogo Martinho Martins de Sá Sousa

**Os novos processos de migração portuguesa
para o Brasil: considerações em torno da
juventude**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais do Departamento
de Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais
da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão
Examinadora abaixo assinada.

Profa. Angela Maria de Randolpho Paiva
Orientadora
Departamento de Ciências Sociais/PUC-Rio

Profa. Maria Isabel Mendes de Almeida
Co-orientadora
Departamento de Ciências Sociais/PUC-Rio

Prof. Helion Póvoa Neto
UFRJ

Profa. Regina Celia Reyes Novaes
UFRJ

Prof. Maria Sarah da Silva Telles
Departamento de Ciências Sociais/PUC-Rio

Prof. Sonia Maria Giacomini
Departamento de Ciências Sociais/PUC-Rio

Profa. Mônica Herz
Coordenadora Setorial do Centro
de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26 de agosto de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Diogo Martinho Martins de Sá Sousa

Graduado em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (2008) e mestre em Cidades e Culturas Urbanas pela mesma instituição (2010). Áreas de interesse: migrações, sociologia urbana, sociologia do desporto, culturas juvenis.

Ficha Catalográfica

Sousa, Diogo Martinho Martins de Sá

Os novos processos de migração portuguesa para o Brasil : considerações em torno da juventude / Diogo Martinho Martins de Sá Sousa ; orientadora: Angela Maria de Randolpho Paiva ; co-orientadora: Maria Isabel Mendes de Almeida. – 2016.

147f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2016.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Juventude. 3. Emprego. 4. Imigração. 5. Desenrasque. I. Paiva, Angela Maria de Randolpho. II. Almeida, Maria Isabel Mendes de. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. IV. Título.

CDD: 300

*Àqueles que sempre estiveram perto, mesmo estando longe. Àqueles que deixei de
ver e só verei um dia. Àqueles que sonham e se deslumbram com esta viagem.
Aos meus pais.*

Agradecimentos

Agradeço às minhas professoras e orientadoras, Angela Paiva e Maria Isabel Mendes por me abraçarem nesta minha aventura de quase cinco anos. Pela atenção, disponibilidade, generosidade, preocupação e afeto. Pelo trabalho incansável de produzir um resultado final do agrado dos três.

Agradeço à PUC, representada para mim através do Departamento de Ciências Sociais. Desde o início incerto do meu caminho, ainda em Portugal, a atenção e exatidão demonstradas por todos os intervenientes trouxe uma segurança tremenda. Neste quesito, agradeço, principalmente, à Ana Roxo, como representante exemplar, em todos os momentos, daquilo que deve ser uma Instituição de respeito e orgulho.

Aos membros da banca examinadora, Helion Póvoa, Regina Novaes, Sonia Giacomini e Sarah Silva Telles, pela presença, interesse e pela contribuição que trouxeram ao trabalho.

A todos os intervenientes que contaram suas histórias e contribuíram para o resultado final, ajudando a saber um pouco mais deles, de nós enquanto grupo.

A tantos amigos que, de bem longe, torceram sempre pela concretização deste grande objetivo.

Aos meus familiares que misturam o orgulho com a saudade.

À minha mulher, suporte maior da minha estada e concretização de um trajeto muitas vezes incerto.

À minha irmã, brasileira de coração, que percebe, mais que ninguém, o que é viver tudo isto.

Ao Dr. Fernando Sá e à Dra. Teresa Sá, meus pais – os verdadeiros doutores, em vários campos da vida.

Um obrigado a todos vós.

Resumo

Sousa, Diogo Martinho Martins de Sá; Paiva, Angela Maria Randolpho de; Almeida, Maria Isabel Mendes de. **Os novos processos de migração portuguesa para o Brasil: considerações em torno da juventude**. Rio de Janeiro, 2016. 147p. Tese de Doutorado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A tese tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre um novo grupo de jovens imigrantes portugueses no Brasil, compreendendo suas motivações de saída do seu país de origem, ao mesmo tempo das respectivas motivações de escolha do Brasil como país de chegada. A pesquisa enquadra-se num contexto pós crise econômica de 2008, que parece despertar a decisão do jovem português de emigrar. Este jovem, porém, apresenta características próprias e diferenciadas de outros fluxos de imigrantes portugueses no Brasil ao longo da história, tratando-se de um jovem muito mais qualificado e que pretende e se acha capaz de estabelecer e ganhar a sua independência através da migração. Durante este trajeto, muito menos previsível do que muitas vezes esperado, o jovem precisa se desenrascar para conseguir conquistar os seus objetivos, conquistando a sua independência financeira e se integrando em uma nova sociedade – com seus prós e contras relatados pelas experiências individuais.

Palavras-chave

Juventude; Emprego; Imigração; Desenrasque.

Abstract

Sousa, Diogo Martinho Martins de Sá; Paiva, Angela Maria Randolpho de; Almeida, Maria Isabel Mendes de. (Advisor). **The new portuguese migration processes to Brazil: considerations on youth**. Rio de Janeiro, 2016. 147p. PhD. Thesis. Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The thesis aims to deepen the knowledge of a new group of young portuguese immigrants in Brazil, namely its departure motivations from their country of origin as the respective motivations of choosing Brazil as a country of arrival. The research is part of a 2008 post-crisis context that seems to awaken the portuguese youth to emigrate. This young man, however, has its own and different characteristics of other flows of portuguese immigrants in Brazil throughout history, these ones more qualified and feeling able to establish and gain their independence through migration. During this path, much less predictable than often expected, the young have to manage to conquer your goals, achieving financial independence and feel progressively integrating into a new society - with its pros and cons reported by individual experiences during the interviews.

Keywords

Youth; Employment; Immigration; Disentanglement.

Sumário

Introdução	11
1. Capítulo primeiro - Fluxos migratórios de portugueses para o Brasil: uma viagem pelos últimos 100 anos	20
1.1. O final do século XIX e início do século XX	23
1.2. Os anos 50	31
1.3. O pós crise de 2008	36
2. Capítulo segundo - Desafios do jovem português em contexto de crise	44
2.1. Emancipação, autonomia e independência	53
2.2. A Geração à Rasca	60
2.3. O “desenrasque” português e o “se virar” brasileiro	68
3. Capítulo terceiro - Experiências, representações e imaginários do jovem português no Rio de Janeiro	79
3.1. Os entrevistados	80
3.2. A mudança	84
3.3. A decisão	86
3.4. O plano	91
3.5. A experiência	97
3.6. Processos de integração	101
3.7. O desenrasque	107
3.8. Choques culturais	112
3.9. Saudades	117
3.10. O regresso	123
3.11. Relatos	126
Considerações finais	134
Referências Bibliográficas	142

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição dos titulares de passaporte saídos pelo distrito do Porto por concelho de naturalidade: os trinta concelhos mais representativos (1912)	29
Gráfico 2: Taxa de desemprego total na União Europeia (1986-2006)	37

Lista de quadros

Quadro 1: Total de portugueses que entraram no Brasil desde 1881	28
Quadro 2: Países de destino da emigração portuguesa: 1901 a 1967	29
Quadro 3: Distribuição dos titulares de passaporte saídos pelo distrito do Porto por Estado de destino no Brasil (1912)	30
Quadro 4: Períodos, contribuição do êxodo rural para a urbanização e erro de previsão de urbanização no Brasil	34
Quadro 5: Desemprego em Portugal no terceiro semestre de 2010	41
Quadro 6: Emigrantes: total e por tipo – Portugal	42
Quadro 7: Nível de escolaridade do jovem português entre 1998 e 2015 (em milhares)	64
Quadro 8: Caracterização dos entrevistados	83

Introdução

Traz-me aqui uma profunda vontade de compreensão de um fenômeno que, de algum modo, sempre fez parte do mundo em que vivemos. O deslocamento de povoações sempre existiu e foi fulcral para o desenvolvimento do ser humano e do seu processo civilizatório como hoje o conhecemos. É uma história que se confunde com a própria história da humanidade, mas que se vem destacando, também, pela facilidade que esse deslocamento ou realocação de pessoas se permite, por meio do desenvolvimento dos meios de transporte - no campo material - e no campo das comunicações - favorecendo um contato entre pontos geográficos não tão próximos. Essa comunicação permite uma troca de ideias e um alargar do horizonte psíquico, mas também físico do ser humano. Este parece mesmo pertencer a espaços onde nunca pisou ou desejar viajar para outros que a propaganda comunicativa (institucional, comercial ou informal) o fez almejar.

Esta é uma história longa, num campo multidisciplinar bastante extenso. As perspectivas pela qual pode ser estudada variam em função dos interesses de cada qual, das datas e dos contextos em que se inserem. Assim, a escolha aqui recai claramente sobre uma história que ainda não terminou. É uma análise contínua, fazendo mesmo este texto - quem sabe, no futuro - parte dessa mesma análise. Baseando-me muito em interesses pessoais e em problemáticas que, de resto, afetam a minha vida, particularmente, pretendo compreender o fenômeno da imigração de forma mais aprofundada, ligando dois continentes e mais de quinhentos anos de história. Os fluxos migratórios entre Portugal e Brasil vão ser aqui retratados, não desde o começo da colônia, mas sim com uma ênfase em três períodos mais recentes e relevantes para perceber as representações do jovem português no Brasil e em particular no Rio de Janeiro. Assim, o final do século XIX / começo do século XX será o início desta caminhada que terminará nos dias de hoje.

Numa atenção virada para a imigração portuguesa e emigração no Brasil vamos tentar compreender os fluxos, suas razões e origens traduzidas em *motivações*, tal como suas consequências com um foco final numa imigração bem

específica – os jovens. Com dados documentais recolhidos vamos construindo esta estrutura como uma cartografia que nos irá ajudar a compreender os caminhos trilhados ao longo da história e do texto até, mais tarde, chegarmos ao ponto atual, razão de todo este trabalho – tentando assim perceber quais as novidades neste específico fluxo populacional.

Parto da *hipótese* de que a imigração dos jovens portugueses para o Brasil, atualmente, é *forçada* e “*disfarçada*”. Forçada pelo contexto econômico em que o país de origem – Portugal – se encontra (com uma crise transversal a todas as classes e que parece não se extinguir brevemente); e, “disfarçada” pelo conhecimento que, hoje em dia, o jovem possui sobre o seu destino – o Brasil em geral, Rio de Janeiro em particular. Este conhecimento a que chamo “disfarçado”, à priori, parece ser fundamental para um maior conforto mental na tomada de decisão da viagem para este destino em particular. Na verdade, a ligação histórica e a ligação mais recente através de toda a mídia que se exporta para Portugal, fortaleceu os laços familiares outrora mais enraizados entre os países. Assim, este “disfarçar” remete para uma (relativa) segurança na hora da tomada de decisão e chegada ao destino e que muitas vezes não se revela real no quotidiano, já enquanto imigrante – aludindo para um imaginário iludido.

Ainda que se perceba que os portugueses já não são tão ligados, subjetivamente, ao Brasil pelo amplo leque de informação e escolha possível, há vários fatores que promovem ainda esta sua escolha, para além desse fator (provavelmente mais forte, outrora) de familiaridade. Ou seja, a potencialidade econômica do país – uma imagem fortemente construída, e bem, pelo Brasil – suplanta as restantes imagens negativas que competem com esta na balança dos prós e dos contras, na hora da escolha - como determinadas características de algum subdesenvolvimento, como a pobreza e principalmente a violência – para citar alguns referidos pelos entrevistados. Apesar destes problemas, quando se é forçado a sair do país pela via econômica (falta de emprego e de meios de subsistência / inexistência de renda), o Brasil, a par de outros países europeus historicamente ligados à imigração portuguesa, tem sido uma escolha válida.

Outra *hipótese* recai na existência de um jovem mais vulnerável com a crise. Toda a população o está, mas o jovem, ceifado de uma base para construção

da sua trajetória de vida com qualidade e segurança, apoia-se numa *mobilidade facilitada* facultada pelos tempos que correm. Numa época de fortes fluxos e internacionalização, já ninguém se sente tão fora de casa assim. As telecomunicações ajudam a quebrar barreiras, facilita-se o emprego além-fronteiras e “diminui-se” o sentimento de distância para o país de origem, quando este não possui capacidade para manter seus “filhos”. Aqui é exatamente o contrário do “filho pródigo” – a riqueza não existe e o filho não pode voltar a casa. Em casa, não há nada a oferecer. Quando muito, há um conjunto de recursos que, ainda assim, determinada classe social tem e escolhe para “investir” no seu filho, fazendo dessa a sua herança última. O filho, por sua vez, tem que ter o engenho de a multiplicar. Assim, percebe-se que a *classe social de origem* do imigrante também é fundamental para perceber o seu trajeto no país de chegada.

Para resolver tais questões, utilizarei como recursos metodológicos levantamento bibliográfico relativo à história – a ligação entre os dois países até à atualidade nas datas já referidas – e levantamento de dados estatísticos para contextualizar o jovem de que falamos e, principalmente qualitativos, que estarão presentes e passaram a ser detalhados daqui em diante através dos discursos dos jovens entrevistados que fazem parte de um novo grupo, a “Geração à Rasca”, onde se apresentam jovens com alta escolaridade e poucas oportunidades de trabalho e, por isso, com dificuldade em exercer uma autonomia ainda dependente, em grande parte, de ajudas familiares.

Todos os questionamentos partem de uma busca pela objetividade de respostas em relação a todas estas problemáticas que afetam o jovem português na sua trajetória laboral intercontinental. A indignação perante o estado deste grupo fez-me ir um pouco mais além de uma simples reflexão. Como cientista social, afasto-me o mais possível do papel principal – o jovem português no Rio de Janeiro, não me mesclando entre o espetador observador (cientista social) e o produtor (o objeto) – enquanto, também, jovem português. Enquanto espetador observador, proponho hipóteses de compreensão de um pouco daquilo que esta geração vive. São como fragmentos na ajuda que parece sempre insuficiente.

Para além de um trabalho académico de tese de doutorado com a necessidade de achados analíticos e teóricos, prevê-se que a utilidade e a

identificação do grupo com este texto sejam um objetivo primordial. Este texto é também pensado para aqueles que buscam um pouco mais de si enquanto grupo, para que se possam rever nestas linhas e nestes problemas, nestas soluções, nestas declarações e testemunhos. Eles são o objeto e objetivo do texto.

Estas hipóteses serão necessárias para nos guiarmos daqui em diante e focalizarmos o nosso jovem. O “passa-palavra” que se decidiu implementar na escolha dos entrevistados dentro do padrão escolhido deixa algumas possibilidades em descoberto e, por isso, trataremos os seus discursos através de itens de análise, de compatibilidade e diferenciação, de ideias coincidentes e novas pistas, não focando o discurso isolado de cada um.

O objetivo metodológico passou por recrutar uma amostra de 15 jovens (até à faixa etária dos 29 anos) e entrevistá-los de uma forma bastante aberta. O objetivo foi permitir uma liberdade de discurso, afastando o receio e o desconforto de falar de si mesmo. Por outro lado, ao colocar questões abertas – que se guiaram pela trajetória de vida do jovem – existiu e confirmou-se a chance de outras questões, menos pensadas até então, poderem surgir de forma mais marcada.

Este tratou-se de um jovem viajante que se dispôs a uma nova experiência fora do seu país. Um jovem que se realizou e estabeleceu novos padrões de vida, esperados ou inesperados, noutra país, noutra cidade. Aqui, optamos única e exclusivamente por resumi-los à cidade do Rio de Janeiro, sem, ainda assim, almejarmos a uma proposta de os tornar representativos de todo um grupo – a este nível local ou com maiores aspirações territoriais. Procuraram-se jovens portugueses com histórias incógnitas. Algumas esbatidas noutras, outras interceptadas por terceiras, outras paralelas. Para me distanciar do objeto escolhido e conseguir a maior objetividade possível, vou trabalhar com itens escolhidos para o roteiro das entrevistas, o que me permitirá ainda comparar as diversas trajetórias de cada jovem dentro de uma mesma opção – a vinda para o Brasil.

São 15 jovens, 8 mulheres e 7 homens, com uma idade compreendida entre os 18 e os 29 anos, que apresentem uma estadia fixa na cidade do Rio de Janeiro por meio laboral.

Juntamente com a tentativa de resposta às hipóteses elaboradas à partida, algumas questões que o sociólogo português na questão juvenil, João Peixoto (2012: 10), deixa no ar, sobre a questão juvenil, foram, de certa forma, integradas nas conversas com os entrevistados. Não se obtiveram dados específicos nem exatos quanto à estatística migratória portuguesa na atualidade. Por outro lado, foi-se tentando compreender, através de questões que foram surgindo ao longo da investigação, a temporalidade desses movimentos – ressaltando, ainda assim, que nada do documentado a seguir é representativo deste grupo formado – com características sóciodemográficas próprias. Tentou-se compreender a tipologia destes imigrações através das suas causas e tipo de relacionamento que o entrevistado possui com o ponto de partida e com todo o contexto familiar, emocional e financeiro que foi trazido, mas também deixado, no seu país.

Pensando nas hipóteses já introduzidas acima e para efeito de análise, proponho duas categorias como opção específica da escolha do Brasil como país de destino – por um lado menos seguro, por ser longe do continente, mas por outro relativamente mais seguro, pelo conhecer, ou suposto conhecer, da língua e cultura brasileira – são eles o de “imigração forçada” e “imigração disfarçada”. Estas, ainda interligados a outra hipótese que pretendi confirmar – a maior facilidade / disposição para imigrar, decorrente de mais e melhores meios de contato com o seu núcleo e com a inserção num mundo global onde o sentimento de pertença é relacionado a novas identidades, tendo ainda como consequência a fragilidade super exposta de grupos de jovens na integração no mercado de trabalho português. Essas novas identidades e simbologias não mais evocam a relação clássica com o Estado-nação. Em contrapartida, constata-se a categoria da migração atual, redirecionando o discurso e o sentimento de pertença para uma área mais abrangente do que o território, através de marcas globais, de imagens globais, ou seja, a própria globalização – que não nos permite sentir um forasteiro total e nos permite uma integração através de outras simbologias massificadas (por exemplo).

O jovem poder-se-á sentir relativamente confortável “fora de casa”, ou / e poderá não se sentir totalmente integrado nesse mesmo ambiente, exatamente por falta de determinadas condições que lhe forneçam um forte sentimento de

pertença ao grupo, neste caso ao país de origem – surgindo, por exemplo, um certo saudosismo ou patriotismo. A massificação e globalização de símbolos, produtos e desejos, permitem uma identificação mais facilitada com o “mundo desconhecido”. Porém, novas etapas envolvem algum sentimento de insegurança no que toca à descoberta de um mundo novo, de integração, de conhecimento “real”, físico, presencial, no qual não existe uma estrutura física de apoio, como no ponto de partida.

O contexto próprio de cada fator, as suas motivações e o seu *modus operandi*, para além da personalidade inerente a cada indivíduo, produzem situações que apenas um estudo massificado poderia fazer perceber padrões estatísticos e ser, agora sim, representativo de todo um grupo de jovens portugueses em condição de imigração no Brasil e Rio de Janeiro em particular. No nosso estudo temos histórias que nos revelam possibilidades e nos permitem perceber que nem tudo é sempre linear, colocando por isso, hipóteses que, de certo modo, pudessem ser verificadas pelos entrevistados.

Diria que este estudo terá mais a forma de um rastreio de *imaginários iludidos ou desiludidos* com escolhas e sonhos que permitirão a outros jovens embarcar na mesma aventura com uma maior atenção e bagagem emocional para o que lhes pode esperar em contexto semelhante. Estas histórias / relatos centram-se em surpresas, em confirmações, no inesperado e em momentos menos fáceis que, como em qualquer aposta, recriam e configuram a suposição ou intuição em desconhecimento (no primeiro contato com o terreno) e em conhecimento (com a integração ou compreensão do novo local de pertença). Assim, preteri uma quantidade estatística que pudesse fornecer dados gerais pela busca da qualidade, enraizada em relatos pessoais e em depoimentos singulares que nos traduzem fatos que seriam silenciados se tivéssemos optado por um estudo em massa. A opção pela entrevista aberta retrata, ainda mais, essa opção, dando a liberdade de explorar discursos e dados não tão óbvios *à priori*.

Ao longo do texto, dividido em três tempos, começaremos por perceber os três fluxos migratórios mais relevantes ao longo do último século, ancorados numa imigração de cariz econômica na viragem do século XIX para o XX, passando para, nos anos 50, uma imigração com causas políticas mas também e

sempre econômicas, causando inclusive o último estereótipo de português no Brasil. Por fim, a imigração que trato em maior pormenor através de um conjunto de entrevistados relatados no último capítulo e que se inserem, embora com uma qualificação e bagagem totalmente diferente das anteriores, numa perspectiva de conquista de condições de vida pós crise de 2008.

No segundo capítulo aparecem desafios próprios ao jovem português que se vê no seu trajeto até à almejada independência, emaranhado numa “*Geração à Rasca*” e que usa os artifícios do *desenrasque* para driblar a sua condição precária sem perspectivas laborais. Ainda aqui se faz uma comparação entre o “*desenrasque*” português com o “se virar” brasileiro como modo de lidar com as vicissitudes inerentes ao contexto vigente nas vidas de cada um, espelhadas na vida do seu país.

Por fim, e antes de colmatar com as considerações finais, dedica-se um inteiro capítulo aos entrevistados portugueses na cidade do Rio de Janeiro, provenientes de Portugal em contexto de crise, fazendo parte de uma vaga migratória para o Brasil renascida, ainda que estatisticamente residual. Tem-se por objetivo distinguir estes novos jovens qualificados daquele estereótipo do português enraizado na sociedade brasileira e, principalmente, conseguir responder às hipóteses propostas no início do texto, de uma imigração “*forçada*” e “*disfarçada*”.

Perceber o porquê do Brasil ser novamente uma opção para a escolha do imigrante português, trazendo de volta um fluxo hoje em decadência – residual – (outrora preferencial), diferenciando o “imigrante de última geração” para o imigrante atual é um desafio interessante, a par das representações da autopercepção desse fato. A par disso, aparece a vontade da comparação entre esses dois tipos de imigração portuguesa, focando assim a análise na *Geração à Rasca*, contexto de todos os entrevistados, e o sentimento inerente ao estereótipo criado do “português” – o português carrancudo, mal encarado, arrogante ou ignorante na qualificação e na relação interpessoal.

Aqui, o *desenrasque* surge como possibilidade do jovem se desenvencilhar e um meio para o jovem português passar de uma autonomia alicerçada em ajudas

familiares para a conquista da independência. A compreensão deste conceito, a par do “*se virar*” brasileiro, será extremamente útil para completar e compreender as trajetórias escolhidas ou forçadas destes jovens e os mecanismos usados nesse caminho.

Assim, apresento o Manifesto da Geração à Rasca, autorrepresentativo da geração em que nos iremos focar ao longo do trabalho.

“Manifesto

Nós, desempregados, “quinhentoseuristas” e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, bolseiros, trabalhadores-estudantes, estudantes, mães, pais e filhos de Portugal.

Nós, que até agora compactuámos com esta condição, estamos aqui, hoje, para dar o nosso contributo no sentido de desencadear uma mudança qualitativa do país. Estamos aqui, hoje, porque não podemos continuar a aceitar a situação precária para a qual fomos arrastados. Estamos aqui, hoje, porque nos esforçamos diariamente para merecer um futuro digno, com estabilidade e segurança em todas as áreas da nossa vida.

Protestamos para que todos os responsáveis pela nossa atual situação de incerteza – políticos, empregadores e nós mesmos – atuem em conjunto para uma alteração rápida desta realidade, que se tornou insustentável.

Caso contrário:

a) Defrauda-se o presente, por não termos a oportunidade de concretizar o nosso potencial, bloqueando a melhoria das condições económicas e sociais do país. Desperdiçam-se as aspirações de toda uma geração, que não pode prosperar.

b) *Insulta-se o passado, porque as gerações anteriores trabalharam pelo nosso acesso à educação, pela nossa segurança, pelos nossos direitos laborais e pela nossa liberdade. Desperdiçam-se décadas de esforço, investimento e dedicação.*

c) *Hipoteca-se o futuro, que se vislumbra sem educação de qualidade para todos e sem reformas justas para aqueles que trabalham toda a vida. Desperdiçam-se os recursos e competências que poderiam levar o país ao sucesso económico.*

Somos a geração com o maior nível de formação na história do país. Por isso, não nos deixamos abater pelo cansaço, nem pela frustração, nem pela falta de perspectivas. Acreditamos que temos os recursos e as ferramentas para dar um futuro melhor a nós mesmos e a Portugal.

Não protestamos contra as outras gerações. Apenas não estamos, nem queremos estar à espera que os problemas se resolvam. Protestamos por uma solução e queremos ser parte dela.”¹

Será este jovem - super qualificado, desempregado ou mal remunerado com empregos precários e sem opções dentro do próprio país senão emigrar, se “desenrascando” – a bandeira, imagem e responsabilidade – de um novo imigrante português no Brasil?

¹ Manifesto do Protesto da Geração à Rasca. Página oficial da organização. Página visitada a 3 de Agosto de 2014.

1.

Capítulo Primeiro – Fluxos Migratórios de Portugueses para o Brasil: uma viagem pelos últimos 100 anos

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!”*

Fernando Pessoa, Mar Português.

Assim, sugerimos dedicar estas primeiras páginas a esta longa-metragem convertida em “curta”, para enquadrar um pouco da história entre os dois países – Portugal e Brasil. Não é nossa pretensão nos focarmos no lado demasiado longo e histórico de relacionamento entre os dois. Seria demasiado extensa e exaustiva essa digressão, onde haveria a necessidade de deambular por diversos assuntos que não nos cabe analisar no presente texto para uma nobre e justa representação dos últimos cinco séculos de ligação e fundição entre, primeiramente, povos distintos, que se misturaram e miscigenaram em território outrora colônia, depois apenas Brasil, dando a forma mais atual do mesmo.

O português no Brasil sempre teve figuras de destaque, personagens eternas e com um grau de importância elevadíssimo para a história e herança cultural dos dois países. Relembrando alguns, temos Pedro Álvares Cabral como um dos expoentes máximos dessas personificações heroicas, mas também Vasco da Gama – que inclusive doou seu nome a um dos times mais importantes da cidade do Rio de Janeiro – ou o imperador D. Pedro que modificou a condição do português enquanto ocupador e colonizador até 1822 – data de quando se consumou a independência e, por conseguinte, o português teria que ser chamado tecnicamente pela primeira vez de “imigrante”, sendo “um grupo étnico minoritário” (Oliveira, 2008: 62). Depois desta personagem histórica e imortal do “descobridor”, muitos outros “portugueses” estariam para chegar ao longo dos tempos, dependendo das épocas em que se inseriam e do seu papel na sociedade. O “descobridor”, em termos históricos, foi talvez o que sofreu uma maior

personificação, pois são algumas das figuras enunciadas atrás aquelas que revelam maior destaque e reconhecimento. Por outro lado, em termos práticos, o “colonizador” foi quem teve grande relevância numa primeira fase de expansão e crescimento do império, sendo estes “aventureiros” (Nogueira, 1988: 19) que se entregavam ao espírito da descoberta e redescobriam o mundo – numa visão eurocêntrica do mundo. Para mais, o português já possuía alguma experiência no que tocava à miscigenação, que ocorria já na própria metrópole, onde a escravidão foi um ponto marcante na história e estruturação do Brasil enquanto país, pois foi a forma encontrada por Portugal para efetuar o povoamento que garantia a posse e defesa daquele território perante outras nações. Como refere Teresa Rodrigues, “em termos reais, a expansão colonizadora constituiu um esforço desmesurado para os recursos humanos do Reino, só parcialmente colmatado pela utilização de uma abundante e barata mão de obra que chega à metrópole e aos restantes espaços a colonizar” (s.d.: 98-100). Posta esta primeira fase de povoamento onde escravos, nobres e encarregados do reino se deslocaram para a colônia, outros grandes fluxos de estabilidade migratória se concretizaram, como um de trinta e um anos a partir de 1760 (onde o português “mineiro” se inseriu) e outro de cinco, começando em 1837 – chegando-se a atingir a meta de 10 mil imigrantes por ano, fortemente baseada em trabalhadores desempregados provenientes do norte de Portugal (Arroteia, 2011: 43). Aliás, esta definição de “mineiro”, remete para aquele português que efetivamente enriqueceu à custa do negócio do ouro e pedras preciosas. No entanto, longe estava esta imigração de, numa classe mais baixa e de uma forma geral, significar algum tipo de ascensão social. Tratava-se de uma exploração da mão-de-obra branca (Machado, 2005: 52), como o próprio governo português fazia questão de frisar e alertar. As trapaças ao imigrante eram constantes com a finalidade de lhe prometer um sonho. Os engajadores, figuras de proa do comércio daquela época, eram vistos como portadores de uma passagem para esse novo mundo maravilhoso e deslumbrante à chegada pela sua paisagem inigualável (Nogueira, 1998: 49) – que deslumbra qualquer um até hoje.

A partir do século XIX o português passou a figurar com estatuto de imigrante e é interessante reler as palavras de Giralda Seyferth (2005: 3) sobre essa definição que também retratam a diferença entre ser ou não nativo mas também, ser ou não desejável enquanto estrangeiro num novo lugar,

“As palavras estrangeiro e imigrante aparentemente têm significação diferente, mas sob muitos aspectos são usadas em sinonímia. Estrangeiro é o indivíduo natural de outro país ou, na versão substantiva, aquele que não é natural, nem cidadão, do país onde se encontra, conforme registram os dicionários. A palavra alienígena expressa o segundo significado de forma mais categórica pois marca a distinção entre indivíduos ou grupos desejáveis e indesejáveis, e envolve, às vezes, sentimentos de suspeita e xenofobia. Imigrante, num sentido mais geral, é aquele que se desloca para outro país e ali permanece, e a imigração tem sido qualificada justamente pela entrada de indivíduos ou grupos num país estrangeiro com intenção de ali restabelecer sua residência ou, usando uma referência mais apropriada, e que aparece nos discursos daqueles que assumiram a identidade de imigrante no contexto da imigração em massa na virada para o século XX, estabelecer um novo lar, numa nova pátria. Independentemente de outras qualificações, o imigrante é um estrangeiro, ou alienígena, apesar da possibilidade de obter a cidadania como “naturalizado”.”

Se bem que o estrangeiro possa ser entendido como temporário, também é verdade que o imigrante, por mais anos que tenha em determinado país, dificilmente consiga tirar essa hetero definição de si mesmo. É sempre um elemento exterior, por mais natural que se tenha tornado. As distinções no caso português variam e mantêm-se atuais até hoje através de diferentes vocativos, como “patrício” ou mesmo “gringo” – ainda que de forma incorreta – indo até estereótipos menos convidativos que os entrevistados abordarão mais à frente.

A imigração pós independência, já dentro de um fundo multicultural na cidade do Rio de Janeiro (Florentino e Machado, 2002: 60), tinha um caráter de aventura e de fuga ao recrutamento militar² e consequente possível guerra – situação acentuada na segunda metade do século XIX. A partir daqui, começa parte da história que iremos desenvolver de forma mais aprofundada nos três momentos que propomos analisar neste primeiro capítulo.

Neste primeiro capítulo temos o objetivo de expor três fases mais relevantes no que toca à história recente de migração entre os dois países. Uma história que reflete uma ligação estreita pouco revista em outras latitudes, de forma tão longínqua no espaço como no tempo, mas de alguma forma similar nos

² “Atravessar o Atlântico, com todos os custos e riscos que isso envolvia, adaptar-se a uma realidade que lhes era completamente nova apresentava-se, segundo este discurso, para os jovens portugueses, como a melhor ou mesmo a única alternativa às agruras da vida militar. Os sacrifícios que o abandono do país acarretava seriam, no entender de muitos deputados, bem mais suportáveis do que aqueles a que se submeteriam se ingressassem no Exército” (Pereira et al., 2007: 101).

costumes produzidos e enraizados. Assim sendo, são elas, por ordem cronológica, uma imigração datada dos finais do século XIX e início do século XX, onde o incentivo à imigração branca era uma grande bandeira para portugueses, espanhóis e italianos tentarem a sorte do outro lado do oceano, fazendo parte de um projeto de branqueamento brasileiro. Assim, a pobreza e a cor da pele, nessa data, surgem como motivações para o português imigrar em direção ao Brasil e tentar mudar as duas histórias: a sua – enquanto pobre – e a do Brasil – miscigenando-o.

Numa segunda fase, abordamos os anos 50, onde existe um contexto favorável em relação a uma Europa destruída pelas duas grandes guerras e onde, em Portugal, impera o salazarismo. No Brasil, o aumento da industrialização e a urbanização servem de motivação – mais uma vez neste jogo de interesses – onde o português mais rústico, sem escolaridade e de muito empenho braçal se estabeleceu como “estereótipo” até hoje.

Por fim, deparamo-nos com um fluxo de imigração menor, mas igualmente importante. Embora residual comparado com os atrás referidos, esta nova leva de imigrantes portugueses a partir da crise econômica global, de 2008, que afetou e muito a estrutura portuguesa, fez reaparecer o Brasil como um destino válido no imaginário do jovem imigrante. Esta para nós, é inclusive a onda de imigração mais importante pois é nela que estará integrada o nosso objeto de estudo – o jovem português imigrante no Rio de Janeiro. Este jovem, integrante de uma Geração à Rasca, faz regressar outro tipo de português ao Brasil, diferente de seus antecessores, mas com o mesmo objetivo – trabalhar e conquistar a sua independência – agora com escolaridade, diferente desse português rústico da segunda onda de imigração estudada.

1.1.

O final do século XIX e início do Século XX

Foi na *segunda metade do século XIX* que começou um período de imigração portuguesa no Brasil intenso e na continuidade das transformações que vinham acontecendo anteriormente. Os habitantes oriundos das regiões norte de Portugal (Douro, Minho e Trás os Montes) foram destaque – pela sua pobreza e pela falta de qualificação – mas também não foram menos relevantes as regiões da

Beira Alta e Beira Litoral³. Eles eram, inclusivamente, motivo de chacota, estereotipando o português da época. Luiz Armando Oliveira (2008: 41-42) caracteriza o contexto:

“Se antes, na época colonial, os portugueses aqui chegavam como os quadros dirigentes da administração colonial, a partir de 1850, o estatuto de português no Brasil vai ser modificado, passando a ser o trabalhador (em sua maioria) e o comerciante urbano. (...) O Brasil foi o principal país receptor da emigração portuguesa. De 1855 a 1914, o país atraiu cerca de 80% a 90% dos 1,3 milhões de portugueses que saíram do país.”

Segundo Conceição Meireles Pereira *et al.* (2007: 136-138), nesta altura, o próprio contingente das forças armadas, determinado pelo Parlamento português, não conseguia atingir os números mínimos pretendidos. O Rio de Janeiro mantinha o estatuto da segunda maior cidade portuguesa no mundo, onde, em 1906, representariam um quinto da população e com uma “proporção de 71% em relação à população estrangeira”. No início do século vinte, havia cerca de 132 mil portugueses no Rio de Janeiro, com um crescimento claro na ocupação de bairros mais nobres nas regiões litorâneas – sinal claro de um processo de ascensão social (Pereira *et al.*, 2007: 107-138). No entanto, o alargamento português também se fez sentir na direção do interior, do subúrbio, hoje zona norte, em busca de residências menos caras, conjugando o fator de oportunidade de trabalho na região. A população portuguesa tinha deixado de “fornecer o enquadramento administrativo e económico para se tornar na principal fonte de mão-de-obra” (Cruz, 1986: 8-9).

Maria Antonieta Cruz relata com exatidão as ideias do Barão de Moreira, Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, quando afirmara como causas da “diáspora” portuguesa (1986: 12)

“a falta de meios de subsistência decorrente da falta de trabalho e elevado preço de cereais; a facilidade de no Brasil obterem trabalho sendo este bem remunerado; a comunhão do idioma e a similitude de costumes entre portugueses e brasileiros; a atividade dos proprietários dos navios que tenderiam a facilitar o pagamento das passagens; a existência no Brasil de parentes e conterrâneos dos candidatos à emigração.”

³ Pasckes, Maria Luisa Nabinger de Almeida (1991). Notas sobre os imigrantes portugueses no Brasil (Sécs. XIX e XX). Revista História, São Paulo, nº 123-124, p. 88.

Fatores como a guerra do Paraguai ou o desenvolvimento agropecuário português, na segunda metade do século dezanove, foram as bandeiras de alguma involução nessa estatística massificada. Maria Antonieta Cruz (1986: 23 e 112) mostra-nos, por outro lado, seis picos positivos nos anos de 72, 75, 83, 89, 93 e 95 do século XIX – os últimos três depois da abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888.

Este aumento do fluxo migratório português fez testar a capacidade de adaptação e assimilação desse povo, por vezes exaltada, recorrendo mesmo a uma justificativa de pouco orgulho de raça em suas almas, fazendo mais fácil um “abrasileiramento” do imigrante. Este era um indivíduo com um grande nível de plasticidade (Holanda, 1995: 53), jogo de cintura – talvez mais natural que isso – que lhe permitia, de certo modo, “confundir-se” (Azevedo, 2009: 8) numa sociedade e “misturar-se” – habituado, também, que já estava à mestiçagem, ao contrário de São Paulo com a respectiva criação de comunidades de estrangeiros, um pouco paralela à sociedade brasileira.

Ainda assim existia uma problemática de integração, de certo modo nova à história portuguesa, que pode ser justificada através de uma endogamia mais exigente, quando comparada com outras nacionalidades no território. Os portugueses eram desprezados pela sua condição social de pobreza – o que, quem sabe, também não traz boas memórias àquelas esquecidas por seus desinteressados descendentes, recusando o conhecimento da sua própria história ou linhagem. Neste campo de recusa, poder-se-ia incluir uma migração de retorno que, nos casos mais relevantes para os brasileiros, eram representados por “um ávido explorador que sugava e corrompia a terra e retornava ao país de origem sem deixar nada para o lugar que possibilitou o enriquecimento” (Machado, 2005: 61). Os “*torna-viagens*” ou “*brasileiros*”⁴ eram mais conhecidos pela peculiaridade de voltarem ricos, com sucesso da sua aventura, terminando a sua vida perto dos seus. Esta era uma exceção e uma imagem idílica e cristalizada

⁴ Também Alexandre Herculano definiu esta personagem: “*A designação de “brasileiro” adquiriu para nós significação singular e desconhecida para o resto do mundo. Em Portugal, a primeira ideia, talvez, que suscita este vocábulo é a de um indivíduo cujas características principais e quase exclusivas são viver com maior largueza e não ter nascido no Brasil; ser um homem que saiu de Portugal na puerícia ou na mocidade mais ou menos pobre e que, anos depois, voltou mais ou menos rico.*” (Machado, 2005: 47, 49-50).

naqueles que ficavam em Portugal e ganhavam coragem e inspiração para fazer o caminho outrora feito por esses bem aventurados. Eles foram responsáveis por uma série de representações sobre o Brasil e sobre a travessia atlântica, refere-se o mesmo autor. Por um lado, “fixou-se a imagem do regressado rico e também muito estúpido e ganancioso, usurário e faminto por comendas e nobilitação”. Por outro, o mais real em proporção⁵ e representatividade, “aquele que retornou tão pobre quanto partiu e, ainda por cima, carcomido pelas doenças tropicais”. Todavia, importa salientar que os “brasileiros” contribuíram em larga escala para um desenvolvimento mais rápido e intenso do país aquando do seu regresso, investindo parte do seu capital em obras públicas, muitas delas viradas para a educação e saúde, favorecendo um desenvolvimento econômico mas também social da população (2005: 47-61).

No começo do século vinte a imigração portuguesa para o Brasil cresceu de forma razoavelmente ordenada até ao final dos anos vinte (Scott, 2001: 7-8). De ressaltar a queda deste fluxo entre 1915 e 1919, fruto da primeira grande guerra – onde se posicionava principalmente em São Paulo, no antigo Distrito Federal e, de forma mais modesta, em Minas Gerais e Pará (todos eles locais históricos de passagem dos portugueses) – e onde só as medidas restritivas decorrentes da crise econômica brasileira a fizeram diminuir (Pereira, 2002: 91). Este volume considerável tinha implicações positivas na economia portuguesa, recebendo o país quantidades relevantes de remessas, tornando-se “um componente fundamental dos invisíveis da balança de pagamentos” (Pereira, 2002: 12), até 1930. Portugal vivia nesta época um dilema político-demográfico. A sua política poderia mesmo ser antagônica em relação a seus objetivos, senão utópica, tendo em conta os dados que dispunha e as peças que poderia mover. Assim,

“três preocupações fundamentais orientaram a política de emigração desde 1877 a 1930. Manter a corrente de divisas provenientes do Brasil e conseguir simultaneamente deslocar para África uma parte do contingente emigratório, indispensável à implantação da administração portuguesa, conciliando estes dois objetivos com as necessidades de mão-de-obra da burguesia agrária e industrial” (Pereira, 2002: 86).’

⁵ “Em 1.000 emigrantes, 10 enriqueceram, 100 eram remediados, os restantes sobreviviam, segundo uma estimativa do Rio de Janeiro” (Pereira, 2002: 46).

Algo que parecia, de algum modo, impossível. A conjugação de uma política restritiva quanto à imigração para trabalho no continente, com uma outra de incentivo em relação à mesma para recepção de divisas americanas⁶ e povoamento administrativo africano. Politicamente, do lado brasileiro, a entrada do português acabaria por ser proveitosa. Embora portando a sua imagem de ganância, outrora hetero construída pelos brasileiros, os europeus⁷ eram símbolo de modernidade e reuniam requisitos como a “facilidade de adaptação linguística, a semelhança dos costumes religiosos” e o “serem brancos numa sociedade ávida por se “europeizar”” (Nogueira, 1998: 21) e embranquecer(!).

Esta situação relativa ao desejo de branqueamento da população manteve-se, inclusive, pelas décadas seguintes, fazendo parte também da segunda onda migratória que iremos estudar a seguir⁸. Na Era Vargas, por exemplo, “a lei brasileira restringia os direitos fundamentais dos estrangeiros e previa a exclusão de todo o estrangeiro “indesejável”: aquele que não estivesse de acordo com o projeto de nação que, segundo o ideário do Estado republicano, deveria ser católica e de população branca, símbolos da civilização” (Fernandes, 2012: 2-8)⁹, onde os portugueses desempenharam importante papel pela sua capacidade de experimentação sexual entre raças, o que se traduzia numa miscigenação desejada.

Assim sendo, compreendemos o jogo de motivações entre imigrante (ponto de partida) e receptor – Brasil (ponto de chegada). Enquanto o primeiro, proveniente das regiões norte do país, historicamente mais necessitadas e menos qualificadas, vê no Brasil uma salvação para a efemeridade da miséria que assolou seus antepassados e que parece se repetir com os próprios, pela falta de emprego e falta de condições / qualificação para fugir a essa situação; o segundo, enquanto país receptor, vê um imigrante ávido por trabalho, branco e com características

⁶ Estas iriam diminuir a partir da década de 1930 devido ao “protecionismo imposto pelo governo brasileiro” (Nogueira, 1998: 28).

⁷ Leia-se: portugueses

⁸ O português era considerado um imigrante ideal.

⁹ “O Decreto-lei nº 7967 de 1945, o primeiro a flexibilizar a política de migração, determinava, no artigo 2º, que a escolha dos migrantes seria orientada segundo a “necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência europeia”.” (Fernandes, 2012: 1).

De facto, este é um problema imenso e difícil de discutir justamente em pouco espaço ou como segundo plano – porém importar aqui sublinha-lo como nota.

que transmitem a possibilidade da miscigenação e consequente branqueamento do país.

Quadro 1: Total de portugueses que entraram no Brasil desde 1881

Período	América Portuguesa (em milhares)
1881-1900	316.204
1901-1930	754.147
1931-1951	148.699
1951-1960	235.635
1961-1967	54.767
1981-1991	4.605

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000). *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro.

No Quadro 1, sublinham-se a negrito dois dos três períodos que vamos enfatizar ao longo do texto. Neste subcapítulo, remontamo-nos aos finais do século XIX e início do século XX, onde compreendemos de 1881 a 1930 um fluxo migratório que atinge pouco mais de um milhão de pessoas. Para complementar a informação referido a cima, percebemos no Gráfico 1 a grande representatividade de êxodo dos concelhos nortenhos do país com maior representatividade no estado do Rio de Janeiro como local de destino (quadro 3).

Este fluxo que diminui bastante a partir dos anos 30 do século XX até metade do século, volta a ganhar força na década de 50 – onde iremos explorar no próximo subcapítulo.

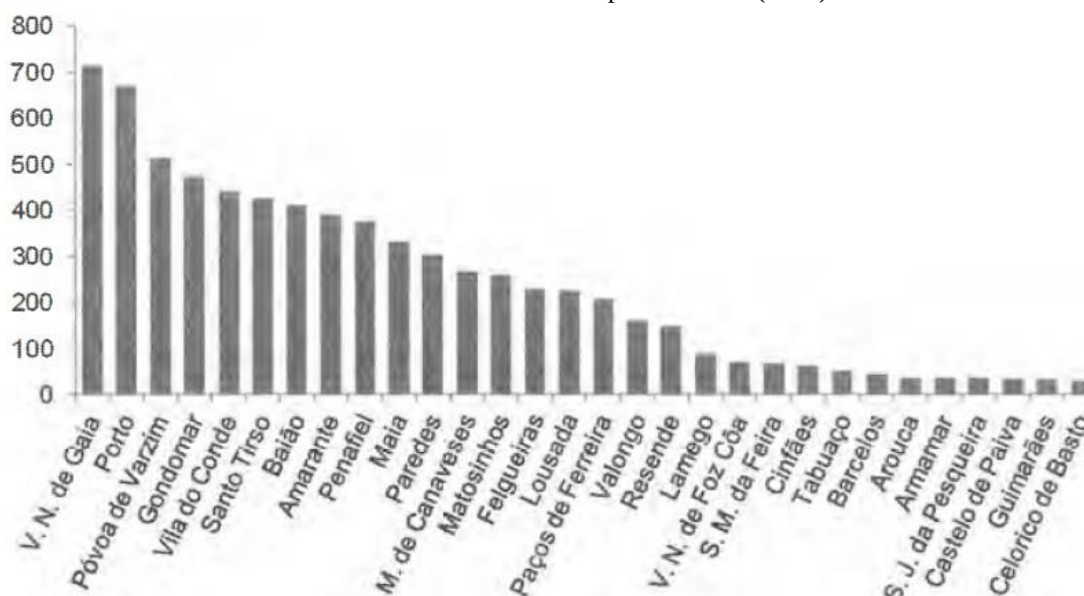
Quadro 2: Países de destino da emigração portuguesa: 1901 a 1967

	1901-1930	1931-1950	1951-1960 (a)	1961-1967 (b)
Brasil	754.147	148.699	235.635	54.767
EUA	170.807	11.766	20.934	38.093
França	-	818	17.998	342.190
Canadá	-	-	16.245	32.175
Outros	159.908	38.950	84.168	120.509
Total	1.084.862	199.625	358.735	555.559

Fonte: Barreto, Antonio, e Almeida, Carlos (1974). Capitalismo e emigração em Portugal. Lisboa, Prelo, p. 237.¹⁰

No quadro acima percebemos os fluxos e destinos da emigração portuguesa. Mais uma vez o Brasil surge com papel preponderante na recepção de portugueses, sendo o país que mais irá receber portugueses até ao final da década de 50, apenas superado a partir da década seguinte em larga escala pela França.

Gráfico 1: Distribuição dos titulares de passaporte saídos pelo distrito do Porto por concelho de naturalidade: os trinta concelhos mais representativos (1912)



Fonte: Sousa, Fernando de *et al.* (coord.) (2010). Entre mares. O Brasil dos portugueses. Belém, Paka-Tatu, p. 213.

¹⁰ Notas: a) Excluídos os movimentos migratórios para as colônias ultramarinas.

b) Incluídos os clandestinos (na prática dirigiam-se para França), excetos para os anos de 1966 e 1967.

Complementando a análise anterior, percebemos que os primeiros dez concelhos mais representados fazem parte dos distritos de Porto e Braga da região do Douro Litoral e Minho.

Quadro 3: Distribuição dos titulares de passaporte saídos pelo distrito do Porto por Estado de destino no Brasil (1912)

<i>Estado</i>	<i>%</i>
<i>Rio de Janeiro</i>	<i>66,7</i>
São Paulo	17,6
Pará	4,1
Amazonas	3,4
Rio Grande do Sul	1,5
Pernambuco	1,4
Outros	5,3

Fonte: Sousa, Fernando de *et al.* (coord.) (2010). Entre mares. O Brasil dos portugueses. Belém, Paka-Tatu, p. 214.

O final deste período coincidia com o nascimento do Estado Novo de Salazar em Portugal e com a aplicação de novas “restrições à circulação de pessoas e mercadorias” (Oliveira, 2008: 45) – o que implicou o aparecimento, também, de “imigrantes políticos” (Mansur, 2007: 67). Quanto a estes últimos,

“os motivos políticos eram diversificados: perseguições pela PIDE, atividades políticas clandestinas que se tornavam desgastantes ou falta de perspectivas profissionais devido ao comprometimento com atividades políticas, sendo alvo de exclusões (muito comuns na carreira universitária), da censura (no caso de artistas, jornalistas e escritores). Enfim, toda a forma de militância ou de atividade política contestatórias tornava-se aos poucos um constrangimento com o país” (Mansur, 2000: 51-52).

Em 1940 a população já excedia os 7.000.000 de habitantes (Nogueira, 1998: 22). O crescimento urbano, a par do industrial e da construção de vias de deslocação, constituiu um incremento para o nível geral da população. No entanto “o país [Portugal] continuava pobre”, havendo população que ficara à parte deste

quadro. Por essa razão, o Brasil continuou a receber esses imigrantes¹¹ (cerca de 54% deles), além da França, ainda que de forma menos significativa – isto, até 1967 (Oliveira, 2008: 42). Este fluxo de êxodo português para o Brasil era bastante irregular, exemplo disso foi o “epicentro da guerra mundial iniciada em 1939” onde “foram registrados apenas 146 imigrantes”.

1.2. Os Anos 50

Na última metade do século vinte a direção da emigração portuguesa é mais ampla. Se, por um lado, havia um certo incentivo da emigração para as colônias africanas, a porta europeia abriu-se como a mais segura e mais apreciada – principalmente para a Europa Ocidental, onde França, Alemanha e Luxemburgo foram alguns dos países preferidos como destino.

O Brasil, porém, manteve-se como o país que mais emigrantes recebeu na década de 50 – que nos interessa aqui aprofundar – até sofrer um declínio nos anos 60, onde o golpe de estado no Brasil ajudou neste fenômeno¹². Este fluxo migratório dos anos 50 veio acentuar a ideia do português rude, intelectualmente pouco qualificado e que tanto incomoda o jovem português imigrante de hoje. Tratava-se de uma imigração econômica mas também política para um país em industrialização e urbanização crescente.

Voltando a redefinir as motivações do lado português, aparece o espectro do salazarismo e a fuga a uma guerra colonial próxima de acontecer como fatores fortes. Portugal pareceu, mais uma vez, atrasar-se no que toca à evolução de processos socioculturais de desenvolvimento – para além dos econômicos. Se antes, a marca de uma colonização agressiva e castradora de direitos, escravista, deixou no espectro internacional uma profunda cicatriz, agora, internamente, seria

¹¹ Embora, em 1934, Getúlio Vargas tenha promulgado a Lei de Cotas de Emigração, essa não se aplicava, na prática, aos portugueses.

¹² O crescimento econômico brasileiro entre as décadas de 50 e 70, aliado à crise política que se fazia sentir em Portugal, foi fator de captação de imigrantes para o Brasil. No entanto, com o fechamento político brasileiro a partir de 64, os emigrantes “políticos” portugueses viram-se de certo modo forçados a procurar outros países como destino – o que se veio a acentuar mais tarde com a inclusão de Portugal na União Europeia a partir de 1986 e com a abertura das fronteiras dentro do espaço Schengen.

a bandeira do Estado Novo a envergonhar e derrubar, de novo, os direitos do indivíduo, não o deixando ser cidadão – como outrora teria feito na América. O regime político autoritário que vigorou em Portugal teve a sua origem em 1933, numa saga de quarenta e um anos.

Salazar¹³ foi a grande cara desta segunda república portuguesa de características corporativista, antiparlamentarista, antipartidária, em que o Presidente do Conselho de Ministros concentrava o poder executivo e legislativo, centralizando-o e reforçando-o. Não havia um Estado de direitos¹⁴. “*Tudo pela Nação, nada contra a Nação*” era um dos lemas do regime. A religião através do catolicismo sempre esteve presente neste período, tal como a censura¹⁵ e a propaganda. O anticomunismo que o Brasil tanto temia, era também aqui professado. Por outro lado, o desejo de manutenção das colónias era forte¹⁶ e foi ele, qual feitiço se virando contra o feiticeiro, que ajudou a causar a queda do regime.

Ao longo do regime, Salazar levou a cabo uma política reformista em todo o campo político e social. Equilibrizou as finanças, aumentando também a produção nacional e driblou uma ligação militar à segunda grande guerra. A vertente económica¹⁷ do regime talvez tenha sido o real e único ponto positivo deste infeliz acontecimento – principalmente na era marcellista.

¹³ António de Oliveira Salazar (1889-1970). Foi professor e político, conhecido como o maior nacionalista e fascista português, inspirado nos regimes autoritários europeus (na propaganda e na repressão).

¹⁴ “*“Estado de não direito” será, pelo contrário, aquele em que o poder político se proclama desvincu lado de limites jurídicos e não reconhece aos indivíduos uma esfera de liberdade ante o poder protegida pelo direito. (...) Estado de não direito — eis a segunda ideia básica — é aquele que identifica o direito com a «razão do Estado», com o «bem do povo», com a «utilidade política», autoritária ou totalitariamente impostos. O «direito» é tudo — mas não mais do que isso — o que os «chefes», o «partido», a «falange», decretarem como politicamente correcto. Facilmente se intuem as consequências trágicas desta identificação do direito com uma hipotética «utilidade social» ou com uma abstracta razão de Estado.*” (Canotilho, 1999: 4).

¹⁵ “*A censura intimidava os intelectuais e a sociedade, disseminando o medo sobre as possíveis consequências de qualquer ato reprovável à política oficial.*” (Roani, 2004: 18).

¹⁶ “*as empresas tinham um mercado privilegiado: as colónias. As exportações para África representavam, em 1960, 25% do total das mercadorias vendidas ao exterior. Mas em 1973 o mercado colonial já só representava 15% das exportações portuguesas, graças à melhoria da capacidade das empresas de venderem no mercado europeu, muito mais exigente e selectivo.*” (Albuquerque, 2004).

¹⁷ “*entre 1960 e 1973, o PIB português registou um crescimento médio de 6,9%!*” (Albuquerque, 2004).

“Portugal, sendo um país periférico e industrialmente pouco desenvolvido quando comparado com outras nações da Europa, no ciclo do marcelismo, dispunha de uma economia em franca expansão, revelando elevadas taxas de crescimento do PIB.” (Carvalho, 2009: 42).

A aposta, nos anos cinquenta, de uma abertura ao exterior, levou a um desenvolvimento infraestrutural das necessidades básicas do país, principalmente no que concerne a vias e meios de transporte. O país desenvolvia-se – diria. Hoje, talvez fosse mais correto defini-lo como crescimento económico. A verdade é que embora a economia crescesse, esta não conseguia acompanhar as mais poderosas da Europa e, mesmo este crescimento não conseguiu sustentar a “guerra do ultramar” – que durou 13 anos e só terminou com a queda do regime.

“O epicentro do abalo não era a metrópole, mas a África. A revolta dos povos colonizados por Portugal obrigou o país a desviar recursos pesados do orçamento para manter o esforço de guerra. Aumentavam a emigração (traço secular), a deserção, o descontentamento entre civis e militares...” (Secco, 2004: 8).

Mais, os desequilíbrios internos tornavam-se relevantes. De resto, eles persistem até hoje. Portugal é um país, como muitos outros, bastante litoralizado. As zonas rurais eram menos desenvolvidas o que levou ao conhecido “êxodo rural”. O superávit de população provocou esse êxodo, internamente com destino ao litoral, onde se situavam as zonas urbanas, as cidades mais desenvolvidas que, para além de um desequilíbrio económico, causou um desequilíbrio demográfico que ainda subsiste nos dias de hoje.

Porém, o êxodo rural, que teve uma dimensão monstruosa de cerca de dois milhões de pessoas – grande parte de forma clandestina –, fez-se também em direção ao exterior¹⁸. Há medida que iam passando anos de regime, os números tornar-se-iam mais grossos.

Contrariamente a este contexto, o Brasil de Juscelino Kubitschek vivia uma era de modernização e urbanização – o oposto de uma Europa vinda de um pós-guerra traumático. O Brasil viveu a sua fase de desenvolvimento industrial além de uma urbanização crescente. Tornava-se um país moderno tanto quanto atrativo.

¹⁸ *“foram trabalhar nas fábricas que nasciam para produzir principalmente os têxteis que a Europa do pós-guerra, agora numa situação desafogada, consumista.” (Albuquerque, 2004).*

Alterou “o consumo e o comportamento de parte da população que habitava os grandes centros urbanos. A paisagem urbana também se modernizava, com a construção de edifícios e casas de formas mais livres, mais funcionais e menos adornadas, acompanhadas por uma decoração de interiores mais despojada, segundo os princípios da arquitetura e do mobiliário moderno. Através da propaganda veiculada pela imprensa escrita, é possível avaliar a mudança nos hábitos de uma sociedade em processo de modernização: produtos fabricados com materiais plásticos e/ou fibras sintéticas tornavam-se mais práticos e mais acessíveis. Consolidava-se a chamada sociedade urbano-industrial, sustentada por uma política desenvolvimentista que se aprofundaria ao longo da década, e com ela um novo estilo de vida, difundido pelas revistas, pelo cinema - sobretudo norte-americano - e pela televisão, introduzida no país em 1950.”(Kornis: 2016)

Segundo Mônica Kornis, a sociedade de massa consolidou-se e trouxe a expansão dos meios de comunicação na sua vertente de informação e lazer, tal como a vertente artística e cultural que bem desenhou os “anos dourados”.

Quadro 4: Períodos, contribuição do êxodo rural para a urbanização e erro de previsão de urbanização no Brasil

Período	Contribuição do êxodo rural (%)	Erro de previsão (%)
1950-1960	17,4	2,86
1960-1970	17,2	2,62
1970-1980	15,6	2,08
1980-1991	9,4	0,97
1991-2000	6,6	0,51
2000-2010	3,5	0,22

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).¹⁹

O Quadro 4 retrata a explosão do êxodo rural na década de 50 que se manteve praticamente constante até finais da década de 80. Assim, confirma-se a vantagem de uma mudança de continente para uma terra em franco crescimento social e econômico, em contra partida com anos de ditadura e pobreza que se viviam e suspeitavam perdurar, como foi o caso.

¹⁹ Censos demográficos de 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. <http://www.sidra.ibge.gov.br>.

O português agrícola e rural, pobre, sem qualificação acadêmica relevante, via-se com a possibilidade de emigrar e reformular a sua vida financeiramente. Com a crescente industrialização em solo brasileiro, a força de trabalho portuguesa, não qualificada mas substituída por seu empenho, veio novamente gerar um grande fluxo de migração para o Brasil. Este fixou-se em áreas menos nobres e construiu sua própria herança a partir de trabalho duro mas muitas vezes bem sucedido. A rudeza de modos a eles associados contextualiza-se numa vida de esforços pautada quase única e exclusivamente pelo trabalho e a arrecadação – motivo primeiro da sua vinda para o Brasil – a par de uma educação pouco consolidada, usual no contexto de sua proveniência rural e subdesenvolvida.

A partir da década de 60 tudo mudou. Já se iniciava a construção da União Europeia, naquela altura Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, datada de 1958, com os primeiros seis países (Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Holanda), como resposta a uma fragilização proveniente de uma primeira metade do século de guerras e destruição. Este era um ponto de mudança fulcral em que os nacionalismos eram postos de parte e o pacifismo imperava. Deste modo a Europa foi-se desenvolvendo economicamente mas, principalmente, como estado do bem-estar social. Do outro lado do Atlântico, o Brasil não vivia dias melhores. O golpe militar de 1964 repele a imigração e faz disparar o fosso entre ricos e pobres, favorecendo o quadro europeu. Entre 1961 e 1967 o número de imigrantes para o Brasil estabeleceu-se em 25% em relação aos dez anos anteriores²⁰. Números posteriores mostram o seu decréscimo de forma ainda mais acentuada. No final da década de 70, o Brasil apresentava mais de metade da sua população residente em áreas urbanas (Santos, 1996: 31-34), sinal “do vigoroso processo de urbanização que estava em marcha no país” (Antônio Oliveira, 2007: 350), embora a região metropolitana do Rio de Janeiro tenha entrado em declínio²¹.

²⁰ IBGE (s.d.). Imigração portuguesa para o Brasil (1500-1901).

²¹ O período entre 1950 a 1980 “*é dominado pelas políticas de industrialização de substituição de importação. Seu sucesso criou poderoso e diversificado mercado urbano de trabalho*” (...) “*Atraídas por esse poderoso mercado, as populações rurais migraram para as cidades. Como não poderia deixar de ser, o êxodo rural ganhou velocidade e se acelerou no Sudeste*” (...) “*Na década de 1960-1970, o Sudeste perdeu 43,2% de sua população rural e, na década de 1970-1980, 40,3%. Seguindo-se o processo de industrialização que se irradiou do Sudeste para o Sul e para o Centro-Oeste, com algum atraso, o êxodo rural também se intensificou naquelas regiões,*

Como se pode inferir, este foi um período histórico longo e com uma matriz evolutiva no que toca ao desenvolvimento do país (Brasil) do ponto de vista demográfico, com reflexos económicos que o foram catapultando para um patamar de destaque a nível internacional. A pujança territorial de uma dimensão continental, povoada e consecutivamente urbanizada, faria a outrora colônia ultrapassar o país que lhe deu esse “empurrão”. O Brasil tinha-se tornado, por força de seu cordão umbilical, uma parte de Portugal – e vice-versa – onde histórias e atores se confundem e onde as memórias de uns são as memórias de outros, com um sotaque diferenciado, num ou noutro hemisfério.

1.3.

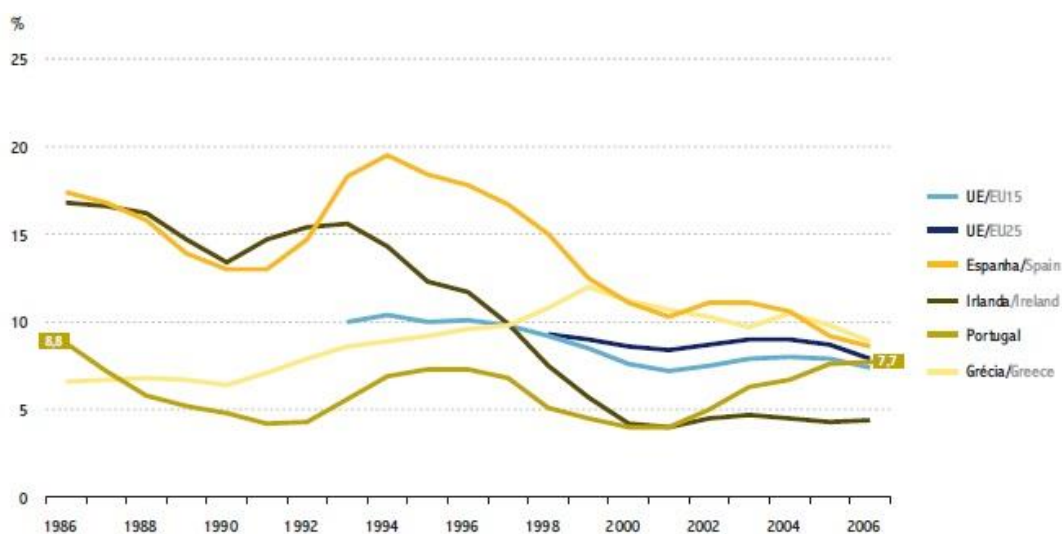
O pós crise de 2008

Os anos 2000 não fluíram da forma esperada para Portugal. O desenvolvimento alcançado desde a sua entrada para a União Europeia, em 1986, parecia estagnar e os seus indicadores não davam mostras de evolução. O desemprego, confirmando a tese, começaria a subir a partir da virada do século XXI numa escalada que teve o seu auge no pós crise de 2008.

Esta integração proporcionou, em termos objetivos, uma melhoria das condições de vida da população. Ainda assim, Portugal teve uma característica diferente dos demais países que aderiram à comunidade nos anos oitenta. Espanha, Itália e Grécia tinham conseguido “cessar” os movimentos de saída do país, ao contrário de Portugal – onde nunca deixou de haver esse carácter emigrante, agora, mais facilitado que nunca, e de forma temporária (migração de proximidade), com um objetivo claro de retorno financeiro. (Peixoto, 2004: 3-9). Aqui, o Brasil já tinha deixado de ser o ponto de chegada principal para dar lugar aos vizinhos europeus, como França, Luxemburgo e Suíça, que até hoje contemplam grandes comunidades portuguesas.

drenando grande parte da população rural, a qual, hoje, só tem maior vulto no Nordeste. Por isso, nas últimas duas décadas, essa região experimentou grande migração rural-urbana, também motivada pelas luzes das cidades, das suas cidades e das do Sul do País” (Eliseu Alves et al., 2011: 81-82).

Gráfico 2: Taxa de desemprego total na União Europeia (1986-2006)



Fonte: INE (2007). Portugal – 20 Anos Integração Europeia. Ed: INE, Parlamento Europeu e Comissão Europeia. p. 61.

Portugal, sempre comparado com países com problemas constantes e semelhantes como Grécia, Irlanda e Espanha, parecia, ainda que muito abaixo das potências europeias, ter números reduzidos no que tocava ao desemprego. Este aparecia sempre de forma flutuante ao longo das décadas, com relativas melhorias desde a entrada de Portugal na União Europeia até 1992 e, mais tarde, entre 1998 e 2000. A partir de 2000 presenciou-se, até aos tempos que correm, a um aumento drástico dos números do desemprego – principalmente relevantes nas camadas mais jovens da população.

Devido ao grande atraso autoritário sofrido, Portugal não conseguia acompanhar grande parte das médias europeias relevantes na mensuração do seu desenvolvimento. Em 2004, Portugal apresentava o vigésimo oitavo índice de desenvolvimento humano mundial, sendo apenas o décimo sexto a nível europeu.²² Com uma mudança para a terceirização no mercado de trabalho, o envelhecimento da população e o pouco investimento em I&D (por vezes um quarto ou metade, no máximo, da média europeia²³) não permitiu a aproximação

²² PNUD (2006). Relatório de Desenvolvimento Humano.

²³ INE (2007). Portugal – 20 Anos Integração Europeia. Ed: INE, Parlamento Europeu e Comissão Europeia. p. 107.

desejada aos padrões de desenvolvimento sonhados aquando da entrada para este grupo, na altura restrito – tido como elite. (INE, 2007: 43-107) Por outro lado, os investimentos em obras nem sempre ajudaram ao crescimento do país, pois estas raramente geraram capacidade produtiva e, conseqüentemente, potencial para gerar riqueza – independentemente da sua real utilidade.²⁴ Assim, a periferia ou mais recentemente denominada, semiperiferia, voltou a fazer parte do radar lusitano. Neste ponto, encontramos já em 2006 um discurso diferente por parte da população. Se nos anos seguintes à adesão e à criação da moeda única o sentimento e, conseqüentemente, o saldo qualitativo parecia ser positivo, a partir de metade da primeira década do século vinte e um a situação parece alterar-se. Os portugueses já não consideram tirar grande partido de pertencer à UE.

Com a coesão social não sendo uma meta alcançada durante este período de integração, outro problema surgiu e veio contribuir para o agravamento de uma situação que, já de si, vivia um gráfico descendente. “A” crise financeira²⁵ que despontou nos Estados Unidos acarretou efeitos em praticamente todo o globo. No entanto, a Europa foi um dos continentes que mais sofreu com isso. As finanças traduziram-se num mural de drama pessoal e psicológico. O colapso de fortunas, poupanças ou investimentos, o desemprego e a não capacidade de indenização fizeram esta crise financeira se tornar muito mais que isso. Tornou-se, de facto, até aos dias de hoje, uma crise social – hoje, em muitos lugares, já vista como uma crise nacional. Em Portugal, o desemprego foi o grande fator social relevante desta crise. O sonho, indicado por uma formação centrada no ensino académico, muitas vezes mais teórico do que preparatório para as realidades laborais, com o seu auge na graduação, transforma-se – mais que nunca – num real sonho. A “confiança cega” num sistema bacharelesco, fruto de uma tradição própria da

²⁴ Jornal de Notícias (2011). Economista justifica crise por portugueses terem feito “vida de cigarra”.

²⁵ “A crise financeira é por elas equacionado enquanto realidade em si cuja possibilidade de superação depende essencialmente da diminuição dos défices anuais do Estado e do endividamento externo do país. Combate-se um problema financeiro recorrendo a medidas de cariz financeiro. Noutros casos, a abordagem ao problema financeiro entrecruza-se com a análise do campo económico. As medidas de austeridade afectam a actividade económica, mas a superação dos défices orçamentais e do endividamento externo estão dependentes do crescimento da economia portuguesa. A este nível emergem normalmente dois conceitos quase mágicos: “exportações” e “produtividade”.”

Explicação académica correta e recorrente mas que o autor considera desajustada à realidade portuguesa, onde o principal foco deveria ser o capital humano e o conhecimento que possui (ou falta dele) (Cantante, 2010).

importância do diploma para a juventude e de um certo desconhecimento da realidade futura, dita ainda um caminho único para o sucesso. Este, claro, não pode ser negado – o ensino superior²⁶. A contínua aprendizagem revela uma maior capacidade das sociedades em que esses membros se inserem. Porém, os ensinamentos recebidos de pouco servirão se não se puderem por em prática, se não for possível deles tirar algum partido. Pior que, sem isso, o jovem sente-se perdido, pois as suas ferramentas não o preparam para mais. O funil da especialização e da formação superior nos moldes primários já se tornou inconsequente. A sua única consequência será mesmo, em muitos dos casos, o desemprego. No entanto, se atentarmos para os dados referentes aos ganhos mensais e níveis de habilitação, compreendemos que o caminho a seguir ainda é o da qualificação pelo ensino superior²⁷ – como indica no quadro 5 – ainda que esta solução esteja cada vez mais interligada com uma fuga do país no tempo atual.

O desemprego aliado a um nível de educação / qualificação não suficiente no mercado global – se considerarmos um país, ainda que semiperiférico, desenvolvido – são constantemente referenciados como causa e consequência de um empecilho que não permite afastar parte da crise.

“Além de a mão-de-obra em Portugal ser comparativamente desqualificada ao nível das suas habilitações formais, os dados disponíveis indicam que os níveis de literacia da população portuguesa com menores qualificações escolares se situam bastante abaixo dos valores médios registados nos países da OCDE para as populações que detêm esse tipo de perfil habilitacional. Ou seja, estamos perante um tipo de mão-de-obra pouco preparada para fazer face a desafios laborais mais complexos e exigentes.” (Cantante, 2010).

No entanto, no campo educativo a situação tem sido – como não poderia deixar de ser – de um aproximar à média europeia e aos respetivos países de topo tidos como exemplo.²⁸ Porém, esse fator poderá estar em risco de se perpetuar devido à falta de expectativas derivadas de uma formação académica não reconhecida ou impossibilitada de o ser no campo laboral pela inexistência de emprego dentro do território português – sublinho, português.

²⁶ “Cerca de 3/5 (59%) da população média empregada em Portugal no ano de 2011, com idade entre os 15-64 anos, não tinha ido além do 9º ano de escolaridade (...) 19,7% concluiu o ensino superior.” (Observatório das Desigualdades, 2010)

²⁷ “A qualificação da população é o principal factor competitivo das economias nas sociedades atuais.” (Cantante, 2010).

²⁸ No Quadro 7 pode-se verificar a evolução da qualificação dos portugueses desde 1998 até 2015, na página 52.

“Indicador que ajuda a objetivar a tendência de qualificação da população jovem é o peso relativo dos trabalhadores com ensino superior face ao total da população trabalhadora de uma determinada faixa etária: em 2000 esse peso era de 3,9% e 14,0% na faixa etária dos 15-24 e 25-34 anos, respectivamente; em 2009 esses valores aumentam para 7,3% e 31,0%.”²⁹

Nuno de Almeida Neves sublinhou isso mesmo de forma ainda mais expressiva. Afirmou a “subida muito acentuada do volume de desempregados em todos os escalões etários” (Neves, 2013) e níveis de qualificação, onde “os menos qualificados transitam para a inatividade”. Para mais, quanto maior a faixa etária, maior o tempo permanecido nessa situação de desemprego³⁰. Não obstante, é importante perceber que nos dez anos anteriores ao surgimento da crise, o desemprego vinha aumentando gradualmente, porém, e apenas no período entre 2008 e 2010, esses números aumentaram em mais de 40,5% (Cantante, 2010) - números ainda inferiores aos anos que se seguiram.

Trata-se, assim, de um duplo problema. A dupla realidade onde os mais escolarizados que têm formação universitária não encontram postos de trabalho, enquanto que os que possuem uma baixa qualificação também não.

A oferta laboral, quando existente, não é condizente com as capacidades (enquanto trabalhador) e necessidades (enquanto cidadão) do empregado qualificado. A redução dos salários e o aumento do número de horas de trabalho podem ser fortes indicadores disso. A sustentabilidade e a competitividade da economia são a curto ou médio prazo postas em causa. (Cantante, 2010). Na mesma linha e para concluir, Frederico Cantante resume bem o contexto a ser seguido.

“Para ser competitivo com países que não assentam a sua economia nos baixos salários e na desregulação das relações laborais, Portugal tem de garantir que a sua população activa disponha do conhecimento e das competências necessárias ao aumento do volume e qualidade dos seus produtos e serviços.”³¹

²⁹ Aqui referindo-se apenas ao setor privado (Observatório das Desigualdades, 2010).

³⁰ “mais de metade da população desempregada estava nessa situação há mais de 12 meses: 32,8% no grupo etário dos 15-24 anos; 53,8% no grupo dos 25-49 anos e 72,9% no grupo dos 50-64 anos.” (Cantante, 2010).

³¹ Diria eu, através de uma reforma do sistema de ensino, virado para reais necessidades e desafios do contexto global e profissional em que nos inserimos – por exemplo no reforço do espírito e técnica empreendedora.

Isto, basicamente, significaria uma revisão curricular para atender às demandas do novo mercado de trabalho interno ou para atender a perspectivas de emigração – reforçando, por exemplo, o ensino de outras línguas.

Quadro 5: Desemprego em Portugal no terceiro semestre de 2010

	<i>Nº de desempregados (milhares)</i>	<i>Peso relativo (%)</i>	<i>Taxa de desemprego (%)</i>	<i>Variação homóloga dace ao 3º trimestre de 2008 (%)</i>
Total	609,4	100	10,9	40,5
Homens	281,2	46,1	9,6	45,2
Mulheres	328,2	53,9	12,4	36,8
Idade				
15-24 anos	98,8	16,2	23,4	13,3
25-34 anos	136,6	30,6	13,2	34,7
35-44 anos	138,8	22,8	9,5	53,5
45-64 anos	185,2	30,4	8,1	56,2
Nível de escolaridade completo				
Até ao 9º ano	418,6	68,7	11,5	40
Ensino secundário ou pós- secundário	122,3	20,1	11,7	84,7
Ensino superior	68,5	11,2	7,8	-0,3
Regiões				
Norte	252,8	43,1	13,2	45,7
Centro	99,2	16,3	7,4	26,5
Lisboa	157,8	25,9	11,3	37,6
Alentejo	42,8	7	11,6	28,1
Algarve	28,9	4,7	12,8	115,7
RA Açores	7,8	1,3	6,6	25,8
RA Madeira	10,1	1,7	7,8	38,4
Duração da procura				
Menos de 1 mês	28,5	4,7	0,5	-21,6
1 a 6 meses	141,5	23,2	2,5	17,2
7 a 11 meses	98,6	16,2	1,8	71,2
12 a 24 meses	157,6	25,9	2,8	62,8
25 e mais meses	181,6	29,8	3,3	55,2

Fonte: INE (2011). Inquérito ao Emprego.

No quadro acima percebemos como o desemprego afeta o grupo que pretendemos estudar. Embora tenhamos colocado como definição o nosso jovem com idade entre os 18 e os 29 anos, importa aproveitar os dados referentes a uma definição mais ampla para efeitos estatísticos, juntando duas faixas etárias que representam desde o momento em que o jovem tem permissão legal para trabalhar até uma idade considerada limite máximo da juventude adulta, na faixa dos 34

anos. São 20 anos que representam o futuro laboral e social de um país que se vê, logo à partida, ceifado na sua estrutura através da falta de um dos pilares e direitos – o trabalho. Esta constatação agrava-se quando percebemos que o cenário não é diferente para aqueles que possuem maiores qualificações e que, por isso, deveriam ter outra interação com o mercado de trabalho – assim como lhes foi “prometido”. De referir e compreender com mais atenção que a variação homóloga no que toca ao desemprego de jovens com ensino superior sofre uma queda, não pela real inserção no mercado de trabalho português mas, sim, pelo êxodo que se começou a iniciar nessa data e não mais parou – atingindo valores históricos.

Quadro 6: Emigrantes: total e por tipo - Portugal

<i>Emigrantes por tipo</i>			
Anos	Total	Emigrante permanente	Emigrante temporário
1960	32.318	-	-
1970	66.360	-	-
1980	25.207	18.071	7.136
1990	-	-	-
2000	21.333	4.692	16.641
2001	20.223	5.396	14.827
2002	27.358	8.813	18.545
2003	27.008	6.687	20.321
2004	-	6.757	-
2005	-	6.360	-
2006	-	5.600	-
2007	-	7.890	-
2008	-	20.357	-
2009	-	16.899	-
2010	-	23.760	-
2011	100.978	43.998	56.980
2012	121.418	51.958	69.460
2013	128.108	53.786	74.322
2014	134.624	49.572	85.052

Fonte: INE, PORDATA. Última atualização a 26 de junho de 2015.

Como podemos confirmar no Quadro 6, existe um aumento claro de emigração portuguesa a partir do ano de 2008, com valores que atingem mais de 100 mil pessoas por ano a partir de 2011 – mostrando a relevância do fenómeno, ao longo desse período, uma média de 50 mil pessoas por ano emigraram com um carácter permanente – grande parte dessas, claro, os jovens. Esta situação, representada através de um “*brain drain*” crescente, mescla ainda uma fuga pouco qualificada com esta, mais importante e objeto da nossa reflexão, super qualificada. Assim aparenta estar a Geração à Rasca que iremos apresentar de forma mais aprofundada daqui para a frente. Esta que se desenrasca no campo da migração através da *necessidade, proximidade e ambição*, como refere João Peixoto:

“Em primeiro lugar, contam-se as dinâmicas contrastantes entre a economia portuguesa e outras, no que diz respeito a taxas de crescimento económico e taxas de desemprego, incluindo desemprego jovem e qualificado. Estas causas, ligadas à debilidade da economia portuguesa e ao seu maior nível de desemprego, dão origem ao que podemos designar como migrações por necessidade. Em segundo lugar, encontra-se a facilidade de movimentação no espaço europeu. Este tipo de causas está ligado ao que podemos denominar de migrações por proximidade – referindo desta forma não apenas a proximidade física, mas também a liberdade política de circulação (cidadania europeia). Em terceiro lugar, figura o alargamento das expectativas de mobilidade social. Este último factor permite designar um terceiro tipo de fluxos como migrações por ambição.” (2012: 5-9).

Que (falta de) opções são estas? Que jovem é este? O que procura e o que demanda? Que meios tem para se tornar um jovem adulto independente, de sucesso – hoje, diga-se, empregado. Qual a sua trajetória e onde pretende chegar? São algumas das questões que esperamos ver respondidas ao longo do próximo capítulo.

2.

Capítulo segundo – Desafios do jovem português em contexto de crise

Já dizia Bourdieu³², “a “juventude” é só uma palavra”. Ele inscreveu essa afirmação há mais de quatro décadas e definiu bem o conceito de juventude na sociologia, com validade até aos dias atuais, pois juventude como conceito, precisa ser contextualizado na sua classe de origem (Paiva: 2013, 28). Para a compreensão desta encruzilhada, é necessário analisar a tensão entre subordinação material do jovem à família (por exemplo) e um desejo emancipatório – complexificando um conceito que é muito mais do que uma palavra “estanque”, na verdade, o seu significado envolve um processo. Como Bourdieu refere (1983: 151) em tom explicativo-comparativo, “é o paradoxo de Pareto que diz que não sabe em que idade começa a velhice, como se não sabe onde começa a riqueza”. Ou seja, este conceito é, de certo modo, maleável de acordo com o contexto nele tratado – com a época, com o espaço, com os sujeitos, com a classe.

O entendimento do que é ser jovem e da sua passagem à fase adulta varia com tempos históricos e espaços distintos. O jovem que nos interessa estudar, atual e proveniente de Portugal, sofreu também mudanças no seu perfil como ator na sociedade ao longo do último século. A escola e o trabalho aparecem como pilares para a nossa discussão – eles que alteram também o rumo da formação familiar e da própria independência e passagem à fase adulta.

A verdade é que a escolarização mudou a vida e o perfil do jovem em sociedades que passaram por um processo de desenvolvimento. Esta causou um retardar da passagem do jovem para a vida ativa e assim retardava a conquista de uma vida adulta, dita independente. Com a obrigatoriedade escolar crescendo de forma gradual e com o combate à exploração infantil³³ outrora sem legislação

³² Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les jeunes et le premier emploi*, Paris, *Association des Ages*, 1978.

³³ No Brasil, a questão do trabalho e do jovem é marcada pela escravidão. Na época, a criança era impossibilitada de aceder à escola e o seu processo de juventude – como atualmente o entendemos – seria uma etapa pulada na sua formação. Desde criança o trabalho era a única forma de estar na vida, sendo essa a sua passagem a uma vida adulta, diferenciada apenas pela capacidade de transporte e pela força de trabalho que fisicamente conseguira empregar. Hoje, este problema,

própria, temos um jovem mais qualificado e menos independente. Como afirma Regina Novaes (2007: 3),

“A concepção moderna de juventude tornou a escolaridade uma etapa intrínseca da passagem para a maturidade. Já a partir das transformações do século XVIII e, sobretudo, após a segunda guerra mundial, “estar na escola” passou a definir a condição juvenil. Idealmente, o retardamento da entrada dos jovens no mundo do trabalho, garantiria melhor passagem para a vida adulta.”

Se é verdade que, na maioria dos casos legislados, o jovem pode trabalhar a partir dos 16 anos e é, por essa altura, que deixa de haver uma obrigatoriedade escolar (cada vez mais combatida em determinados países – ainda poucos – para se alongar), também o é que existe uma dificuldade por parte destes de, nessa idade, encontrarem um trabalho remunerado que não seja mais que uma ajuda extra ou trabalho parcial. A própria valorização escolar por parte dos jovens, traz-lhes a vontade de permanecerem na escola – muitas vezes a tempo inteiro. Esse, segundo os países desenvolvidos, seria o modelo ideal de desenvolvimento do jovem – em formação física, cognitiva e social, como lembra Regina Novaes.

No entanto, numa perspectiva mais realista e abrangente, apercebemo-nos que nem sempre é assim. A valorização da escola e do trabalho, tal como o entendimento social do que é ser jovem e adulto, varia de contexto para contexto, dependendo da cultura e da classe em que se está inserido. Sendo assim, é difícil falar numa “juventude” – geral – não especificando muito bem um contexto (ou mesmo um desejo). Como refere Regina Novaes (2007: 1),

“hoje já é lugar comum falar em “juventudes”, no plural. Em uma sociedade marcada por grandes distâncias sociais, são desiguais e diferentes as possibilidades de se viver a juventude como “moratória social”, tempo de preparação. A condição juvenil é vivida de forma desigual e diversa em função da origem social; dos níveis de renda; das disparidades socioeconômicas entre campo e cidade, entre regiões do mesmo país, entre países, entre continentes, hemisférios”.

Compreendemos diferenças culturais que redefinem, ao seu sabor, a condição de jovem. Se considerarmos juventude como o processo que vem da adolescência e que culmina com a passagem à vida adulta, de forma prática ou

embora atenuado, ainda não foi totalmente erradicado no país e continua com alguma expressividade principalmente no que toca à agricultura e economia informal.

simbólica³⁴, percebemos que diferentes culturas interpretam, de forma diferente e ritualizada, esta mudança. Ao nível étnico isso é bastante visível, quando nos deparamos, por exemplo, com ritos de passagem próprios (para a vida adulta). Aqui, como DaMatta³⁵ se refere (2000), são costumes exóticos – aos nossos olhos – que “obrigam os indivíduos a mudar de posição dentro de um sistema” e que muitas vezes se apoiam em crenças religiosas.

“os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de aparar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana.” (DaMatta, 2000: 7-29).

Menos exótico e com maior proximidade do objeto aqui tratado, podemos claramente falar, mais uma vez, do fim da escolaridade e da busca de um trabalho, como um rito de passagem comum e naturalizado.

Porém, e é isso que mais nos interessa perceber aqui, esta definição – preto no branco – em que se vira a página e se “transforma” o jovem em adulto não mais parece existir, como concorda José Machado Pais. O que em determinadas zonas do globo é algo “exato”, torna-se bastante subjetivo em sociedades “ditas” desenvolvidas, particularmente no jovem moderno, global, ocidental.

“No entanto, na visão de Pais (2009), pesquisador português, “hoje em dia são mais fluidos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases da vida” (p. 373), postura também assumida por Brêtas et al. (2008) ao fazerem referência à falta de rituais de passagem à vida adulta na atualidade. Para Pais (2009), muitos dos ritos tradicionais que marcavam a entrada na vida adulta, por exemplo, não são mais assim reconhecidos, como o nascimento do primeiro filho e a saída da casa dos progenitores.” (Souza, Luciana e McCarthy, Sherri, 2010).

Assim o corrobora Luciane Souza e Sherri MacCarthy³⁶ quando, em seu estudo, apresentam um conjunto de ritos de passagem – estes assim entendidos pelos jovens contemporâneos – em que a subjetividade parece fazer parte do imaginário de transposição de uma para outra categoria. Desta forma, “tomar

³⁴ Aqui analisando diferentes tipo de juventude (em diferentes culturas) e não diferentes tipos de jovem. Isto é, diferentes grupos, identidades – estes e estas que podem e, muitas vezes fazem, parte da mesma sociedade.

³⁵ *“os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de aparar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana.” (DaMatta, 2000: 7-29).*

³⁶ Revista Interinstitucional de Psicologia (2010). Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. Nº 3. p. 124-135.

grandes decisões de vida importantes sem conselhos da família” é o rito de passagem mais referido, seguindo-se de outro referente a “ser responsável por outras pessoas” e “tornar-se independente financeiramente dos pais”.

No entanto, esta parece ser, direta ou indiretamente, uma questão fulcral do jovem de hoje. Ligando-se ao mercado de trabalho em que se insere, ao contrário, por exemplo, dos ritos de passagem “mais exóticos” que se distanciam deste quadrante, e mesmo das respostas vistas anteriormente, a independência, muito mais que uma autonomia (que não precisa ser auto suficiente), baseia-se no quadrante financeiro para servir de seu suporte. Porém, é preciso lembrar que a independência, embora seja um fator fundamental para uma “real” passagem à vida adulta, é usualmente confundida como sinônima da autonomia, da afirmação e da definição de adulto. Por isso, e para melhor perceber e diferenciar estes conceitos fundamentais ao tema, voltarei a eles mais à frente.

Mas, afinal, o que é ser jovem? Será um processo de transformação? Um estado de alma? Um simples estágio biológico não o é decerto. O jovem é uma transição, poderíamos afirmar. A juventude é um complexo sistema que está relacionado a insegurança (não só no campo da psicologia, mas sim também no campo social, dos desejos, perspectivas, da materialidade), com a luta perante o domínio da auto estima ao conhecimento do “eu” e do “outro”. Como Regina Novaes se refere, embora com todas as diferenças culturais e históricas que possam se posicionar entre os diferentes jovens no eixo espaço/tempo, continua sendo comum entre eles a “adrenalina, os hormônios, o corpo jovem” que favorecem “a predisposição para a aventura e as representações de força e vitalidade motivando a ousadia de arriscadas práticas juvenis” (2007: 2) – onde, por exemplo, o *desenrasque* será uma delas, vinculada ao contexto próprio e imaginário do jovem português.

Este jovem, mais conscientizado, com maior escolaridade em Portugal (pela maior facilidade e quase obrigação no acesso à cultura e educação), organiza-se – num exercício de cidadania. Questiona o caráter homogeneizante das sociedades industrializadas e constrói aos poucos outras identidades. Não se trata pois de equacionar cidadania com homogeneidade, mas a igualdade mínima para a fruição de direitos no que se refere à educação e trabalho são condições de

partida. Vai ao encontro do que “questiona” Benhabib, citada por José Machado Pais: “Será que o ideal de cidadania se cumpre apenas na defesa da igualdade ou, também, no reconhecimento da diferença”? (Pais, 2005: 54).

“É que a cidadania da “cepa torta” é regida por princípios universalistas que ignoram as necessidades particulares a que respeitam as diferentes identidades. É uma cidadania que tende a olhar os cidadãos como iguais quando, na realidade, eles são diferentes. Enfim, é uma cidadania que abraça os mitos homogeneizadores perante uma realidade heterogênea, de diferentes grupos culturais e sociais.” (Pais, 2005: 66).

Como completa Regina Novaes,

“a consagração dos direitos difusos teve amplas conseqüências sociais. Se os tempos modernos se caracterizaram pela busca da igualdade por meio da consagração de direitos individuais, no mundo contemporâneo a matriz política é definida pelo reconhecimento e valorização da diferença e das identidades coletivas”. (Novaes, 2007: 8).

Segundo Pais (2005: 66), “há jovens que não podem nem querem viver com os padrões prevalecentes da sociedade. O conformismo assusta-os. Ou a possibilidade de serem engessados em “moldes de comportamento”. Negam-se a serem tomados como marionetas de políticas de juventude que apenas os pretendem “enquadrar”³⁷ – e, aqui, pode-se substituir, ou acrescentar às políticas de juventude, as restantes políticas que, de uma ou outra forma, atingem o jovem no seu processo de desenvolvimento e estruturação e, mais, (de acordo com esta tomada de consciência do “outro”) os “outros” a que ele não pertence, mas convive dentro de cada sociedade. Ou seja, o jovem chama para si uma certa autonomia e, mais que isso, emancipação política no que se refere a legitimar demandas próprias dos grupos onde se insere, refletindo suas personalidades e posicionamentos.

O jovem toma voz a partir de uma ação que pretende enfatizar “aspetos singulares da sua experiência geracional social”, particularmente sublinhando suas “vulnerabilidades, demandas e potencialidades” (Fávero et al., 2007: 253). Grupos de jovens, mais ativos social e civicamente, querendo participar dos destinos de cada sociedade, da nação, parecem se movimentar em redes diferenciadas das

³⁷ O jovem (o “cara”, segundo José Machado Pais) tenta, assim, se distanciar do “careta”. Os jovens reivindicam novas experiências e formas de estar. Procuram a irreverência e o ser (mais) “descarado”, ultrapassando, precisamente, esses “condicionamentos” e “preconceitos” formais dos “caretas” (Pais, 2004).

anteriores. A política enquanto pensamento, construção e discussão das demandas do grupo passa-se a fazer através de ações virtuais, de redes não oficiais, opção escolhida pela descredibilização que o espectro político português parece mergulhar. Este pode ser considerado um bom efeito/consequência do mundo globalizado e tecnológico, que outrora promoveu os direitos a partir do indivíduo, mas que hoje, embora num esquema individual e, também por isso, até certo ponto, distante entre si no espaço, promove um alargamento da cidadania e uma inclusão participativa de todo e qualquer um – mais protegido e, por isso, expressando de forma mais autêntica suas ideias, valores, reflexões; enfim, se libertando para a liberdade.

Esta situação provoca um debate bastante mais alargado da sua participação, que para efeitos práticos de atuação, compreensivelmente se afunila mais tarde em determinados símbolos, sejam indivíduos ou organizações que materializam no espaço público – e não só virtual – todo um pensamento e reflexão em ação (o espaço político nacional). Assim – a nível global, e no caso específico do português – aparece-nos um jovem muito mais dotado de ferramentas para lutar, com maior escolaridade e, por isso, com um conjunto amplo de informação disponibilizada e com respetiva capacidade de diálogo bastante facilitada pelas tais novas tecnologias globais e, cada vez mais, extensões obrigatórias do corpo – exemplo da Geração à Rasca que analisaremos a seguir.

No caso português, este crescente *know-how* e *empowerment* deste jovem consciente, que demanda seus direitos – como o de trabalho e anseia por uma independência – esbarra precisamente no outro lado da globalização, da industrialização e do capitalismo. Se ligarmos o desacreditar do jovem à política com as ideias inerentes de corrupção e falta de seriedade, com o mau aproveitamento de verbas e um déficit de investimento com proporções corretas nos determinados setores fundamentais, fulcrais das sociedades (como a educação, saúde e justiça), surge ainda outro fator, determinante, que o empurra ainda mais para o protesto e os afasta das esferas políticas vigentes, o direito e a falta de trabalho – de acordo com as expetativas e qualificações de cada um.

Como vimos atrás, o trabalho sempre esteve presente no imaginário jovem. Não diria o trabalho em si, enquanto profissão escolhida e prazerosa, mas sim

enquanto forma possível de ganhar dinheiro e garantir a sua vida – o ganho de autonomia e consequente independência. No entanto, com a obrigação escolar e o apelo à profissionalização através do “juntar o útil ao agradável”, ou seja, se especializar no que gosta e, com isso, ganhar dinheiro, o jovem abdicou de uma independência mais precoce e fiou-se nas expectativas e promessas que, ao longo de uma década de estudos, lhe foram endereçadas.

Este é um ponto determinante em todo este texto. O trabalho modificou-se. O jovem também. O trabalho enquadrou-se no direito internacional e nos direitos humanos. Estabeleceu-se uma idade mínima para o seu começo e considerou-se direito fundamental para todos. O jovem prescindiu do abandono escolar e foi, literalmente – e ainda bem – obrigado a permanecer na escola. A se qualificar, a se educar. O trabalho exigiu uma especialização, uma qualificação própria, diplomas e responsabilidades acrescidas perante o trabalhador e o seu produto. Ao jovem, para além de uma educação valorizada, sugeriu-se um trabalho melhor com um respetivo salário melhorado em relação aos seus antecessores que não dispunham das mesmas características. A economia terceirizou-se, a agricultura reduziu-se a espaços e a um minifúndio familiar de autoconsumo ou transformou-se em indústria carente de profissionais licenciados. O jovem sai de casa e os pais, de certo modo, são obrigados a sustentá-los (idilicamente) até à maioridade – fora os estudos superiores, imprescindíveis.

Ora vejamos, os jovens de hoje e que surgem submetidos a este contexto são aqueles que Twenge e Gronbach definem como *geração Y* (Matta, 2013: 46).³⁸ Este jovem, outrora global mas localizado nas suas raízes, torna-se global e movimentado, realociza-se e desterritorializa-se. Sai do seu espaço de conforto e enfrenta a novidade, desafios, obstáculos distintos dos que, outrora, conheceu ou reconheceu. Dentro desta, aparece a tal Geração à Rasca, mais específica,

³⁸ “O termo *geração Y* tem sido amplamente divulgado pela imprensa nos último anos. Entretanto, tal termo apresenta definições divergentes nos meios académicos. Enquanto autores como Twenge (2006) definem essa geração como a dos nascidos entre 1970 e 1999, outros como Gronbach (2008), compreendem ser mais correto reduzi-la para uma faixa mais estreita e com menos idade, considerando, como *geração Y*, apenas os nascidos entre 1985 e 2012.” (Matta, 2013: 46).

contextualizada em Portugal num pós-crise dramático socialmente para jovens que visavam se inserir (ou tinha acabado de fazê-lo) no mercado de trabalho³⁹.

A busca da independência não lhes é permitida ao largo do seu berço. A globalização é tida como um estandarte do incentivo à viagem, às despedidas, à distância e à saudade. Pior, em quase todos os casos aqui estudados, parece não haver alternativa. Muitos destes laços são incontrolavelmente quebrados ao contrário de outros, inquebráveis – como em relação aos familiares. E engraçado é de perceber que, num mundo virtual de incitação ao “*network*”⁴⁰, isto é, à construção e exaltação de redes, da construção destas, da identidade e simbologia de pertença, e de um número de contatos invariavelmente maior comparado com os indivíduos de décadas passadas (muito devido também ao avanço tecnológico e à utilização social web/social network), os laços reais e inquebráveis são em menor escala, pelo distanciamento e dispersão. Distanciamento de um núcleo que outrora tinha uma longevidade maior (os indivíduos [amigos/família] interligavam-se espacialmente durante todo o seu percurso de vida) e dispersão (o leque de contatos torna-se demasiado extenso para, na prática, ser humanamente e temporalmente possível estabelecer e manter relações [fortes] com todos eles). Este network aparece quase como um mercado, onde se recorre a cada indivíduo de forma especializada, demandando uma oferta que cobre uma necessidade momentânea. *Business*. Seja ele qual for.

Se por um lado, a rede favorece um aumento de oportunidades, também estas configuram e reafirmam um distanciamento perante a base. Isto toma o seu expoente em países sem perspectivas futuras – o que acontece, de momento, com Portugal.

“A taxa de desemprego entre os mais jovens (entre os 15 e os 24 anos) nos países da OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico)

³⁹ Importante referir que os jovens não foram os únicos afetados no contexto de crise económica, pós 2008, em Portugal. Porém, a ênfase que lhes é dada associa-se a estes serem o objeto de estudo em questão.

⁴⁰ Assim, talvez seja mais correto compreender esta geração Y, enquadrada no seu nascimento, com características da geração Z (conjunto de pessoas oriundas dos anos 90 aquando do despoletar do mundo tecnológico, boom considerado até 2010) – como a total conectividade, portátil e permanente, e com a tal tecnologia considerada como uma extensão do próprio corpo.

caiu 2,5 pontos percentuais em Fevereiro, face ao mesmo mês do ano passado, chegando aos 14,3%, o valor mais baixo desde Novembro de 2008.

A organização, que abrange 34 países de todo o mundo, divulgou nesta segunda-feira os dados globais sobre o desemprego e concluiu que, apesar da descida média, a taxa de desemprego jovem permanece “excepcionalmente elevada” em vários países da zona euro como Portugal (35%), Grécia (51,2%, dados de Dezembro, os últimos disponíveis), Itália (42,6%) e Espanha (50,7%).” (Jornal O Público, 2015).

Os jovens portugueses sofrem deste “problema”. São praticamente expulsos de onde foram criados – isto, se os seus pais não os quiserem ou puderem criar. A falta de emprego e, mais, de emprego digno conforme o que lhe foi “prometido” – isto é, de acordo com as qualificações possuídas e com todo um contexto de “obrigatoriedade moral” e mesmo social de uma formação superior – é fator mais que suficiente para uma perspectiva de saudades futuras. Este jovem que aparece transversal a todas as classes desde a última crise financeira mundial, aparece com saudades do tempo que não tinha que pensar no seu futuro. Aparece com saudades da possibilidade de ter efetuado outras escolhas. Substituir o amor pelo dinheiro. O prazer pelo trabalho. Já que, em grande parte deles, a compatibilidade da sua profissão não pode gerar consenso entre “útil e agradável”. Viver para trabalhar, trabalhar para comer. E o prazer? Esse não entra no horário de trabalho – de muitos jovens. De outros, nem fora – visto os salários míseros que lhes são apresentados. E outros, que têm uma sorte diferente, têm que redescobrir o prazer extra trabalho pelo conhecimento e redescobrimento do mundo, em diferentes países, culturas, costumes, línguas, olhares, hábitos.

O jovem de hoje tem facilidades distintas no que toca “ao combate” da saudade. A abertura ao mundo tecnológico familiarizou o jovem com outras realidades. Não se sentir um total estranho nem partir da estaca zero, ainda que teoricamente, quando em novas aventuras é incorporado. Este jovem, em parte, já sabe para o que vai quando toma determinadas opções, como emigrar. Embora a imaginação nunca seja tão fértil quanto a realidade nem relatos e pesquisas a descrevam na perfeição, sem dúvida o seu preparo aparece melhorado. Para o jovem português, este parece ser mais um de redescoberta e navegação – com o

devido *upgrade*. Hoje, como outrora, é preciso sorte, ajuda, e outros tipos de “ajuda”⁴¹ – muitas vezes. É preciso, mesmo para voar – por exemplo – uma base familiar e financeira que sirva de proteção e haja como empregador. Que sustente ou suporte o jovem em momentos menos bons. Que lhe passe essa segurança dentro de toda a insegurança real em que navega no seu trajeto socioprofissional incerto. E assim, pergunta-se, *quando* e *como* o jovem sairá desta situação na qual dificilmente todas as suas estruturas estarão em convívio e formarão um sentimento de completude, dando a origem à ansiada passagem para o mundo adulto, independente.

2.1.

Emancipação, autonomia e independência

Se tivermos em conta, que a juventude não é “uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta” (Fávero *et al.*, 2007: 158) e que há uma necessidade de viver o “aqui e agora”, o presente que oferece “diversão, prazer e trocas afetivas”, mas também “angústias e incertezas”, como ainda descreve Fávero (2007: 170), proporia um trajeto de três etapas que pode organizar a análise a seguir, tida como um *tipo-ideal*, claramente sujeito a espaços nebulosos entre elas.

Diria que os três conceitos que proponho desenvolver (*emancipação, autonomia e independência*) são as palavras chave do contexto, do imaginário, do sonho ou da utopia e da trajetória real do jovem. Muito além de uma “juventude” – a tal que cada vez se dilui mais na sua definição moldada.

Emancipação, autonomia e independência são o rosto e a definição de todo um conjunto de problemas com que este jovem se depara no decorrer deste trajeto desde a adolescência até à “juventude adulta” e de um próprio estágio adulto, muitas vezes incompleto idealmente. Eles englobam a complexidade dos cruzamentos interdisciplinares abordados atrás. São etapas consecutivas, porém

⁴¹ As chamadas “cunhas”. Ajudas de alguém, extrapolando a meritocracia e sobrevalorizando pactos de amizade e negócios.

desfasadas no tempo de uma cronologia já obsoleta que ditara tempos específicos, assíduos e exatos para a sua transposição. Hoje, esta linha reta, em sentido ascendente, é muito mais flexível, assimétrica e imprevisível. Com altos e baixos, com passagens temporais diferenciadas, e mesmo com avanços e recuos – podendo ser equiparadas a “trajetórias em yo-yô” (Sacchetti, 2003: 187-190), ao contrário, por exemplo, do que seria o movimento ascendente seguro dos tempos do trabalho organizado.

Emancipação

Na *emancipação* encontramos o primeiro estágio. Aqui, utilizo o termo emancipação (primeiro termo que proponho) distanciando-me do seu significado em termos jurídico legais que podem defini-la como, praticamente, um sinónimo de independência. Pelo contrário, considero aqui o termo como uma vontade interna (o *start/ignição*) para dar início ao processo que culmina, sim, com a tal independência.

A emancipação pode, inclusivamente, determinar a “independência civil” de um jovem, responsabilizando-o e garantindo-lhe direitos só possíveis através da maioridade – atribuição de plena capacidade jurídica ao indivíduo. Porém, não é nisso que aqui nos focamos. Aqui, este “sentimento” – chamemos-lhe assim, mais subjetivo e amplo, menos materializado e enquadrado legalmente – advém de uma necessidade de o jovem se começar a descolar da dependência familiar. É um sentimento de desejo – cada vez mais precoce e com esta precocidade cada vez mais naturalizada, estendendo o processo desde o seu repentino início ao seu longínquo final. Desejo de liberdade, de equiparação a indivíduos que se admira; desejo de, em certo modo, privacidade; desejo e vontade, transformada em esforços, planeamentos, estratégias e ações que pretendem promover a passagem ao próximo estágio – a autonomia.

Esta emancipação, muitas vezes tida como uma necessidade emocional, materializa-se. É uma necessidade de afirmação perante si e, muitas vezes, de forma primordial, perante os outros. Isto ocorre, por exemplo, como forma de impressionar o sexo oposto. Sem esta pressão interior, que se materializa em comportamentos, muitas vezes, desviantes, de fuga à norma ou ao padrão, de

potencialização de diferenciação e também de destaque, não existiria ação que, através da chamada “tentativa e erro” consecutivos, levaria ao acerto e ao amadurecimento do indivíduo. Este processo de crescimento interior e também relacional vai sendo gradualmente premiado com uma certa autonomia crescente – passando assim para o estágio seguinte que aqui propomos. O irônico da questão prende-se com a necessidade de ser diferente, para querer ser igual. Na verdade, o objetivo é apenas mudar “de grupo social” – de jovem para adulto.

A definição do *Diccionario del Nuevo Humanismo*⁴² já se assemelha àquilo que aqui pretendemos configurar com o uso deste conceito. Assim, definem emancipação como “a busca de diversas possibilidades para eliminar todos os fatores de opressão de maneira que o ser humano possa desenvolver sua liberdade, suas qualidades e suas forças criadoras” e como um tal “processo e objetivo da libertação do estado de sujeição”, tendo como objetivo a conquista da “liberdade, soberania, autonomia e independência”.

“Nenhuma cidadania pode ser reivindicada quando o acesso à autonomia é vedado. Embora os jovens sejam considerados dependentes de socializações de vária ordem, eles reclamam direitos de autonomia. Os estudos da juventude foram tradicionalmente dominados por paradigmas que reflectiam a forma como ideologicamente os jovens eram representados: isto é, dependentes, não autônomos. Hoje em dia, mesmo no espaço doméstico, os jovens encontram-se expostos ao exterior.” (Pais, 2005: 63).

Autonomia

Segunda etapa do processo de transição do jovem, a *autonomia* surge como conquista – movida pelas ações que o sentimento e ações anteriores do processo de emancipação despertaram. Ou – ainda – uma meia conquista. Esta pode ser mais precoce ou mais naturalizada do ponto de vista da coerência biossocial do indivíduo – ou seja, ela acontecerá sempre, por força da natureza das coisas. Nos casos em que a autonomia tarda a chegar são estranhados como desvios de padrão. Quase como uma patologia. O próprio conceito – na sua formação⁴³ – se refere ao indivíduo que estabelece suas próprias leis. A autonomia tem, assim, uma ligação estreita com o termo “liberdade” (as possibilidades de

⁴² Centro Mundial de Estudios Humanistas (1996). p. 27.

⁴³“αὐτονομία” autonomia de “αὐτόνομος” autonomos de “αὐτο” – auto – “de si mesmo” +” νόμος nomos” – “lei”.

escolhas dos indivíduos, sempre em relação social). No entanto, poderíamos fazer uma ressalva. O conceito de “liberdade” é, talvez, o mais falacioso de todos. É ditado por uma subjetividade tremenda que quando testada na “ação”, no “agir”, aparece quase sempre longínqua do seu conceito puro. Isto é, se tivermos por base que qualquer condicionamento destrói o conceito de “liberdade”, percebemos que este não existe, de facto. E se tivermos, também, em conta, o princípio da “ação-reação”, compreendemos que – em último caso – para autoproteção, o subconsciente ou o racional dita determinado tipo de coerção que delimita a ação, tendo em conta a consequência da mesma. Assim, usaremos o termo “liberdade” como a possibilidade de usufruir da vontade privada, na utopia do livre arbítrio. Na consciência que esta é condicionada, mas o seu sentimento, não o é. Ou seja, mais uma vez, aparece a liberdade como sensação.

Bem, a autonomia, aqui, aparece num contexto de conquista, mas também de transição. A capacidade de exercer o direito de autonomia permite uma abertura ao e do mundo de forma imensurável. O jovem transporta-se para o mundo do adulto, mesmo que dele não faça parte em termos etários, (ou) nem que dele possua todas as características necessárias a isso (a que neste caso iremos chamar a tal “independência”). O jovem passa a ser um “cidadão”. Os jovens passam não só a ser sujeitos passivos – alvos da ação – mas também ativos – produtores da ação⁴⁴. Hoje em dia, esta situação é mais facilmente iniciada tendo em conta o amplo naípe de informação disponibilizada, tal como a disponibilização de ferramentas para a sua produção e divulgação – falando das novas tecnologias e do acesso a redes virtuais globais. A educação, enquanto qualificadora de indivíduos e empoderadora dos mesmos, permite o atingir precoce de uma autonomia que não é só alicerçada no fator financeiro. A maior qualificação do jovem, hoje em dia, permite-lhe construir uma diferenciada infraestrutura em termos da construção do “eu” e da percepção do mundo. Permite-lhe, também, ter armas para enfrentar desafios laborais e um mercado de trabalho que, como fim, lhe retribui a vantagem financeira que procura.

⁴⁴ “os jovens como sujeitos dotados de autonomia e como interlocutores ativos na formulação, execução e avaliação das políticas a eles destinadas.” (Fávero et al., 2007: 213).

Esta autonomia, no entanto, mescla uma componente individualista – uma característica da independência de processos, na socialização, que o permite não depender dos outros, principalmente daqueles outrora encarregados de si, enquadrada num contexto global tecnológico⁴⁵ e capitalista – e, uma componente de possibilidade de efetuar esta escolha. Ou seja, abre-se-lhe a possibilidade de escolher, participar, integrar ou liderar grupos, ideias, identidades – interagindo de forma mais ativa com os seus interesses.

No caso da autonomia do jovem, a grande base para esta acontecer e permitir a sua contínua existência, muito para além das reais possibilidades do jovem, é a sua família.⁴⁶ Esta é a razão pela qual a “autonomia” não está no mesmo lugar hierárquico da “independência”. Isto é, existe uma autonomia de pensamento e até de ação, mas não estrutural – onde o fator residencial tem um grande peso – e, por sua vez, economicamente, não existindo assim independência. Esse é o limite da autonomia jovem ou então aquilo a que Luísa Schmidt chama de “semidependência”. Ou seja, há um estender deste período pré-independência derivado às ajudas financeiras familiares, criando a possibilidade de uma escolarização e qualificação mais consolidadas. Isto, obviamente, acontece em maior número em estratos sociais mais elevados (Schmidt, 1990: 653). A autonomia acaba por ser cada vez menor, quanto maior forem essas ajudas parentais. Neste caso, (na maior parte das vezes) os pais funcionam como um empregador que assalaria os filhos. Um género de “mesada” que cresce com o evoluir da idade (devido às necessidades inerentes dessa mesma idade) e que é ponto chave para o estabelecimento desta autonomia. Assim, esta autonomia também decresce consoante a capacidade financeira familiar ou a disponibilização desta perante os filhos. Deste modo, interliga-se a situação financeira e laboral familiar com o grau de autonomia (pelo menos no campo da ação) do jovem/filho/parente. Como lembra Maria Isabel Almeida (2006: 17),

⁴⁵ A própria tecnologia, muitas vezes como extensão do corpo, é virada para projetos individualistas e para a não convivência espacial/física entre interlocutores/membros.

⁴⁶ A família aparece como alicerce financeiro mas, por outro lado, há uma necessidade de haver um distanciamento em relação a ela.

“Ao longo do processo de inserção social, um dos factores importantes de autonomização dos jovens é a desvinculação em relação à família, condição necessária do desenvolvimento normal do processo de inserção.” (Schmidt, 1990: 647).

“Assim, para alguns jovens, a desintegração no mercado de trabalho parece dar lugar a uma compensatória integração no mercado de consumo, frequentemente com o dinheiro que vão recebendo dos pais e familiares, ou dos biscates que vão fazendo.”,

onde o tal suporte financeiro que potencia a autonomia representa papel principal no processo de escolhas e formação de identidade, neste caso também através do consumo.

Assim, a autossuficiência econômica é um pilar fundamental para a passagem ao último estágio. Para isto, contribuem – nem sempre, ou menos que o desejado, e, por isso, “deveriam” contribuir – a boa formação profissional do jovem e a consequente (supostamente) facilitada entrada no mercado profissional e, por outro lado, a precoce entrada no mercado de trabalho, menos qualificado e pior remunerado (muitas vezes previstos na dicotomia rural/urbano).

Independência

Esta corresponde ao fim deste percurso de três etapas e ao começo de um outro novo. De uma libertação e aproveitamento da vida de uma forma mais pacífica e prazerosa. Sim, esta é a utopia que prende o indivíduo a chegar aqui. É um objetivo que, sem desvios – que acontecem em grande número – permite a reprodução do ciclo, a seu tempo.

A independência confunde-se com o estado adulto. O adulto confunde-se com a sua capacidade de autossustentação. Abre-se um caminho infinito de escolhas, mais fáceis de fazer do que antes. O trabalho remunerado e estável é o grande alicerce – hoje – para o alcançar desta meta. Para mais, hoje, esta conquista pode-se mesmo considerar uma real vitória, tendo em conta as oscilações frequentes do mercado de trabalho, tornando a vida do jovem um mar turbulento e instável. Esta pode-se considerar a “principal questão social da juventude contemporânea”, o “retardo da independência financeira dos jovens que coincide com a entrada no mundo do trabalho” (Guimarães, 2005: 6).

No caso português, os dados referentes ao desemprego já foram antes expostos. O trabalho precário, realidade de sempre em Portugal para trabalhadores manuais e com poucas qualificações em Portugal (assente em “baixos salários,

insegurança e poucas regalias sociais”) junta-se à falta de estatísticas relativas a uma “precariedade ilegal”, “falso trabalho independente” e “trabalho clandestino”, onde esta precariedade é principalmente representada “ao nível dos baixos salários e não à precariedade do vínculo laboral (...) Mas a precariedade laboral abarca um conjunto de outras situações: a insegurança na continuidade do trabalho e a falta de direitos sociais, designadamente ausência de descontos para a aposentadoria, ausência do salário quando se está doente, horários irregulares, excesso de horas de trabalho, ausência de subsídio de desemprego e de subsídio de férias. Todas estas são situações que correspondem cada vez mais às novas regras de contratação e que são profundamente negativas para a construção do modo de vida dos indivíduos mais fragilizados. (Sá, 2010: 91-105). Hoje, este conjunto de situações estende-se também ao jovem das classes médias, com qualificação superior, que enfrentam problemas já existentes décadas antes, noutro tipo de classe.

À relação íntima que se estabelece entre o conceito de “independência” e o de “trabalho”, juntam-se as relações com a família e o consumo (Schmidt: 645).⁴⁷ Se, por vezes, o jovem consegue ultrapassar a relação de dependência financeira familiar, que o tornava apenas autónomo (embora muitas vezes continue beneficiando dessas mesmas ajudas⁴⁸, ainda que em montantes menores), ele direciona os seus ganhos para o consumo. Se mesmo antes, o jovem – alvo do mercado global de consumo – já consumia, dependente do orçamento dos pais, agora, ele exponencia e experencia essa vertente através dos seus ganhos próprios – juntando a liberdade do gosto, da escolha e da capacidade decisória, consumista e de consumação (do ato de consumir e do ato de consumir).

Curioso perceber, no momento atual, que mesmo quando esta independência financeira é atingida por meio da remuneração laboral, o jovem permite-se ainda a, por certo período, permanecer em casa dos pais – estabelecendo uma poupança maior, mesmo em casos de boa remuneração financeira proveniente de uma maior bagagem de escolaridade; situação inversa

⁴⁷ Referia já a autora há quase 25 anos, percebendo a atualidade e a relevância maior que, no contexto presente, acaba por prevalecer. (Schmidt, 1990: 645).

⁴⁸ “*Os vínculos de dependência familiar manter-se-iam assim até idades tardias, e mesmo o trabalho, embora os reduzisse, não parecia dispensar as prestações familiares enquanto fontes secundárias.*” (Schmidt, 1990: 648).

àquela ocorrida em estratos originários do campesinato que promovem uma independência financeira pelo trabalho precoce e permitem-se à formação de uma nova unidade familiar de forma veloz (Schmidt, 1990: 653-654).

Assim, como Luísa Schmidt (1990) expõe no seu texto, que perdura até hoje atual e relevante, “dinheiro, família e autonomia” configura-se como um triângulo com arestas inseparáveis e, para já, insubstituíveis. Este é um triângulo muito relevante dentro daquele maior aqui proposto (emancipação, autonomia e independência). A autora, baseando-se no caso português, refere mesmo que

“basicamente, e como fontes prioritárias, cerca de metade dos jovens, enquanto estudantes e sobretudo das classes superior e médias, recorriam à família; enquanto a metade restante, constituída por trabalhadores com predominância dos estratos sociais mais baixos, tinham como primeira fonte o trabalho” (Schmidt, 1990: 647),

percebendo a importância de um suporte financeiro para uma maior experiência académica, ao invés de um abandono precoce em prol de uma “independência financeira” – em moldes mais precários.

O casamento, que outrora se poderia também considerar um rito de passagem para o mundo adulto, hoje não o é mais com a mesma exatidão. Schmidt (1990: 650-651) faz perceber que a independência não é um dado adquirido com o atingir desta meta ou objetivo de vida. Se antes, a formação de uma nova família implicaria um afastamento por via da autossuficiência económica em relação à família de origem, hoje, elas se interligam e a segunda serve de ajuda à primeira – mais uma vez prolongando o estatuto de jovem por mais tempo.

2.2.

A geração à Rasca

O jovem português de hoje é filtrado num contexto de crise e no que Melucci (1996: 13) se refere como “um ambiente que favorece a “pobreza” de recursos internos (desemprego, desintegração social, imigração)”. Uma crise que se arrasta sem fim à vista (real), que agrega novos episódios de agravamento do campo interno, como a crise (falência) dos principais bancos portugueses, génese

de uma corrupção crescente e, de certo modo, tolerada ao longo dos últimos anos. Se a intervenção da *troika*⁴⁹ se fez obrigatória, mesmo pelo fato de não ter havido uma autocompetência no nível do aproveitamento de recursos e desenvolvimento organizacional e anticorrupção como assinalou Nuno Moreira (2001: 4), ainda vista com voluntarismo, o mesmo não aconteceu com o cumprir da cronologia anticrise acordada entre as partes. Se a recessão parece ter esmorecido, é verdade que o crescimento ainda não ressuscitou. A queda do poder de compra interno e externo é expressiva – sem data certa e acreditada para o seu término. Aqui, a luz ao fundo do túnel – a tal independência, neste caso financeira – só é crível e exaltada pelas partes políticas em que isso lhes convém.

“O impacto imediato da crise foi o de subtrair a lenta melhoria das condições de vida ocorrida desde a criação do Euro (...) A crise atingiu desproporcionadamente os jovens: a taxa de desemprego no grupo etário dos 15 aos 24 anos ultrapassou os 37 por cento em julho de 2013, sendo superior a 40 por cento entre as mulheres jovens. Os ganhos médios diminuíram e o salário mínimo (Retribuição Mínima Mensal Garantida) encontra-se congelado desde 2011. O sistema de atribuição de prestações de desemprego foi estreitado e os níveis dos subsídios foram reduzidos. O risco de pobreza agravou-se, particularmente para as famílias com crianças de pouca idade. A emigração acelerou-se, tendo-se registado uma contração da população residente do país.” OIT, 2013: 10-11).

É neste contexto de incentivo à emigração que a *Geração à Rasca* se situa. Uma geração formada por jovens qualificados, nascidos nos anos 80, que tiveram por coincidência infeliz o final da sua formação superior com uma crise mundial que afetou de forma intensa Portugal e agravou as clivagens já existentes. A estrutura política aparece como um problema grave, tendo vindo a ser cada vez mais desacreditada nos últimos anos. Esta parece não ser um fim (o da governança em prol da população), mas sim um meio (para ganhos privados através de riqueza pública). Esta situação permite, ainda, o agravamento da clivagem entre ricos e pobres, num momento em que a classe média se vê, de forma contínua, cada vez mais empobrecida – e esta, em conjunto com a classe mais pobre, contribuem para o remendar dos “erros” grosseiros e, muitas vezes, intencionais, dos políticos – tornando a classe alta aqui referida, cada vez mais rica – de forma

⁴⁹ Referente ao conjunto das três instituições internacionais de combate à crise económica (Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional). Portugal, em abril de 2011, obrigou-se – pela terceira vez na sua história – a pedir ajuda externa para evitar a bancarrota. Aqui não pretendemos tratar nem qualificar essa opção ou obrigação a que o país foi sujeito – apenas a mencionando em jeito de contextualização.

relativa e absoluta.⁵⁰ José Machado Pais (2005: 54) se refere mesmo que a situação é de “uma juventude desencantada com as instituições e os modos tradicionais de participação política. A confiança nas instituições políticas está em decréscimo, o que se reflete num significativo abstencionismo eleitoral”. Hoje, pode-se considerar que as políticas da juventude devem envolver, antes de mais, as políticas sociais, económicas e trabalhistas⁵¹. Este é o ponto primário de afetação do jovem, no momento. Se bem que as políticas de ampliação de direitos e estabelecimento de condições para um melhor desenvolvimento do jovem sejam fundamentais, o seu seguimento no campo laboral é indispensável. O jovem como indivíduo próximo a entrar neste mercado de trabalho é o principal afetado (se bem que com um aumento da taxa de desemprego em Portugal, esta situação tenha a sua cara metade nos recém-desempregados pós-crise).

Ações coletivas como consequência da crise económica e da desintegração social (Melucci, 1989: 50) nascem e nasceram no decorrer deste contexto. São respostas à ineficiência do governo para lidar com o problema. São reivindicações em massa, com uma cara e demanda comuns.

Considerado como protesto, aparece a emblemática “*Geração à Rasca*” e seu conhecido e imponente Manifesto, já transcrito na introdução, onde são representadas as demandas e preocupações políticas e sociais associadas a esta geração que se vê com dificuldades de trilhar o seu caminho dentro do próprio país. O Manifesto, redigido por quatro jovens – uma mulher e três homens – em Março de 2011, na cidade de Lisboa, inspirado pela música “*Parva que sou*” da banda portuguesa “*Deolinda*”, tinha como objetivo expor a insustentabilidade do desemprego e da precariedade, definindo-se como um movimento apartidário, laico e pacífico. Um movimento que se tornou notório online, através das redes sociais, originado por António e Alexandre, na altura com 25 anos, Paula com 26

⁵⁰ “Portugal possui o terceiro maior nível de desigualdade de rendimentos da União Europeia. Os 10 por cento mais ricos da população ganharam 38 por cento do rendimento nacional em 2005. E, no caso dos 1 por cento mais ricos, a parte que lhes coube do rendimento nacional rondou os 10 por cento.” OIT, 2013: 33).

⁵¹ O Programa do Movimento Associativo Juvenil apresenta os principais pontos como a “transversalidade e integralidade”, o “empowerment”, a “atenção à diversidade”, “políticas criativas orientadas pela aprendizagem social” e a “proximidade”. (Programa do Movimento Associativo Juvenil).

e João com 27, graduados em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Diário de Notícias, 2011).

A “Geração à Rasca” foi um movimento, que estabeleceu um conjunto de manifestações em várias plataformas, que não se associou a partidos políticos, criado por jovens, e que reivindicava o fim da precariedade laboral, e, por consequência, dos jovens portugueses. O termo “*à rasca*”, em português de Portugal, remete para a situação de “estar em dificuldades” ou “estar em apuros”.

O Manifesto é totalmente representativo desta geração, de seus sonhos e demandas. É um manifesto que não se baseia em comparações com outras gerações, que, inclusive, coloca o bem estar coletivo como ponto chave, sendo os jovens uma ponte para isso, através do emprego e da capacidade que percebem possuir através da sua diferenciada qualificação – como comprova o Quadro 7 – para buscar recursos e melhorias dentro do próprio território. Por outro lado, este Manifesto parece surgir já como antecipação ao que de mais grave se viria a suceder. O estender da situação a par com uma impotente capacidade de se manter ou criar bases dentro do território português, fruto do desemprego e da falta de condições laborais e salariais para aqueles que se conseguiam empregar (os “quinhentoseuristas”).

Quadro 7: Nível de escolaridade do jovem português entre 1998 e 2015 (em milhares)

Ano	Nível de escolaridade				
	Total	Nenhum	Básico	Secundário e pós secundário	Superior
1998	5.100,1	490,7	3.607,0	556,6	445,9
2000	5.247,3	477,4	3.657,1	626,5	486,2
2001	5.342,4	465,2	3.703,2	658,9	515,0
2002	5.414,3	433,5	3.769,7	679,0	532,1
2003	5.433,8	407,6	3.702,9	711,3	611,9
2004	5.421,4	337,6	3.647,5	735,2	701,0
2005	5.461,4	317,5	3.637,7	786,8	719,4
2006	5.499,6	295,7	3.624,2	830,5	749,2
2007	5.533,1	288,4	3.639,8	828,5	776,4
2008	5.534,6	268,3	3.609,0	840,1	817,1
2009	5.486,1	233,3	3.497,9	915,6	839,3
2010	5.489,7	223,1	3.397,2	988,0	881,4
2011	5.428,3	209,2	3.159,6	1.079,9	979,6
2012	5.382,6	181,6	2.999,5	1.153,4	1.048,1
2013	5.284,6	154,3	2.825,9	1.222,7	1.081,6
2014	5.225,6	121,9	2.632,5	1.275,5	1.195,6
2015	5.195,2	100,2	2.529,5	1.316,7	1.248,7

Fonte: Instituto Nacional de Estatística, PORDATA.⁵²

Infelizmente, mesmo com o trabalho para haver aquilo que Angela Paiva (2013: 24) chama de “igualdade mínima” garantida para uma “participação efetiva” do cidadão – aqui especificamente jovem – neste caso através de uma maior qualificação e obrigatoriedade dela por parte do Estado, com um aumento da idade escolar obrigatória e com o aumento relativo de jovens qualificados que vêm a crescer de ano para ano, a sua transição para o mundo do trabalho fica internamente estancada por aquilo que o Manifesto chama de empregos “*quinhentoseuristas*”.

⁵² Última atualização a 11 de fevereiro de 2016.

“Nesse sentido, a educação ampliada às massas, no sentido ideal-típico de promover a possibilidade de liberação cognitiva, é a que foi capaz de assegurar maior democratização na esfera pública, com a constante demanda por direitos originada nos mais diversos movimentos sociais do século XX.” (Paiva, 2013: 25).

Como salienta Alberto Melucci (1989: 62), “os movimentos produzem a modernização, estimulam a inovação e impulsionam a reforma.” Esse era o grande objetivo deste grupo de jovens que, num espaço de tempo fugaz, se tornou coração e escudo de todos os jovens que passavam pela mesma situação, e, por outros, que tendo a sorte de não a viver, apoiavam de forma voluntária, solidária e incondicional a sua tomada de posição – este é o jovem ator social. Esta geração, estes jovens, este “grupo”, estava focado no seu problema com demandas próprias e não na comparação deste com o de outrora, ou do seu estado social com o de outrém. O nome “Geração à Rasca” é, na verdade, um trocadilho com uma outra geração⁵³ apelidada de “Geração Rasca” – em meados dos anos 90, pelo político e jornalista Vicente Jorge Silva, aquando da insatisfação do aumento das propinas⁵⁴ nas universidades do país, pela então ministra da economia, Manuela Ferreira Leite. Infelizmente, a multidão que se materializou das redes sociais virtuais para as ruas do país, num ato de democracia além voto, foi largamente ignorada pelas figuras políticas máximas à época. Em termos concretos, a situação nada melhorou, embora outros partidos da oposição tenham emergido e mantido à tona toda esta problemática, trabalhando nos tempos próximos que se seguiram para uma sustentação do movimento e um alicerçar das demandas e resoluções. Aí, estávamos em 2011, no auge da reivindicação, da revolta, da voz da juventude.

Nesta caminhada, terá que haver um ponto a reter e que é fundamental. A percepção da possibilidade e capacidade do cidadão em se tornar político – expressão usada por José Saramago e reproduzida pelo grupo. Essa era uma grande luta para a população e a camada jovem, em particular. A proatividade, a inserção na democracia ativa e a participação na vida política do país. Tentar diminuir o fosso entre o político e o cidadão. Transformar o cidadão, principalmente o jovem formado, num político em potência, num político local,

⁵³ Esta expressão, provocatória e mesmo difamatória, criou críticas e tensões e, foi, inclusivamente, usada como “troca de galhardetes” entre gerações que se perfilavam como rivais em seus valores.

⁵⁴ Denominação usada em Portugal para o valor da mensalidade a pagar para estudar nas universidades – ou valor semestral, ou total.

num crítico e num solucionador. “Parte do problema, mas também parte da solução” – como referiu Regina Novaes (2007: 9), “como “sujeito de direitos”, universais e específicos, a juventude não só refletirá a sociedade, mas está desafiada a reinventá-la”.

Ao desacreditar a tentativa de revigoração política, interliga-se intimamente o problema crescente do emprego – como já anotamos. Em termos mais específicos, a crise económica atingiu o patamar histórico de lançar a taxa de desemprego acima dos 17%, consequência da perda de 1 a cada 7 empregos, desde o início da crise, em 2008 (OIT, 2013: 2). De acordo com o mesmo relatório, a própria intervenção externa⁵⁵ nada ajudou no que toca a este ponto (fulcral), inclusive, piorando-o. Mesmo em relação ao PIB, os objetivos não foram, de forma clara, atingidos, tornando todos estes esforços significativos em vão. Aqui, sublinha-se e destaca-se este dado importantíssimo para o que nos traz até aqui:

“Muitos trabalhadores, incluindo parte dos jovens mais talentosos e qualificados, têm vindo a ser empurrados para a emigração. De facto, quase 20% da população gostaria de se mudar permanentemente para o estrangeiro, caso surgisse a oportunidade para tal.” (OIT, 2013: 2).

“A política orçamental tem sido orientada para uma rápida redução dos défices, os quais haviam atingido proporções alarmantes. As medidas de reestruturação do setor público contribuíram diretamente para o desemprego. Os cortes nos salários e nas prestações sociais, combinados com certos aumentos fiscais, desgastaram os rendimentos das famílias e a procura interna. Também as empresas foram afetadas pelas condições macroeconómicas excecionalmente apertadas que prevaleceram desde 2011. Mais de um quinto das pequenas e médias empresas referem que o acesso ao crédito é o seu problema mais premente – daí resultando menores oportunidades para a criação de emprego.” OIT, 2013: 2).

Esta crise, especificamente, derrubou todos os ganhos decorrentes da mudança para a moeda única europeia. As condições de vida, que outrora melhoravam gradativamente, agora degradam-se de forma rápida – ao serviço da dívida pública. Impostos expandem-se e o orçamento familiar torna-se demasiado curto. Este agrava-se pela subtração de postos de trabalho que se refletem em cortes expressivos nesses mesmos orçamentos. Os desejados novos contribuintes (os jovens), não têm permissão para o fazer. Abre-se a porta de saída e dá-se, de

⁵⁵ Programa de assistência financeira acordado com a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional, em 2011

mão beijada, produtos brutos, porém valiosos, para outras paragens os delapidar. Cria-se uma mão de obra qualificada, profissionalizada, e não se consegue tirar o proveito próprio e/ou retribuir materialmente. A desilusão chega, a par da tristeza e da impotência. Anos perdidos de estudo? Anos perdidos num estagnante desemprego? Anos perdidos para o futuro. Os jovens foram claramente “maltratados” e, por isso, emigraram (OIT, 2013: 15). A situação intensifica-se quando falamos dos jovens mais qualificados.

“Desde 2010, Portugal tornou-se um país de emigração, i.e., o número de pessoas a abandonar o país excedeu o fluxo de entrada de imigrantes. Entre 2007 e 2012, o fluxo de emigração permanente aumentou seis vezes. Os emigrantes temporários – os que abandonam o país com a intenção de permanecer no estrangeiro menos de um ano – aumentaram 21 por cento entre 2011 e 2012. Os jovens encontram-se sobrerrepresentados entre os emigrantes. Segundo as estatísticas do INE, os indivíduos entre os 20 e os 39 anos representam quase metade do total dos emigrantes permanentes. Outras fontes estimam que mais de metade dos emigrantes tem idade inferior a 29 anos.” (OIT, 2013: 15).

Como Guy Bajoit e Abraham Franssen (apud Fávero et al., 2007: 98) bem definem, “o trabalho é, ao mesmo tempo, necessidade vital, obrigação social e dever moral, cuja contrapartida é o status social que confere e a satisfação pessoal que proporciona. O trabalho tem uma dimensão instrumental (ganhar a vida) mas, apesar de seu caráter penoso, comporta também forte dimensão expressiva (realizar-se social e pessoalmente)”. Assim, coloca-se em causa a capacidade ou a morosidade deste jovem, com um contexto social e laboral atribulado, de se posicionar e afirmar num mercado de trabalho que lhe traga recompensas materiais e emocionais – a segurança financeira para uma estabilidade e conseguinte constituição familiar, se desejado e, por outro lado, uma satisfação através da realização pessoal naquilo que se faz – juntando o útil ao agradável. Neste ponto e contexto específico, podíamos ainda juntar um terceiro ponto, que seria a sua localização – pois esta também deverá ter influência tanto na sua vida laboral como na realização pessoal. E, no contexto de migração, o fator de deslocamento apresenta sempre um peso muito grande no cotidiano dos jovens – como iremos perceber ao longo da análise das entrevistas destes jovens provenientes da “Geração à Rasca”.

2.3.

O “desenrasque” português e o “se virar” brasileiro

O termo “rasca” produz uma série de trocadilhos na língua portuguesa aplicados a esta nomenclatura geracional mas, principalmente, a uma forma de viver a vida, muito além da geração aqui estudada. Geração Rasca, anterior a esta; Geração à Rasca, a presente; desenrascar ou desenrasque, transversal a estas duas e anterior a elas, tal como será certamente posterior. Uma possível definição de desenrasque ou desenrascar poderá ser, de maneira a ser de todos perceptível, sair de um apuro, de uma dificuldade que se enfrenta e para a qual não se está preparado. Enfim, o desenrascar poderá ser sinónimo de ludíbrio – o contraponto precisamente de “estar à rasca”, seu ponto de partida.

Para este subcapítulo, vamos nos cingir a tentar compreender o desenrasque neste contexto de crise económica pós 2008 em Portugal e a comparar esta categoria com uma outra, não sinónima, mas que nos permite algum tipo de comparação e interseção – o “se virar”. Tendo em conta um registro de conversas pessoais entre Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugénio, a fevereiro de 2013, começamos por compreender que este desenrascar específico se liga ao contexto de fuga à penúria e à escassez de recursos de que estes jovens qualificados estão sendo alvo. Por outro lado, as autoras fazem-nos perceber que existe uma separação através de um certo respeito ou código de ética que distancia o desenrasque do “se virar” brasileiro.

Ainda segundo as autoras, o “se virar” é um conceito que pode ser tripartido: aprender-fazendo (se virando com o que se tem em termos de recursos); *“existe também o plano mais “epistemológico” de aprender privilegiando o fazer ou a ênfase sobre um modo de fazer, um funcionamento”*; e, por fim, o “se virar” ao nível da própria transformação, onde temos uma migração territorial mas também ao nível das habilidades do indivíduo, o que pode até implicar uma percepção de adaptabilidade. O “se virar” seria uma variante do jeitinho brasileiro do desenrasque, pondo em prática as qualidades mais plásticas, extrovertidas e comunicativas do brasileiro. Assim compreende-se o desenrasque também como uma oportunidade de se reinventar ao invés de se haver um desmoronamento melancólico fruto de um fado de fatalismo que rege conversas e discussões entre

os quadrantes da sociedade. O desenrasque, o manifesto da Geração à Rasca e a própria emigração são as formas de contrariar este destino sinuoso que parece pesar nos ombros de todos. As autoras falam mesmo num “engessamento” do português como crítica à falta de atuação e predisposição para combate ao tal fado melancólico. O jovem tem o dever e, principalmente, a capacidade para alterar o rumo nas coisas em termos de fazer algo por si, encontrando estratégias próprias (de desenrasque), não só no campo laboral mas em muitos outros contextos (reaproveitamento de material, gestão de recursos). No caso brasileiro, a abundância de recursos foi um dado recente, pelo que já existe um conhecimento entranhado de como lidar com situações de escassez, tornando o “se virar” e o “vou me dar bem” algo mais naturalizado.

O Brasil sempre teve um papel importante no que toca ao desenrascar do português. Sempre foi visto como uma porta (muitas vezes a última mas também a mais segura) para contrariar a escassez de recursos que sempre pareceu, ao longo da história, assolar Portugal – onde o inverso aconteceu também, depois da entrada de Portugal para a União Europeia e da adesão ao euro como sedução para a emigração brasileira. No contexto de imigração portuguesa no Brasil, o desenrasque surge como justificativa desta nova leva de jovens que vêm redefinir o perfil do português no Brasil. Porém, o desenrasque aqui, como iremos constatar, não se prende só com a conquista de um trabalho, amealhar de recursos e estruturação de uma vida profissional. Iremos perceber que o desenrasque se constrói também no que toca às tentativas de integração em uma nova sociedade com todas as diferenças que as duas representam, por mais história que as ligue. As diferenças culturais entre ambos os países requerem, por isso, um nível de plasticidade que o português ainda não possui quando comparado com o brasileiro e que, por isso, envolve um jogo de re-socialização, integração, habituação e aceitação a normas e padrões de vida diferentes da sua origem. Aqui, a imigração do português no Brasil, tida como desenrasque, é vista como um meio par atingir a sua independência.

Neste estudo, enquadrámos o desenrascar como necessidade de encontrar meios de subsistência, o chamado trabalho ou trabalhos. Este pretende preencher, de certa forma, as lacunas do indivíduo, preparando-o para uma vida adulta capaz,

autônoma e independente, inclusiva na sociedade e de melhoria do seu bem-estar. O trabalho é condicionado através de escolhas. Estas escolhas, na idade jovem, podem ser condicionadas por vários fatores. São eles a autoinformação possuída e um certo grau de independência mental e decisória (*a emancipação*), em que o jovem se sobrepõe à influência externa ou à pressão familiar (pais, amigos, etc.) e escolhe, principalmente por si, o que pretende seguir. No entanto, esta situação, geralmente, é largamente influenciada pelos familiares. O que não é de todo anormal nem negativo (visto numa perspectiva construtiva de cooperação). Mas no lado prático da decisão, o jovem tem que, principalmente – caso estas não coincidam no contexto social em que o jovem se insere – escolher entre o que gosta de fazer (autorrealização) e o que seria bom fazer (em termos profissionais, financeiros, de colocação no mercado de trabalho).

Primeiro ponto, é necessária a ilusão contínua – e disso ainda se podem gabar as instituições escolares – de uma colocação no mercado de trabalho, do “valer a pena” o esforço, o estudo, a dedicação, para no final da formação, idealmente exercer a profissão. Ultrapassado este, surge o segundo ponto. A escolha financeira ou prazerosa, como vimos acima. O que valerá mais?⁵⁶ Oito horas de trabalho diário em algo que se acredita, que se valoriza, que a essência pessoal tanto necessita, ou, por outro lado, o trabalho com o foco financeiro, onde apenas o último dia do mês é de realização aquando do recebimento do salário – o objetivo primeiro e último. Isto poderá depender muito da personalidade individual de cada um – e nenhuma opção é julgável – embora haja, claramente, um balanceamento para as preferências individuais em detrimento das necessidades e valorização do “projeto coletivo”⁵⁷.

⁵⁶ O trabalho e a sua dimensão instrumental: “fontes de ganhos, ocupação de tempo, status social”, etc. (Fávero et al., 2007: 101).

⁵⁷ “O que muda não é tanto a importância do trabalho, mas, sim, a relação com ele. Enquanto no modelo tradicional a realização pessoal estava subordinada ao trabalho, hoje é o trabalho que tende a estar subordinado à realização pessoal, permanecendo, entretanto, como elemento e um locus essencial, embora não exclusivo. Nesse sentido, não se trata tanto de rejeição do trabalho, mas, sim, da reivindicação de um trabalho que tenha sentido para o próprio indivíduo e/ou que lhe deixe tempo para uma vida própria.” (Fávero et al., 2007: 104).

“Jovens com mais recursos inquietam-se, às vezes, de se verem confinados em um lugar “confortável” (estabilidade, bom salário, mas pouco interesse intrínseco) que não se teria mais coragem de deixar. (...) Como antípodas do trabalho alimentar e sem envolvimento, um número reduzido de jovens chega a conciliar, isto é, a confundir sua atividade profissional e seu projeto de autorrealização. Trata-se, com frequência, de jovens com grandes recursos sociais, culturais, econômicos, cujo percurso é caracterizado pelo controle de suas escolhas.” (Fávero et al., 2007: 109-111).

O terceiro ponto aparece com a combinação da possibilidade de exercer qualquer uma das opções anteriores. E aí entra o contexto socioeconômico da sociedade em que se insere.

Num contexto de crise, este último ponto⁵⁸ aparece destacado. Isto é, a falta de empregabilidade, geral, transversal à formação, para além de desmotivar a aprendizagem e qualificação, gera um sentimento de perda de tempo e de trabalho em vão. Intimamente ligado a esta situação temos a justificativa da emigração ser de cariz predominantemente econômico,

“sabe-se que a emigração total (permanente e temporária), naquele último ano, agrupava cerca de ¾ de homens, era composta sobretudo por adultos jovens e em 60% dos casos solteiros. Este perfil é típico de uma emigração económica.” (Peixoto, 2012: 4).⁵⁹

Logo à partida, o trabalho não pode ser eleito como forma de autorrealização, uma vez que este não existe. Pior, nem a sua função instrumental consegue ser concretizada. A dimensão da realização pessoal (de certo modo inacabada ou incompleta) volta-se para a esfera privada e para outros tipos de sociabilidade em que o jovem-adulto se envolve.

A crise trouxe uma desvalorização da qualificação, em geral, e do jovem, em particular. Se é verdade que os mais qualificados, tal como os restantes, perderam poder em relação aos mais ricos e ao exterior, também é verdade que aqueles jovens-adultos recém-formados que tiveram a oportunidade de ter um emprego não são correspondidos nas suas expetativas quanto à recompensa financeira e à estabilidade exigida num posto de trabalho com repercussões sérias

⁵⁸ Para além disso, *“aquém das imagens estereotípicas do juvenil, a realidade social mostra juventudes muito diferentes, e essas diferenças são visíveis exatamente através de duas grandes determinantes do seu acesso aos recursos de identificação juvenil: a família e o dinheiro.”*, estas que se podem inscrever e situar no contexto de classe. (Schmidt, 1990: 645).

⁵⁹ E, embora estes dados sejam relativos há uma década atrás, compreendemos que eles se mantêm e reforçam no quadro atual.

na esfera privada, e sociais, dado o número gigantesco de pessoas que se encontram nesta situação precária (mais uma vez, sublinhando, na sua recompensa material e na sua estabilidade).

Esta situação, porém, é nova em Portugal, o que pode explicar alguma “incapacidade” primária para lidar com a situação da melhor forma. *“Esta situação de alongamento do período de aprendizagem escolar, a par do afastamento prolongado das estruturas de produção, é um fenómeno recente. Não vai muito longe o tempo em que o acesso de umas esferas para as outras era quase «automático»: à saída da escola havia um emprego de entrada no mundo profissional que era muitas vezes um passo para o definitivo”* (Luisa Schmidt, 1990: 646).

Ponto assente é que a certeza de emprego para toda a vida (mesmo para alguns que outrora pensaram tê-lo) deixou de existir. O finalizar de uma formação académica, no contexto português, não permite uma passagem automática para o mundo do trabalho, muito menos para o mundo do trabalho qualificado e, menos ainda, com uma estabilidade que outrora era consumada desde início. Este é um fenómeno mundial mas que com a crise de alguns países europeus, como Portugal, tornou-se neles dramático como qualifica Lobo et al. (2015: 8-9),

“O último quinquénio foi, efetivamente, particularmente penalizador das inserções profissionais juvenis em Portugal, com taxas de desemprego entre a população jovem entre 15-24 anos que atingiram os 38% (INE, 2013). Particularmente penalizados foram os jovens com qualificações mais baixas: a taxa de desemprego população jovem entre 15-24 anos em 2014 era de 55.5% entre os que detinham qualificações apenas ao nível do 1º ciclo do ensino básico, descendo progressivamente à medida que aumenta o nível de escolaridade, atingindo os 31.7% entre os jovens da mesma faixa etária com o ensino superior.”

Não querendo – para já – discutir se o desejo, nos dias de hoje, do jovem contemporâneo, passaria por isso (embora acreditando que a possibilidade dessa escolha seria sempre bemvinda), importa perceber o que significa a não existência dessa possibilidade – ainda que existisse em moldes diferentes. Bem, se é verdade que esse tipo de trajetória, outrora procurada pelas gerações anteriores, poderá ser tida como cómoda, também o é que, a nível de organização e construção de uma trajetória de vida, torna-a incomparavelmente mais segura e sustentada. Com isto

queremos dizer que a possibilidade do “*formato carreira*”⁶⁰ permite um controle maior sobre o futuro. A construção de uma carreira, “de trás para a frente”, sempre em sentido vertical e de ascensão – quase sempre correspondida em termos monetários – e a certeza desta, implica um perfil organizacional muito mais facilitado, mais precoce, com o atingir de objetivos e patamares de forma muito mais rápida. A (talvez) monotonia laboral a que se estaria ou está sujeito – dependendo da formatação de cada indivíduo – era recompensada por uma vida extra laboral emendada numa qualidade de vida crescente na esfera do privado.⁶¹

Não significa que, naqueles dias, mas, principalmente nos dias de hoje, a possibilidade de uma carreira segura e estável (o “*especialista*”) fosse ou seja um desejo do jovem quando entra no mercado de trabalho. A questão é apenas este modelo poder ser parte de um leque de escolhas – dependendo da formatação social, académica e laboral do indivíduo. É a questão de poder escolher entre uma carreira mais estável ou uma mais arriscada. No entanto, o “*formato carreira*” / o “*especialista*” ainda hoje é, de certa forma, mesmo que implícita, incentivado através da formatação escolar que, como já vimos atrás, prende-se para cada vez mais a uma precoce especialização. O jovem, academicamente, está delimitado e delineado para um tipo de trabalho específico – e que pode, supostamente, fazer para toda a vida – se assim o desejasse. Se considerarmos a educação como investimento (como muitas camadas da população, na realidade, consideram), ele procura recolher os lucros numa atividade específica na qual o indivíduo se tornou especialista. No entanto, o mercado não oferece isso, não retribui o tal investimento, e o jovem recém-formado tem que se desenrascar.

⁶⁰ Por “*formato carreira*” entendo a ideia, outrora tida como certa aquando da conclusão da formação académica do jovem, da saída automática para o mercado de trabalho (de acordo com a qualificação do jovem em questão). Esta saída, quase sempre corresponderia a um emprego certo e contínuo ao longo do seu trajeto como profissional, correspondendo a uma carreira única, retilínea, ascendente e segura.

⁶¹ Hoje em dia esta situação não sumiu totalmente, embora já não seja a regra. Ela, no entanto, está mais próxima de famílias com mais recursos materiais e que produzem um maior suporte ao jovem, permitindo-o também se qualificar de igual modo. São famílias de classe média alta ou alta, com qualificação superior e um trabalho de sucesso no campo financeiro e da estabilidade. Essa estabilidade permite planejar e disponibilizar meios para o jovem, proveniente desse meio, ter mais condições de sucesso, em Portugal.

O *slash* deve poder surgir como uma alternativa válida a esse modelo mais institucionalizado, mais que apenas uma “escapatória”⁶². Aqui, temos um jovem multifacetado, muitas vezes autodidata no material que produz, e que, através de um certo tipo de empreendedorismo tenta romper as barreiras que o mercado de trabalho lhe impõe. José Alberto Simões (2012: 193) refere mesmo a necessidade de se criarem “estratégias de profissionalização” através de “um domínio criativo” no tempo livre em que o *slash* pode ser explorado e aproveitado como momentos de “lazer” e “dever” – muitas vezes os primeiros se transformando (migrando) nos segundos ou se confundido com eles.

Poderíamos, inclusive, recorrer ao texto de dissertação de mestrado de Isabel Roque (2010: 15) em que percebemos uma diferença entre *trabalho* e *emprego*.⁶³ Podíamos atribuir o conceito de emprego ao de carreira, com um vínculo laboral estável e com perspectivas facilitadas de integração social e fruição de direitos e consequente cidadania e, por outro lado, o conceito de trabalho ligado a um objetivo remunerativo mas, ao mesmo tempo, de realização pessoal e identidade, que poderia ser mais identificado com o tal *slash* – que parte de uma necessidade mas que se constrói através de gostos próprios.

Na minha visão, existe um dilema quanto ao perfil formativo para esse jovem português. Como já se referiu anteriormente, existe uma formação voltada quase única e exclusivamente para um modelo que já está esgotado – a especialização. As taxas de desemprego crescentes e a transversalidade da mesma, em termos de trabalho qualificado, esclarecem que o recém-formado não terá para onde ir – dentro do próprio país. Uma possibilidade a este combate seria criar ou incentivar – pelo menos, mesclar – um perfil especializante que, hoje em dia, é criado pela escola, com um autoempreendedor, que facilitaria e capacitaria o jovem a encarar novos desafios, dando-lhes ferramentas – mesmo que estas se

⁶² O poder de escolha do jovem sobre o seu futuro é-lhes retirado, surgindo o desenrasque, tachos, ganchos e biscates, entre outros dribles, como personificação de um *slash* obrigado pelo contexto precário. Sublinhando, a “opção” pelo *slash*, tal como pela emigração, não deveriam ser entendidas como um desvio nas trajetórias (talvez para uns “ideiais”) dos jovens, precisando, para isso, de terem a capacidade de se posicionar apenas como opção e não como obrigação por necessidade – tal como acontece nos jovens da Geração à Rasca.

⁶³ “Até 1970, o conceito “trabalho” era concebido como um termo ambíguo que podia significar emprego da vertente intelectual e física, assim como representação de auto-realização, fonte de rendimento, estatuto, poder e identidade. O termo “emprego” resulta de um vínculo estável contratual com uma em presa que lhe confira autonomia e cidadania, ou seja, integração social do indivíduo.” (Roque, 2010: 15)

situassem apenas no campo psicológico da motivação e do acreditar em um projeto diferenciado daquele sistematicamente reproduzido – de combate a uma crise sem fim à vista. Obviamente que o empreendedorismo poderá esbarrar em outras problemáticas como a falta de capital para investimento ou a não abertura ao consumo, como nos alerta a OIT (2013: 40).

“a queda no investimento é obviamente um reflexo das perspectivas limitadas da procura. Contudo, o estado do sistema de crédito também contribuiu para esta situação. De facto, as taxas de juro para novos empréstimos a empresas não-financeiras registou em 2013 um valor mais que duas vezes superior ao oferecido na Alemanha – sendo que estes valores eram aproximados antes da crise. Esta dissociação da evolução das taxas de juro para novos empréstimos em Portugal relativamente à Alemanha é sobretudo prejudicial para as pequenas e médias empresas (PME), que se encontram quase exclusivamente restringidas ao mercado nacional de crédito e se apoiam mais no crédito bancário para as suas operações de investimento do que as empresas de maior dimensão.”

Porém, em último caso, numa perspectiva de independência e alívio da carga familiar, a autossuficiência seria o objetivo primeiro e último de um jovem empreendedor. Numa história recheada de perfis aventureiros desde a sua criação e expansão, parece que essa qualidade de outrora – tão falada e associada a “um português”, aparece hoje esmorecida. Parece haver hoje uma necessidade de reavivar uma sede de empreendedorismo por meio do contexto em que nos inserimos. Se outrora essa característica foi impulsiva, hoje terá que ser mais intencional. Assim, essa aventura pode ser, hoje, muito menos uma “aventura” no seu sentido desconhecido, mas sim uma estratégia planejada, estruturada em cima de qualificações próprias – como ponto de escape de um contexto cinza em que a juventude portuguesa se insere em termos de projetos e condições de vida. O empreendedorismo pode ser uma opção como fuga ao desemprego transversal, principalmente para camadas jovens mais qualificadas e, a par disso, de classes médias altas com alguma capacidade de investimento – ainda.

O jovem slash português poder-se-ia dividir numa proatividade que se estende ao mundo globalizado e numa necessidade que se remete e enquadra no contexto específico atual português. Isto é, no primeiro caso, remetemo-nos para o campo das opções. No mundo de hoje, em certo ponto aberto, ao nível de produção e consumo, o jovem permite-se, de forma individual e desintegrada de qualquer contexto formal, dar azo aos seus gostos, desejos, talentos, pretensões ou exposição livre de opinião própria. Para isto contribuem as novas tecnologias e a

ligação fundamental e infindável com a rede. A internet posiciona-se de forma central, nos dias de hoje, tanto como informador, stockista, espaço produtor e meio de consumo (seja livre e gratuito numa elevada amplitude de plataformas e formatos, seja pago no próprio contexto comercial). Aqui, para além do quotidiano físico, o indivíduo introspecta-se no seu mundo. Bebe de um conhecimento aberto, em grande maioria de fácil acesso e gratuito, e vai-se “especializando” nos seus campos favoritos.

Esta possibilidade extra e recente permite ao indivíduo, não só o jovem (mas este principalmente devido à maior intimidade com esta plataforma), aumentar o seu leque de conhecimento, abrindo-se a áreas extra de formação (a tal especialização em funil), permitindo-lhes, ainda – porque não – promover ganhos (muitas vezes financeiros) extra. O slash apoia-se um pouco na capacidade do jovem de se multiplicar em diversos contextos, acabando muitas vezes por se transformar (“se virar” migrando) em algo que não imaginou ou que não estudou/planejou para isso. Aproveita a informação disponibilizada para proveito próprio, para um *empowerment* pessoal, de forma muito facilitada. Esta situação acaba por acontecer, até, de forma natural, uma vez que como já nos referimos, aparece a tecnologia (materializada de diversas formas) como uma extensão do corpo. E, aqui, ela dirige-se, quase exclusivamente, aos interesses pessoais do utilizador.

A questão que mais nos interessa perceber surge no ponto seguinte. Quando a opção de ação é encurralada numa necessidade, deixa-se então de existir essa opção. Ou seja, o jovem predispõe-se a abrir o seu leque de ferramentas e ofertas para o mercado de trabalho, de forma não especializada ou qualificada (com o carimbo académico), no intuito de substituir o trabalho formal por um trabalho enquadrado nas suas capacidades alicerçadas nos gostos (lazer ou outrora lazer). O slash traz essa vantagem de uma ligação mais intimista entre o gosto pessoal que se pode, inclusive, em determinadas situações, se confundir com o lazer, e a contrapartida financeira. O jovem, que usa da experimentação ou da formação autodidata online – por exemplo – para produzir, usufrui e permuta os momentos de lazer com uma nova forma de trabalho. Um trabalho que pode ser agregado a um formal, ou um trabalho que pode ser exclusivo no multifacetar da

agenda de trabalho. O mais importante de sublinhar é que, para ser slash, ele não produz apenas um tipo de trabalho (chamaria alternativo ao formal), mas podem ser, sim, dois ou três, ou mais. Mesmo para quem tem um emprego formal, esta opção apresenta-se como um incrementar (talvez um pouco mais prazeroso) da renda mensal.

Em Portugal, poderíamos enquadrar o slash nos “biscates”, ou vice versa. Os “ganchos, tachos e biscates”, expressões típicas portuguesas e entitulantes do livro de José Machado Pais (2003), explicam um pouco melhor esta realidade no caso português. Se antes, estas formas de angariação monetária, baseadas no modelo do “desenrasque” – da fuga ao fatalismo, da sobrevivência – caminhavam em conjunto com uma exclusão sociolaboral (através da falta de formação, falta de estrutura familiar, etc.), hoje, elas estendem-se ao jovem qualificado (longe do trabalho infantil e do insucesso escolar de outrora) e desempregado, ou ao jovem empregado e mal remunerado – ou seja, ao jovem sem estabilidade, sem emprego fixo. Como Maria Gabriela Lopes (s.d.: 155) refere,

“Vivemos num tempo de instabilidade e de incertezas, que cria raízes naqueles onde ainda prevalecem sonhos e, por isso mesmo, nos mais fragilizados da nossa sociedade – os jovens – obrigados a trajetórias de vida não lineares, onde os sonhos são deitados por terra e espezinhados por uma realidade que não habitava nos seus imaginários, levando-os a encruzilhadas onde a sorte, por vezes, dita o destino ou dele faz troça, entregues às feras e esferas do acaso, onde os mais fortes ainda conseguem enganar a sorte com estratégias várias de sobrevivência.” (Lopes, s.d.: 155).

Apresentam-se como forma de fuga ou contorno aos sobressaltos contextuais em que estão envolvidos. Uma rede labiríntica sem um fim luminoso – pelo menos, por ora. São, em grande parte, de certo modo, “cruéis” – como retrata José Machado Pais (2003). São incertos na sua duração, às vezes provêm da caridade disfarçada e raramente as recompensas vão ao encontro, com justiça, do trabalho efetuado. O biscate, com alguma mestria e astúcia, “hoje”, tendo em conta o conhecimento e as capacidades (artísticas e tecnológicas – principalmente) dos jovens, pode-se transformar em algo mais. Algo que iria ao encontro de um tipo de trabalho, estilo de vida e angariamento monetário que referimos acima. No entanto, na sua essência, é algo muito doloroso como base de sustentação de um qualquer indivíduo – seja, ou não, jovem. Resta a sorte e malabarismo de uns para aproveitar algumas brechas e aliviarem minimamente a sua condição.

A precariedade em que esta situação se reproduz, que se alimenta num contexto de necessidade do jovem de se tornar independente e de, qualquer jeito, arrumar um emprego, mesmo (quase sempre) não sendo o “dos seus sonhos”, implica danos, para além de todos os campos já referidos e das interligações estabelecidas com os outros, com o fator “realização”. A autorrealização do jovem é retardada e, com sorte, tardiamente atingida, na maior parte dos casos. O trabalho e o fator financeiro que daí advém, necessária à construção da realização – não lhe permite a sua obtenção. Isto tem repercussões várias no nível social, até algo dramáticas. O aumento dos níveis de estresse e sua precocidade nas camadas jovens são um fator indicador de consequências a curto prazo (sociais e para a saúde individual) que este contexto acarreta.

A realização pessoal vem a par de uma demanda pela transformação social. Trata-se de um “privilégio” que, por isso, não cabe a todos. Principalmente porque os meios necessários para percorrer o seu caminho são vetados e / ou diferenciados em realidades diferentes.

“É preciso considerar que as diferentes experiências e representações do trabalho e do desemprego aparecem como socialmente diferenciadas. Globalmente os jovens do meio popular continuam mais ligados às normas tradicionais do trabalho e sua vivência do desemprego se aproxima da figura do desemprego total. Os jovens da classe média têm, com frequência, mais recursos para redefinir seu projeto existencial e marginalizam o lugar do trabalho assalariado em proveito de um projeto de autorrealização.” (Fávero et al., 2007: 123).

É importante saber como se constrói essa realização e qual o papel que o Estado e o trabalho, o país enquanto espaço de identidade e as relações de sociabilidade têm dentro deste caminho. O jovem, enquanto jovem, mesmo forçado a passar por dificuldades, ainda tem a pujança necessária para lutar pela sua felicidade, pela sua autorrealização. De certo, será isso, ou parte disso, que os jovens imigrantes portugueses no Brasil buscam na sua aventura. E será isso que pretendemos descobrir ao longo do texto.

3.

Capítulo terceiro – Experiências, representações e imaginários jo Jovem português no Rio de Janeiro

*“Viagem
 É o vento que me leva.
 O vento lusitano.
 É este sopro humano
 Universal
 Que enfuna a inquietação de Portugal.
 É esta fúria de loucura mansa
 Que tudo alcança
 Sem alcançar.
 Que vai de céu em céu,
 De mar em mar,
 Até nunca chegar.
 E esta tentação de me encontrar
 Mais rico de amargura
 Nas pausas da ventura
 De me procurar...”*

Miguel Torga⁶⁴

João Peixoto, através da sua obra *“A emigração portuguesa hoje: o que sabemos e o que não sabemos”*, tal como outros autores, é um alicerce válido na construção e desconstrução desta questão que nos traz até aqui. Por ser português, o interesse e o conhecimento adquirido tornam-no uma peça importante e um guia válido para nos ajudar a percorrer este caminho ainda não totalmente conhecido⁶⁵.

Numa época de crise política em Portugal, consecutiva a uma crise econômica para a qual os jovens foram arrastados e ainda estão tentando sobreviver, a dimensão da questão jovem, com todas as suas inquietações e indefinições, traz uma importância superior. Recordando que o primeiro-ministro Pedro Passos Coelho convidou aberta e explicitamente, em uma de suas intervenções, a uma fuga do país por parte daqueles que inconsequentemente se tentariam encaixar na sociedade laboral local – os jovens – e que, a partir daí, se

⁶⁴ Torga, Miguel in “Diário XII”.

⁶⁵ “a verdadeira dimensão, características e causas da nova emigração portuguesa encontram-se, em larga parte, por conhecer. Os fluxos de saída têm sido subinvestigados por comparação com os mais visíveis, pelo menos até há pouco, fluxos de imigração estrangeira. Essa menor investigação não tem correspondência com uma muito inferior dimensão relativa dos fluxos.” (Peixoto, 2012: 9-10).

sentiram praticamente obrigados a fazê-lo com a falta de perspectivas internas para a resolução deste problema.

A opção por um estudo qualitativo complementando o que a estatística sempre parece demonstrar, empodera um lado menos visível, detalhista, autorreflexivo, trazendo-nos um conteúdo, por vezes, surpreendente, rico e diverso – porque não até poético e intimista. Nestas “conversas”, conseguimos perceber como um ponto de partida semelhante dificilmente se desdobra em experiências semelhantes, facilmente camufladas pela estatística quantitativa. O conjunto de histórias diferenciadas abre-nos a perspectiva da incerteza de nossas certezas. Mostra o inesperado do planejado. Compreende diferentes trajetórias de vida com o mesmo objetivo. Com e sem sucesso.

No estudo das entrevistas efetuadas optou-se por um desdobramento do conteúdo analisado em determinados itens focalizados pela maioria dos jovens. Assim, evidenciaremos várias tipologias de rastreio, como subcapítulos, que nos guiarão na compreensão dos discursos. De sublinhar que estas tipologias foram construídas a partir dos discursos do jovens e não o contrário. Não houve uma construção, à priori, de tipologias onde os discursos foram inseridos e que poderiam ser consideradas como “camisas de força”, mas estas foram, sim, pelo contrário, construídas de acordo com as várias interseções do conteúdo dos discursos dos jovens entrevistados. Assim, será feita uma radiografia representativa do grupo fechado criado pelos jovens entrevistados.

3.1. Os entrevistados

Os entrevistados não foram escolhidos de forma aleatória, mas sim foi se autocriando um processo de seleção e voluntarismo através de “passa a palavra”. Se bem que optei, claramente, por desconsiderar toda e qualquer relação pessoal – de maior ou menor amizade – com qualquer que fosse o entrevistado, acabei, de uma ou de outra forma, criando uma relação com os mesmos. Senão com todos, com grande parte. Para não despersonificar o texto optei por renomear os entrevistados e descrevê-los, ao longo da análise, através de nomes fictícios.

Os entrevistados encontravam-se todos na cidade do Rio de Janeiro, com procedência de Portugal – embora alguns já tenham saboreado outras experiências fora do seu país de origem. A origem, dentro do território português, foi casual e relativamente diversificada. O destino, a cidade do Rio de Janeiro, representa uma opção principalmente pela Zona Sul da cidade, mas também Zona Oeste e Centro. A escolha dos entrevistados começou com um anúncio numa página de *facebook* dirigida e administrada por imigrantes portugueses no Brasil que, esperadamente, obteve um número válido de respostas. Poderia, inclusive, imaginar, que se trataria de uma solidariedade para com um do mesmo grupo ou – não com menos força – uma necessidade de relatar, na maior parte das vezes através do sentimento de orgulho, toda esta “louca” experiência porque passaram e passam. Na verdade, tratar-se-ia de uma troca de experiências contempladas num estudo das quais seriam alvo e objetivo.

Vários surgiram e se desdobraram sugerindo outros. O leque ficou rapidamente completo – ao contrário da execução dessas mesmas entrevistas, que confirmara a ideia que “os portugueses deixam tudo para a última da hora”. Foram 7 homens e 8 mulheres como campo de pesquisa. A exigência do gênero foi substituída pela obrigatoriedade de uma faixa etária classificativa dos jovens e compreendida entre 18 e 29 anos. Nenhum entrevistado apresentou idade inferior a 20 anos, o que se compreende pelos requisitos transmitidos na hora da seleção – como, por exemplo, estar no país não de férias (turismo), estudo (intercâmbio), mas sim de forma estável (prioritariamente laboral – como 100% dos casos apresentados). Isto leva também ao facto de o menor tempo apresentado de estadia no país ser cerca de pouco mais de um ano e meio, ao passo que o máximo foi para sete anos – o que também configura diferentes capacidades e propriedades de análise. Apenas dois entrevistados não apresentavam nenhum grau de formação superior, possuindo ainda assim um, o ensino médio completo e, o outro, ensino fundamental.

São jovens que procuravam a sua independência financeira, sempre tendo o suporte familiar como uma das bases dessa aventura. Tratavam-se, assim, de jovens de famílias da classe média e possuidores de formação superior. Por curiosidade, o jovem, Francisco, formado tecnicamente na indústria hoteleira, já

no topo desta faixa etária e proveniente de estratos sociais considerados inferiores em relação aos demais, representa o único que possuía alguma independência financeira conquistada ao longo da sua trajetória de vida através do trabalho, do empreendedorismo e que, por isso mesmo, esta jornada apenas serviu como uma aposta, um investimento, um concretizar de um sonho (não como lugar, mas em termos de expansão financeira).

Eles tiveram inteira liberdade nos seus relatos sem fugir, porém, ao foco do tema e ao roteiro da pesquisa, que se concentrava na sua trajetória, a sua história, desde a saída de Portugal até o momento da pesquisa. Percebeu-se um sentimento (ou contexto) geral de “segurança ontológica”⁶⁶ nos entrevistados, definido por Giddens (1991: 84), ou seja, à capacidade de reflexão referida anteriormente, de contar uma história, expôr situações, se autoquestionar sobre todo este processo e novo contexto encontrado. A minha posição na perspectiva pessoal de ser parte de um deles, no sentido de ser integrante da mesma Geração à Rasca e de ter sofrido o mesmo processo migratório que os entrevistados, mesclada com a minha posição de entrevistador, trouxe uma mais valia aos seus discursos pela noção de compreensão do interlocutor (eu). Assim, este diálogo estabelecido, foi subjetivamente enriquecido por este jogo de posições. A emoção acaba por tomar conta em discursos mais intimistas e em recordações pessoais de ilusões passadas ou de saudades infinitas. Por outro lado, perguntas desconhecidas parecem já terem sido pensadas nos tais momentos de avaliação desta capacidade reflexiva⁶⁷, remetendo para uma autorreflexividade que vai ao encontro das questões colocadas – nunca fugindo exatamente de um relato resultante das minhas questões. Foi ficando mais preciso o novo tipo de imigrante, muito diferenciado em relação ao estereótipo do “português tradicional” cuja característica é uma suposta maior alienação das “questões do mundo” e da menor

⁶⁶ “A segurança ontológica é uma forma, mas uma forma muito importante, de sentimentos de segurança no sentido amplo em que empreguei o termo mais atrás. A expressão se refere à crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade e a na constância dos ambientes de ação social e material circundantes. Uma sensação da fidedignidade de pessoas e coisas, tão central à noção de confiança, é básica nos sentimentos de segurança ontológica; daí os dois serem relacionados psicologicamente de forma íntima.” (Giddens, 1991: 84).

⁶⁷ Este jovem, também pela sua qualificação diferenciada relativa a outros períodos de imigração portuguesa no Brasil, parece ter uma perspectiva e capacidade de representação do “eu” diferenciada, agregando qualidade a essa tal capacidade reflexiva sobre o seu estado que todos pareciam possuir. Esta subjetividade, pela qualificação agregada a estes jovens, é uma mais valia que dificilmente seria possível atribuir em outros momentos, noutras outras de imigração, como as duas anteriores descritas no texto.

capacidade reflexiva, um estereótipo francamente irreal do português pós-moderno.

Iremos acompanhar a análise das entrevistas através da divisão e agregação dos discursos por itens que importam compreender. São eles *a mudança, o plano, a experiência, os processos de integração, o desenrasque, choques culturais, as saudades, o regresso e, por fim, alguns relatos* que os entrevistados acharam como momentos mais relevantes ou marcantes da sua passagem até então. Criando tipologias qualitativas, pode-se chegar a questionamentos que nos permitirão, ou tentarão permitir, resolver nossas hipóteses.

Quadro 8: Caracterização dos entrevistados

Nome	Idade	Origem	Localização	Formação	Tempo no Brasil (na data de entrevista)	Ocupação atual
Filipa	29	Aveiro	Copacabana	Design industrial	7 anos	Designer industrial
André	25	Coimbra	Copacabana	Arquitetura	1 ano e 6 meses	Arquiteto
Domingos	26	Viana do Castelo	Copacabana	Gestão	3 anos e 1 mês	Administrador
Teresa	25	Braga	Ipanema	Psicologia	3 anos	Gestora de projetos
Fernando	26	Santa Maria da Feira	Copacabana	Gestão	4 anos e 4 meses	Diretor de RH
Mariana	25	Lisboa	Catete	Artes cênicas	1 ano e 8 meses	Estudante
Andreia	28	Aveiro	Copacabana	Relações internacionais	2 anos e 6 meses	Em vias de regressar
Roberto	26	Porto	Flamengo	Arquitetura	3 anos e 1 mês	Arquiteto e Estudante
Júlio	28	Viseu	Barra da Tijuca	Arquitetura	6 anos e 2 meses	Arquiteto
Miguel	27	Guarda	Centro	Administração	5 anos	Administrador
Maria	29	Faro	Largo do Machado	Arquitetura	4 anos	Arquiteta e Blogueira
Paula	24	Porto	Copacabana	Veterinária	2 anos e 1 mês	Investigadora
Rute	25	Lisboa	Leblon	Design	2 anos e 1 mês	Designer de moda e Estudante
Simone	27	Estarreja	Ipanema	Psicologia	3 anos e 6 meses	Professora e Investigadora
Francisco	29	Almada	Copacabana	Indústria hoteleira	3 anos	Administrador

3.2. A mudança

O tempo e o espaço da mudança são bastante variáveis como se vê acima. No entanto, elas se enquadram já em barreiras delimitadas na escolha dos entrevistados. Assim, poderemos sublinhar que existe uma média de estada na cidade do Rio de Janeiro de três anos, sendo o entrevistado André aquele que se mudou há menos tempo (um ano e meio), e a entrevistada **Filipa** aquela que já faz do Rio de Janeiro a sua segunda (ou primeira) casa há sete anos. Como a própria relata:

“(...) agora estou lá [Portugal] e já sinto saudades de cá [Brasil]. Quando pego o táxi e começo a fazer todo aquele caminho até casa, até entrar no meu prédio, sinto-me, assim... sinto que estou a chegar em minha casa mesmo, entende?”.

Quanto ao espaço, a origem nacional é a única variável e com êxito conseguimos, de forma casual, conversar com pessoas de origens territoriais diferentes dentro do mesmo país. Se bem que Portugal seja um país litoralizado populacionalmente, fruto do mercado de trabalho e de uma maior rede de qualificação junto aos grandes centros (Porto, Lisboa, e ao nível universitário Coimbra e Braga – já mais interior), a origem (cidade de nascimento e de vivência de grande parte da vida) dos jovens não se coíbe a esses espaços. Vários jovens, como o entrevistado Júlio, por exemplo, é proveniente de Viseu – e assim se considera – embora tenha feito toda a sua formação acadêmica fora da sua cidade. No caso dele, estudou em Lisboa – inclusive tendo, nesse meio tempo, feito um período de intercâmbio na cidade do Rio de Janeiro, por seis meses. É curioso perceber que os jovens, embora tenham tido percursos acadêmicos fora das suas cidades de nascimento, quando lhes questionado de onde provêm, referem sempre sua cidade de origem – mesmo que já tenha sido “abandonada” há alguns anos. O sentimento de pertença é tão grande que se reflete, em muitos casos, na ida constante – aos fins de semana – para casa dos pais, para se reunir com os amigos que lá deixaram e que seguiram estradas diferentes. Talvez por isso, o sentimento de pertença nunca desapareça, também pela presença – embora intermitente – constante, na vida social da sua cidade de origem, onde realmente se sentem integrados e valorizados (socialmente) por contraponto ao anonimato da cidade grande – mas que lhes deveria trazer uma valorização profissional.

Muitos destes jovens já experimentaram, tal como no caso do Júlio, a experiência da migração interna (acadêmica), por assim dizer – trata-se, também, de uma mudança, tal como se sucede no caso do intercâmbio escolar – embora que estas, em parte, sejam temporárias. Se é verdade que Portugal é um país relativamente pequeno em sua extensão, não é menos verdade que a noção de tempo e espaço no imaginário do português “comum” é bastante diferente das mesmas noções de um brasileiro, aqui especificamente carioca.

“Lembro-me ainda quando era “puto” e me mudei para Lisboa, foi excelente porque era uma grande cidade, mas parecia quase outro país. As distâncias lá não têm nada a ver com aqui, não é? O tempo que demoro a chegar a Viseu ao fim-de-semana, é o que demoro da minha casa aqui até ao aeroporto. Esse é um ponto um pouco impensável no que toca a quem não vive aqui se imaginar a viver aqui. É uma adaptação...”, Júlio

Vejamos, sem nos alongarmos em demasia, tendo noção que esta questão poderia dar uma outra tese bastante interessante. O padrão de vida do português é claramente diferente do brasileiro. Falemos em termos gerais, empregos comuns. O português orgulha-se de ter um trabalho perto de casa, ou uma casa perto do trabalho, e, ainda assim, possuir um carro. A qualidade de vida também é medida por aí, a par de um salário que pode nem ser exorbitante mas que consegue ser compensado pelo fácil deslocamento conquistado. Assim, uma distância entre Porto e Lisboa (pouco mais de 300km), torna-se uma longa viagem. Aqui, em território brasileiro, não daria para chegar a qualquer uma das cidades capitais de estado mais próxima. A noção do tempo, a par do espaço, consideraria uma viagem dessas em torno de 3h a 2h30m, por vezes demasiado longa para um comodismo associado ao espaço e tempo. Para um brasileiro, pode parecer estranho como 300km se podem tornar em algo tão distante, quando aqui, no Rio de Janeiro, há quem gaste mais de 3h por dia em trânsito – sem muita dificuldade (equivalente a 3h de viagem de autoestrada / autopista em Portugal para algum destino) . Há quem faça bem mais de 300km para ir visitar a praia um ou dois dias, ou mesmo para uma reunião de trabalho, sem pensar no tempo “gasto” e espaço a percorrer. Então, esta mudança de cidade dentro do próprio país, para um português, já se considera relativamente corajosa (dando o exemplo da mudança como consequência da entrada em determinada universidade longe da cidade de origem). O processo acaba por ser parecido. Considera-se o reconhecimento da cidade, a criação de novos laços de afeto, saudades do lugar de origem, da família,

dos amigos. Uma integração que leva sempre o seu tempo e nem sempre é “completada”. Ou, quando consegue sê-lo – um pouco ao nível do que acontece num intercâmbio – a jornada acaba; regressa-se ao ponto de partida (casa dos pais) ou parte-se para outro lugar (onde será empregado). No entanto, neste contexto de globalização, a probabilidade de deslocamento é bem maior. O desejo dessa mudança acaba sempre por atenuar diversas dificuldades que nem sempre seriam esperadas, servindo de combate ao tardar do “sucesso” – sucesso da integração.

Muitas vezes, quem já traz esta bagagem, esta experiência física e emocional, exponencia a sua chance de sucesso e mais rapidamente monta determinados alicerces chave para o tal sucesso da jornada. Concluindo, embora com todo o conhecimento do Brasil, ainda é considerado por todos uma atitude de risco, de coragem e de sorte esta mudança para um lugar “tão longe”, “tão distante” e “que se demora tanto tempo a chegar” – poderiam ser as expressões escolhidas por tantos familiares de coração apertado (fado) ao ver um membro partir para um lugar que parece, por vezes, inalcançável: longínquo. Este contexto de aldeia global permite mudanças constantes, com maior facilidade que outrora, havendo maior disposição de determinados grupos, como os jovens, para serem parte dessa mudança, e de certos países, que se enquadram melhor no contexto de globalização e de pólos de atração migratória, pelas condições de vida que podem oferecer através, por exemplo, de melhores oportunidades de trabalho.

3.3. A decisão

O primeiro passo para concretizar alguma coisa é ter certeza sobre o que se quer fazer. Nem sempre sobre o que se vai encontrar ou o que vai acontecer, mas, pelo menos, sobre a vontade e a coragem do ato em si. Esta é um pouco da história dos “descobrimentos”, onde muito se desvendou por acaso, sem ser o objetivo principal, contando apenas com a força guerreira, de vontade, de descobrir novas terras, novos mundos, novas pessoas. De conquistar. A ideia aqui, cinco séculos depois não é a de conquista territorial, mas uma conquista pessoal, de condições de vida, de perspectivas de realização pessoal.

E, quando confrontados com a questão do “porquê vir para o Brasil?”, a resposta pode se desdobrar em várias tipologias: *necessidade*, *sonho*, *questão familiar*, *desafio* para poder ser melhor compreendida.

Todos os jovens entrevistados encaram a *necessidade* de imigrar. Diria apenas que uma delas, Andreia, não teve uma necessidade proveniente de si mesmo como desenrasque ou desejo, senão de acompanhamento de seu marido, como à frente trataremos. Não falo de uma necessidade intrínseca – pelo menos diretamente com o Brasil – pois aí já nos poderíamos recolocar na *tipologia sonho*. Falo, assim, de uma necessidade prática, material e financeira – *imigração forçada*. Uma necessidade decorrente da falta de oportunidades no país de origem decorrente de uma crise financeira mundial, agravada pela má gestão de recursos ao longo dos últimos anos em Portugal. Esta necessidade de sobreviver fazendo aquilo no qual se investiu anos de qualificação redireciona a população jovem para uma abertura à imigração. Os novos cérebros, qualificados, fruto do investimento do Estado português, passarão a servir outras nações, onde estas só os necessitam de acolher e espremer dos mesmos todos os frutos colhidos, de forma inteligente – através de vínculos empregatícios. A crise financeira, que coincide com grande parte do período acadêmico dos entrevistados, fê-los estabelecer como opção válida a saída do país – nem sempre de forma totalmente intencional. Juntamente a isto, surgiu a imagem contínua do país irmão, bem promovido no exterior ao nível econômico, mesmo com todos os problemas sociais no inconsciente dos jovens, que daria – símbolo das américas – a oportunidade de uma nova vida, de atingir o sucesso, a independência. Com o Brasil bem colocado no imaginário jovem português, reergueu-se um fluxo migratório em direção ao país (nas vertentes acadêmica e laboral) – imigração distinta do estereótipo já referido atrás. Foi assim o caso de Miguel e Simone.

“E eu vim pela situação econômica que o país estava a atravessar. Vivemos uma crise financeira, que não sei se é decorrente da americana ou se se arrasta desde sempre. Sempre se ouve falar em crise... É um povo que se lamenta muito. Acho que se não houvesse crise, haveria ainda assim crise... A crise europeia é uma crise de desemprego, não de recursos básicos de vida. Mas para um jovem tomar a sua independência, esta crise inviabiliza totalmente essa situação. Então, temos que procurar outras portas. Se ouvir os meus amigos, muitos deles fizeram a mesma coisa.”, Miguel

“Vim por não ter oportunidades de trabalho em Portugal. Passei meses a entregar currículos sem obter qualquer resposta, ou com propostas que deveriam ser proibidas pelas leis trabalhistas. Decidi vir para o Brasil, um pouco pela minha história familiar também, um pouco pela enorme campanha de prosperidade do Brasil que foi feita em Portugal.”, Simone

Esta história é realmente muito repetitiva e fácil de escutar, conforme relatou o entrevistado Miguel. Em qualquer conversa sobre emprego e imigração, em qualquer “café”⁶⁸, sente-se a necessidade de fugir do caos, do buraco. De entrar num mundo desconhecido, por mais que o pareça ser (e veremos mais à frente que não é tanto assim). Quase sempre, e cada vez mais, com um repugno e desacreditação da política interna ao longo dos anos.

O sonho, por outro lado, já possui uma vertente mais positiva, aliada a um sentimento de desejo – acreditando-se, também por isso, numa maior facilidade de lidar com a situação. O sonho, que pode inclusive ser alimentado através de toda a propaganda levada a cabo pelo Brasil numa ótica de prosperidade e também de riqueza cultural, recua até pormenores, simbologias e momentos específicos de um passado que foi sendo alimentado.

Como refere a entrevistada **Maria**,

“Desde que me lembro de ser gente tenho um fascínio muito grande por este país. Há muitos anos que sonhava vir para aqui. Morar, trabalhar... Depois, em 2012, fiquei sem trabalho lá, não é? Achei que fosse a melhor altura para vir para aqui concretizar o meu sonho. Era a oportunidade que faltava. E assim veio a aventura. Olha, vim passar um mês de férias assim que o meu estágio em Portugal terminou e fiquei sem emprego. Aproveitei, vim de férias e tentei arranjar alguns contatos e conhecer um pouco o país.”

O sonho, e sua problemática, compreende algo de ficção e realidade. Uma mistura que nunca é fiel ao desenho real. O sonho enquanto realidade distante mas com esperança de ser alcançada, muitas vezes pode ser realmente concretizado e virar um conto de fadas – ou seja, “viver um/o sonho” –, como pode se tornar numa desilusão por tudo aquilo que foi previamente imaginado que seria. **Mariana**, por exemplo, estando aqui há pouco mais de um ano, encontra-se numa situação de desemprego, depois de ter vindo com vínculo laboral e não ter

⁶⁸ Talvez o maior símbolo das relações sociais e interpessoais ao nível informal em Portugal. “Ir ao café” não significa literalmente ir tomar um café a um estabelecimento comercial, mas sim sentar-se numa mesa, bebendo (principalmente) e petiscando algo, com o intuito da convivência, da discussão amigável, da criação e manutenção de laços fortes entre os intervenientes.

ocorrido como o esperado o seu percurso na empresa. Achando ir viver um conto de fadas, hoje vive o lado reverso da moeda, com uma desilusão ao nível social.

“Isto era bom enquanto estava aqui tipo turista. Ia aqui, ia ali. Ia a outros estados, subia morros, coberturas... tirava umas fotos. Depois pensei, vou começar a trabalhar, ainda vai ser melhor, não é? Vivo aqui na cidade maravilhosa, ganho dinheiro... Mas com o tempo... com o tempo fui percebendo que não era bem assim. Lá de cima [Pão de Açúcar] é bonito, até podes pegar um helicóptero e tal... mas conviver com algumas cenas, “xiii”, estou pelos cabelos... (...) os serviços são de terceiro mundo, tiram a paciência de qualquer pessoa!”.

Aliado ao insucesso laboral, compreendeu-se um tom de desilusão no que toca ao cotidiano. Para os entrevistados, com maior ou menor percepção da diferença de realidades ou integração aqui, torna-se unânime a dificuldade de compreender e de aceitar certos tipos de comportamento naturalizados, tais como o “jeitinho brasileiro”⁶⁹ de ser, a malandragem ou aquilo a que Sérgio Buarque de Holanda chama de “homem cordial”⁷⁰.

“Aquele alegria de todos, inclusive de quem parece estar pior na vida, é de admirar. Mas com o decorrer do tempo vamos percebendo ou ficando na dúvida se não é teatro... Começam aquelas conversas e manhas, aquele jogo de cintura... Nunca percebemos o que é real e não é.”, Mariana

Num terceiro ponto, temos as *questões familiares*. Aqui, aparecem diversos tipos de ligação. Uma, digamos que é uma vinda por “arraste”⁷¹ – o caso de acompanhar um familiar que veio trabalhar aqui. ´

“Vim para cá por uma questão familiar. O meu marido tinha vindo em junho de 2013 também e eu decidi-me juntar a ele uma vez que a minha profissão também é um pouco mais flexível. Permitiu-me vir com ele e assim foi...” , Andreia

⁶⁹ Roberto DaMatta e Livia Barbosa retratam, como ninguém, esta característica da brasilidade. *““o jeitinho” resolve os embaraços das normas por meio de um englobamento no qual a igualdade e, poder-se-ia acrescentar, a fraternidade são fundamentais.” (DaMatta, 2005: 23)*

⁷⁰ Esta imagem deste “brasileiro”, remete claramente para o espaço de relacionamento interpessoal de cada entrevistado. Assim, seria mais correto identificar a referência ao “brasileiro” em geral, utilizada pelos mesmos, como estando direcionada e significada a partir da imagem do *carioca da zona sul* – o brasileiro que mais interage no cotidiano destes jovens.

⁷¹ Quando falamos comumente em “arraste”, referimo-nos a algo que não era, à priori, um objetivo, ou algo esperado, mas que foi forçado a acontecer por acontecimentos prévios. Trata-se de uma consequência. Não significa que seja exclusivamente positiva ou negativa. A ida por arraste para o Brasil, por exemplo, referir-se-á a uma imigração não voluntária, mas sim com fatores que dependeram maioritariamente de outrém. No caso do texto, essa mudança “por arraste” é fruto da necessidade de manter vivo um relacionamento.

No caso da Andreia, compreende-se a dimensão da família na vida do casal. Embora não se tenha posto em causa a vinda do marido para o Rio de Janeiro, derivado à vantagem financeira que isso acarretou, a distância foi preterida – ainda que, tal como a própria refere, se previsse uma certa facilidade em encontrar, também para ela, trabalho. O que se veio a verificar, inclusive. Esta situação é cada vez mais recorrente num mundo global, para mais, instável. Se é verdade que, acredito, fica difícil construir relações afetivo-amorosas em contextos de instabilidade e de não total integração, também é difícil manter aquelas já estabelecidas, na instabilidade do mercado ou na incerteza da temporalidade da distância.

“Ele (o marido) teve que vir para o Rio trabalhar e ainda era algum tempo. Nunca tinha estado longe dele assim tanto tempo. Acho que me senti um pouco obrigada a acompanhá-lo. Como esposa. Queria dar-lhe um suporte. Iríamos ficar os dois sozinhos. Nós casámos, temos que apoiar um ao outro. (...) Foi uma boa decisão, uma nova experiência... Quem sabe um dia não vá com ele para outro lugar, com mais coragem, agora para ficar.”, Andreia

Outra, é a existência de algum parentesco aqui, que daria algum tipo de suporte e facilitaria a logística e própria integração. É o caso atrás citado da Simone, que consegue misturar dois tipos de motivações para partir, o que intensifica muito mais o movimento.

Por fim, encontramos também o caso da entrevistada Paula que possuía dupla nacionalidade, tendo inclusive nascido no Brasil, e que, de uma ou de outra forma, teria uma ligação emocional mais estreita com o país, sendo por isso, um destino bastante lógico.

Terminando, temos o *desafio*. Aqui, compreendo o desafio como algo pessoal, que vem de dentro, não aquele sugerido por outrém. Um desafio aos padrões estabelecidos da sua vida, da sua trajetória, que representa uma ambição de mudança. Aqui, compreendemos dois tipos de desafio. O financeiro, o empreendedor, o próspero e, por outro lado, o desbravador, o descobridor, o curioso. No primeiro, temos o exemplo de Francisco que analisa que a sua mudança se deve única e exclusivamente a negócio. Criar um negócio que lhe parecia rentável do outro lado do oceano (por que não? – se questionou ele e tantos outros). Com capacidade para investir de forma “mais ou menos” segura, o

risco do desafio não se estabelece em termos financeiros, mas sim em termos pessoais. Aqui, o “risco” seria ter sucesso. No segundo, o espírito descobridor tomou conta de **Roberto** que juntou o lado curioso à lógica do mercado na época,

“Vim porque queria um desafio, conhecer um novo continente. E o Brasil estava num bom momento econômico que me poderia dar um bom arranque de carreira... Sou arquiteto...”.

Este grupo de jovens entrevistado parece enquadrar-se de forma voluntária ou forçada, nesse jovem “cidadão do mundo” que cada vez mais se enraíza nesta lógica de “rodar o mundo”. Pelo menos, antes de escolher ou ter a possibilidade de se estabilizar em determinado emprego. Um jovem super informado com desejos culturais e ambições pessoais que simbolizam um mundo pluricultural, uma “aldeia global”, onde cada vez mais as fronteiras perdem sentido, a linguagem se mistura e a sensação de navegação é quase imperial. Neste sentido de mudança dos tempos, acabamos por perceber que esta situação se tornará cada vez mais comum, restringindo gradualmente o uso do termo “aventureiro” para muitas vezes definir este tipo de jovem.

3.4. O plano

Este é, talvez, um dos pontos mais interessantes. O plano – ou a falta dele.

Seria suposto imaginar, ou até mesmo idealizar, que uma mudança do calibre migratório, principalmente entre “países irmãos”, à priori, permitisse um conhecimento – ainda que pudesse ser alicerçado num senso comum – relativamente seguro (ou mais amplo que outros destinos), fortalecido por um plano bem estruturado – senão detalhista – daquilo que se pretende desenvolver e se espera encontrar.

Se, por um lado, temos a visualização de planos concebidos e executados, sem muita margem de erro, por outro, deparamo-nos – diria que com alguma surpresa – com uma (auto) leitura de não planejamento. Se bem que a existência de “planos A e B”, comumente chamados, nunca foi à toa, aqui tomaram uma dimensão real nos discursos dos entrevistados – inclusive, integrando o “plano C”,

constantemente reeditado, redesenhado, ao sabor do tempo e dos acontecimentos, fruto da inconstância e da incerteza.

Diria que existe um plano comum a todas as conversas – o êxodo, usado aqui para enfatizar a saída de milhares de jovens portugueses do país. Existe, paralelamente, um desejo, consequência desse plano – o êxito.

Três dos entrevistados referiram que tiveram seus planos bem definidos e executados. Vejamos, por exemplo, naquilo que poderia ser tipificado como *plano de continuidade*, o caso de Domingos, Roberto e Simone que já tinham efetuado um período razoável de intercâmbio no Brasil e, a partir dessa experiência, decidiram optar pelo país como carreira profissional. Os três, inclusive, mantiveram – a par dos seus trabalhos – uma continuidade na sua qualificação acadêmica com perspectiva de benefícios em suas carreiras profissionais, valorizando seus títulos. Esta trajetória parece bastante lógica e, por outro lado, mais segura. Depois do período de intercâmbio feito anteriormente, que permite uma – pelo menos mínima – perspectiva de integração e de funcionamento social, o jovem está mais apto a planejar e se certificar da sua escolha. Normalmente, estas escolhas procedem de experiências extramamente positivas enquanto estudantes, se bem que, como a Mariana se referiu ao longo da sua conversa, acaba por ser totalmente diferente o contexto de estudante e de trabalhador, podendo originar algum tipo de desilusão ou, senão tanto, uma perspectiva menos otimista ou idealista do local escolhido.

Noutra fileira, poderemos encontrar *planos concretizados* que representam a criação, execução e finalização do plano, tal como idealizados. Sendo praticamente uma miragem, temos o caso da **Andreia** que parece ser o mais perto disso.

“Não, não havia um plano definido a não ser acompanhá-lo [marido] na execução da obra, dar-lhe o apoio necessário e, portanto, regressar a Portugal depois desse trabalho executado. Inicialmente pensava-se é que era por um período de um ano e agora, como se vê, já se passaram dois.”

No caso dela, ainda assim, o plano não foi totalmente seguido à risca, como se pode verificar quanto ao tempo de permanência que se estendeu um pouco mais. Embora a resposta textual possa parecer confusa e, na verdade, é

contraditória – pois existe, sim, um plano – o plano é bem simples e sem muitas brechas para inesperados (pelo menos no papel). No entanto, esse plano, que continua “fechado”, sofrerá um prolongamento relacionado com o tempo de execução do mesmo.

Depois, em maior número, aparece aquele que poderia ser chamado de forma mais realista, o “plano de fuga”, mas que optarei por apelidar de *plano laboral*. Dentro deste plano laboral encontramos uma série de deambulações sobre trajetórias completamente independentes entre si, com formas de estar e de pensar alheias umas às outras, mas com um objetivo comum – a independência financeira e a possibilidade de escolha do lugar onde ficar: “aqui ou lá”. Para estes, o plano jamais estará concluído. Trata-se de jovens corajosos e ambiciosos que auguram um conhecimento do mundo além do que os olhos alcançam. Pretendem, antes de mais, uma estabilidade que deveria ser garantida pelo próprio país mas, caso presente, terá que ser conquistada em outras latitudes e com esforço pessoal.

Dentro desta tipologia, encontramos duas vertentes. Aqueles que vêm já com um trabalho certo. Ou seja, foram contratados, aparecem com um visto de trabalho, têm, de certa maneira, uma determinada estabilidade financeira, quase sempre com *perspetivas* positivas (que nem sempre se concretizam) – ao contrário do que lhes parecia esperar em Portugal – como o caso de Maria ou Júlio Aqui, sem dúvida, compreendemos que a causa da viagem é a falta de opções e oportunidades no país de origem. Trata-se do primeiro passo para uma fuga à dependência financeira dos pais e, por consequência, o encerramento de um ciclo que representa uma independência não atingida.

Outra vertente é representada pelos casos do Roberto e da Rute, que saíram da sua zona de conforto por vontade própria, sem nenhuma justificativa mais ou menos obrigatória, ao contrário de um padrão que existe e é mais reflexivo – mais por uns do que por outros – de um plano com aspirações financeiras. Eles, de forma oposta, apostam na busca por novas experiências. Obviamente desdobrado através das suas qualificações e atuação no mercado em que é especializado – ao contrário do que acontece em Portugal, onde vemos jovens qualificados (se sujeitando) a trabalhar em empregos não qualificados.

“Conhecer novos lugares, pessoas e formas de pensar. Queria sair da minha zona de conforto. O plano era para estudar um ano e depois se gostasse tentar ficar. Mas eu já cá tinha estado, não é? Sabia que ia gostar disto tudo... Fiquei mesmo. Até podia lá [Portugal] ter ficado, mas gosto de desafios, do novo!”, **Roberto**

“O meu objetivo é reter o máximo de informação possível sobre novas técnicas na minha área utilizadas aqui no Brasil. Vim para aqui um pouco com aventura e tentar perceber a forma de viver aqui. Juntei o útil ao agradável, como se costuma dizer. Tenho também como objetivo voltar para a minha faculdade (em Inglaterra) e mostrar aos ingleses a potência da América do Sul. No início da faculdade nunca pensei vir parar aqui no Brasil. No início, sempre pensei ficar por Inglaterra ou Estados Unidos, mas rapidamente me fartei daquela cultura fria e pouco aberta.”, **Rute**

Ora vejamos, Maria, Paula e Simone são três mulheres que se enquadram no plano laboral. Elas tinham como objetivo exclusivo a conquista de um emprego. Se por um lado, Maria aliava o sonho de morar aqui às perspetivas laborais que desvendava por aqui, Paula aliou as suas raízes cariocas às também perspetivas do mercado de trabalho serem bem superiores às portuguesas, enquanto Simone decidiu lutar por um lugar e por uma valorização pessoal, longe de sonhos e raízes, mas de forma racional e quase exclusivamente profissional. Assim, temos três caminhadas distintas, com o mesmo objetivo, diferenciando a emoção e o lado sentimental de umas com o pragmatismo da outra.

“O objetivo de ter vindo para aqui, depois de tudo aquilo que falei [ter um fascínio pelo país], do porquê, foi fazer uma coisa que em Portugal era difícil. Era arranjar trabalho na minha área. Isto, de preferência no Rio. Planejei ficar um mês... estabelecer contatos. Enturmar-me na comunidade portuguesa na minha área de formação para facilitar o processo. Foi assim pensado. Na verdade é que tudo deu certo durante dois anos. Corri à risca tudo que tinha planejado. Foi muito bom.”, **Maria**

“Objetivo era claro: encontrar trabalho na área. Plano? Hm... não havia um plano concreto à partida, foi exploratório. É sempre tudo muito diferente, daquilo que pensamos que é, daquilo que pensamos fazer e daquilo que realmente é e acontece e todos os imprevistos. E coisas positivas, é claro. Às vezes também há coisas que não pensamos e que nos acabam por ajudar. Nem tudo é para pior.”, **Paula**

“O objetivo primordial sempre foi tentar arranjar emprego na área. O meu plano era fazer contatos na universidade, falar com os professores e "vender" a minha formação. O modelo clínico que eu estudo e aplico ainda está se desenvolvendo aqui no Brasil e isso ajudou.”, **Simone**

A estratégia é sempre diferenciada de uns para outros, diria mesmo pessoal. Deriva de formas de pensar e encarar desafios moldados a educações,

padrões de vida, personalidade e capacitação. Como Paula, que afirma que não tinha um plano exatamente traçado, ou, por outro lado, que esse plano seria a exploração (um plano aberto, por assim dizer), também Júlio, Miguel e Francisco acabam por demonstrar não ter um plano definido à risca para a sua vinda para o Brasil. No caso de Júlio e Miguel, isso acontece porque o Brasil não seria o plano A, talvez nem o B, mas foi o plano que se concretizou – ou está-se concretizando.

*“Eu tinha estado a trabalhar como arquiteto, depois fiquei uns largos meses a trabalhar noutras coisas... E a minha profissão demanda que estejamos com contato direto com a arquitetura. E já me estava a sentir afastado há muito. O primeiro objetivo a vir para aqui era ter trabalho, ser remunerado e continuar a enriquecer o meu currículo. Na verdade eu não tinha um... Quer dizer, o plano vai alterando ao longo do tempo. Eu tinha o objetivo de trabalhar na Europa.. Uns anos na Inglaterra ou uns anos na Holanda e depois definir onde iria ficar. Ao vir para aqui o plano inicial era ficar um ano, enriquecer o currículo, ganhar algum dinheiro e a situação melhorar em Portugal e voltar para lá.”, **Júlio***

Júlio, embora já tivesse estado anteriormente no Brasil, aparece aqui claramente descartando o Brasil das suas primeiras opções de imigração por motivos de valorização profissional. Fala em Europa, especifica dois países. Para ele, a escolha da “volta” ao Brasil foi praticamente como final. Como ele próprio se refere, nem sempre ter um plano é suficiente. Neste caso, ele tinha um, ou dois, mas não puderam ser concretizados. O plano Brasil foi a terceira alternativa, um plano que foi se construindo através de alterações de percurso forçadas. Júlio já consegue conjunturar, agora estabelecido aqui, um novo plano A. Com o sentimento crescente de integração, pertença e estabilidade na sua nova cidade, com os anos passando, ele se interroga sobre o seu regresso:

“Hoje em dia meio que já me vejo por aqui. Hoje em dia o plano é de não ficar aqui para sempre, não sei, mas construir as coisas aqui. Para me tirarem daqui é preciso que venha uma proposta “diferente” [financeiramente].”.

Um pouco à sua imagem surge a história de **Miguel**:

“Na verdade, para mim, nunca foi um sonho vir para o Brasil. Nunca perspetivei estar aqui no Rio de Janeiro. Talvez um dia como cidade de sonho como turismo, mas não mais que isso. Houve um conjunto de razões que me trouxeram até aqui, mais por falhas em outros lugares do que por uma escolha centrada aqui no Rio. E eu já tinha vindo primeiramente para estudar, intercâmbio, lá da Guarda. Depois voltei... O intercâmbio é diferente. A pessoa tem outra perspetiva das coisas. Está aqui para se divertir, corra bem ou mal, sabe que vai voltar para casa. Pode desfrutar mais. Eu voltei porque gostei e ao início é bom. Tem aquela

vida de turista, depois acaba. Pronto, senti-me um pouco inserido já e essa experiência foi-se.

Fui para Portugal, tentei trabalho na Europa quando acabei o meu curso, nada deu certo. Vi que mesmo assim ia gastar muito dinheiro lá. E tentei de novo a experiência aqui. O plano era ficar pelo menos mais três meses. Era tentar procurar emprego que não consegui logo, não... Acabei por ficar aqui algum tempo ilegal, procurei trabalho noutras cidades...”

Aparece aqui, também claramente, que não era este um destino preferencial – embora, para além de todo o caminho sinuoso hoje tenha finalmente se encarreirado. Mas, pela bagagem que já tinha deste país e pelo que lhe pareceu ser uma opção financeira mais viável – não em termos de salários, mas sim em termos de custos de relocação – o Rio de Janeiro voltou a ser o seu destino.

Numa última perspetiva, diferente daquelas até agora tratadas, encontramos Francisco. Francisco, se assim pudéssemos definir, poderia se intitular como um profundo conhecedor do Brasil. Se é verdade que ainda não tem trinta anos, também é verdade que a vida lhe trouxe possibilidades de viajar diversas vezes. Já tendo vindo ao Brasil perto de uma dezena de vezes ao longo da vida, um amigo propôs-lhe uma parceria de negócio no Rio de Janeiro. Tendo gostado do que viu até à data, não se acanhou e aproveitou a oportunidade. O planeamento da parte dele, foi inexistente. Veio numa base de confiança do seu sócio/amigo.

*“Plano definido não tinha. Quando me apresentaram o negócio parecia-me bom. E é bom. Não digo que não. Mas pensar chegar aqui, fazer isto e aquilo, não... A gente vem sempre com expectativa que seja bom não é, que a pessoa consiga evoluir não é. Mas não correu tudo assim tão bem.”, **Francisco***

Francisco mostra-se desiludido com o que encontrou especificamente aqui na cidade, mesmo em comparação com tantas outras que já visitou e inclusive morou aqui no Brasil.

“Eu já conhecia o Brasil de férias. Já cá vim umas dez vezes. Mas quando vimos de férias temos uma ideia diferente não é. Penso eu... Nós vimos, ficamos num hotel... Vamos ver as coisas bonitas nas coisas onde estamos e tudo o resto nos passa ao lado. Vivendo aqui tudo é diferente. Temos que viver com a realidade das pessoas e fazemos parte dessa realidade, queiramos ou não. E é lógico, se fosse hoje, eu não tinha vindo. Nunca esperei isto. Não só aqui na cidade. Isto é um pouco cultural de norte a sul. Acho que é uma realidade completamente diferente da nossa. É a minha opinião sincera.”

O não planejamento pessoal da viagem e, talvez, o excesso de confiança, levaram-no a uma desilusão no que toca à adaptação à cultura. Tomar a parte pelo todo, numa perspetiva positiva ou negativa, tornar-se-á sempre perigoso. Embora não tenha vindo numa perspetiva aventureira ou numa busca desesperada por trabalho, a sua aposta, que mais tarde alcançou sucesso financeiro, trouxe-lhe uma data de contra-tempos inesperados que o fizeram pensar seriamente em desistir. São estas experiências que vamos aprofundar a partir de agora.

3.5. A experiência

Dentro da autoavaliação de suas experiências no Rio de Janeiro, compreendemo-la de dois pontos de vista diferentes. Primeiro, percebe-se que existe quase sempre uma positividade naquilo a que vou chamar de *experiência de migração*. Ou seja, o processo migratório de que todos foram alvo foi, maioritariamente considerado, uma experiência enriquecedora ao nível pessoal. Aqui, mesmo os pontos negativos que surgem ao longo de seus trajetos são transformados numa bagagem emocional de vida – que se transforma na tal experiência – e que produzem seres mais capacitados para o enfrentar de desafios inesperados. Ainda assim, a experiência migratória aparece relatada como sendo positiva, mesmo que nem sempre tenha sido uma primeira opção como desejo de construção das próprias trajetórias de vida, pessoais e profissionais. Acima de tudo, constata-se a possibilidade de viver algo diferente, de conhecer uma cultura que, depois de estar no novo contexto, se percebe mais diferenciada da portuguesa do que o senso comum possa ditar. Esta experiência, calcada nas diversas dificuldades, acaba por ser altamente valorizada pelos entrevistados.

Por outro lado, falamos da *experiência social*. Se bem que não possamos, de forma alguma, dissociar uma da outra, tentaremos fazer este exercício de divisão, focando esta última tipologia na experiência do cotidiano, das coisas práticas, da experiência específica. Aqui, já perceberemos alguma relutância em algumas classificações como positivas, mesmo quando o próprio entrevistado define que a amplitude de análise da experiência migratória seja classificada como positiva. Neste campo, é usual escutar a classificação dos entrevistados como uma

experiência “fácil” ou “difícil” – o que, mais uma vez, não se incompatibiliza com a classificação de “boa”, quanto à tipologia anterior. Diferencia-se, assim, o agradável do útil.

Maria é a imagem do lado positivo,

“Depois de tudo que falei, tenho que dizer... A experiência tem sido maravilhosa. Mesmo com aquilo que considero grandes diferenças de cultura. E o clima não é... Sinto-me em casa.”

Paula é um outro exemplo disso,

“Logo encontrei trabalho não exatamente na área, mas algo que me realizou bastante. Senti as portas abertas em vários contextos... A nível profissional. E sinto boas perspectivas de que possa evoluir aqui e tudo dar certo conforme espero.”

Rute, que já possui uma considerável bagagem em migrações, faz inclusive uma comparação interessante com Curitiba:

“Desde a minha entrevista de estágio em Abril até agora, tem sido uma experiência fantástica a todos os níveis. A minha adaptação aqui foi fácil, muito mais fácil do que na Inglaterra onde morava há três anos e onde até hoje nunca me adaptei. Passei até um mês também em Curitiba e aí já não me adaptei tão bem como no Rio, eles lá tem uma mente mais europeia e são bem mais distantes.”

Para esta experiência social ser considerada positiva, vários fatores parecem coincidir. O traçar de um plano e ter a capacidade e a sorte de o conseguir concretizar com sucesso. A ligação inerente ao país através de alguma afinidade, o que parece traduzir-se numa facilidade maior na adaptabilidade e uma maior capacidade para a compreensão e integração social. A abertura pessoal a fatores estranhos, a uma cultura diferente – ainda que não totalmente, nem desconhecida – o aproveitamento de fatores naturais que diferenciam do país de origem, como o clima quente e o chamado “alto astral” que o brasileiro parece emanar por comparação a um português que, ainda mundialmente retratado como bom hospitaleiro, se encapsula num fado triste nas interações entre os seus. No caso da entrevistada Rute, ela acaba mesmo por se referir a esse ponto, quando compara essa abertura carioca em relação a um distanciamento (que aqui no Brasil repetidamente vemos considerado como “frieza”) do paranaense “com raízes”

históricas e comportamentais europeias que parecem prevalecer e se coincidem num clima mais frio.

Também por aqui é importante perceber e reconhecer que estas conversas aparecem, mais uma vez, num contexto muito próprio, num país altamente heterogêneo e que, por isso, não servirão totalmente de exemplo para outros trajetos migratórios com destinos, mesmo dentro do mesmo país, bem diferentes – no clima, na paisagem, nos trejeitos da língua, no relacionamento pessoal, nos serviços.

Temos, também, experiências sociais menos fáceis. Refiro-me, porém, que nem sempre estão ligadas ao emocional de cada um, mas a situações específicas que acontecem e que marcam um trajeto. Um caso concreto que reflete a diferença entre a experiência migratória ser positiva e a experiência social não ser tanto assim, pelo menos em determinados momentos, é o da Simone.

*“Bem, felizmente, estou bem! Consegui os meus objetivos, mas não posso dizer que foi fácil. O processo burocrático no Brasil é intenso: desde polícia federal, revalidação dos meus diplomas de Portugal na universidade federal, conselho regional de psicologia e documentações afins... E isto tudo tem um custo elevado... Agora posso dizer que ficou mais fácil, principalmente porque consigo perceber como é que as coisas funcionam e não me desespero quando pedem papéis e assinaturas sem fim para algo que deveria ser simples. Adaptei-me, acho que essa é mesmo a palavra certa.”, **Simone***

A burocracia característica do país é ainda mais reconhecida por quem vem de fora e se desespera com tantas voltas para obter coisas simples e fundamentais para a sua total integração aqui. Falamos de licenças de trabalho, de uma abertura de conta em qualquer banco, ou de outras situações que se tornam encruzilhadas sem fim.

A entrevistada Andreia foca alguns pontos negativos na sua experiência que a fizeram quase pôr tudo em causa. O mesmo aconteceu com Francisco. Mais uma vez, Andreia se refere, novamente, à dificuldade e à incapacidade de resolução de pequenas situações burocráticas que se tornam em experiências desagradáveis ao nível pessoal.

*“Não foi fácil, de todo. Foi uma experiência mais difícil em termos de integração do que aquilo que eu estaria à espera. Já vivi noutro país e não senti essa dificuldade. Por uma questão de tudo muito complicado, muito burocrático, muito difícil de resolver porque há um claro desconhecimento dos procedimentos genéricos de atuação em várias áreas da sociedade.”, **Andreia***

Ela ainda vai mais além, referindo-se a uma mudança de opinião desde o momento que chegou até ao presente momento, inclusive apoiando-se numa certa resistência em relação aos portugueses.

“A experiência tem tido altos e baixos. Na primeira vez que vim ao Brasil em julho de 2013 achei o Rio de Janeiro fantástico. Contudo, depois, viver aqui, trouxe-nos alguns dissabores. Nomeadamente pela questão de notarmos que há alguma antipatia em alguns serviços em relação aos portugueses - que ao longo do tempo também fui superando – nunca tive situações desagradáveis ou muito desagradáveis em relação a isso mas tive algumas tentativas de tornar o assunto desagradável mas que consegui resolver.”

Se Filipa e Francisco relatam que alguma falta de educação das pessoas é algo que lhes faz alguma estranheza e um dos principais motivos para o país não se desenvolver mais socialmente e estar ao nível da Europa, Miguel assemelha-se ao discurso de Andreia, referindo-se à instabilidade durante a sua experiência.

*“A minha experiência foi como eu disse. Desde o primeiro dia que pisei aqui até hoje muito diferente. As perspectivas começam altas e depois ao longo do tempo, com todo processo que passamos, necessidades, dificuldades... Uma diferente realidade que eu creio que seja a real realidade. A beleza da paisagem esconde mas também apazigua todo aquele stressse causado por nada, por coisas que nem deveriam ser relevantes no nosso dia. É um pouco enganador, mas é o escape que temos, chegar ao fim do dia e passear na praia, olhar o mar, ver os morros em volta. Enfim...” , **Miguel***

Miguel inclusive acaba falando que a falta de paciência o faz pensar e à sua mulher em ir embora a curto prazo.

*“Hoje esotu aqui porque tenho que estar. O meu país não tem condições, estou aqui porque tenho que estar. Estou casado mas não quero, não queremos ficar aqui. Hoje estou aqui porque é aqui que ganho dinheiro. Aqui foi bom mas já deu, como eles dizem...” , **Miguel***

Para ele, esta experiência servirá de base para uma outra, futura – hoje com o reforço do matrimônio que, muito possivelmente, será um alicerce a mais num caminho duro do recomeço. Este é mais um caso em que existe a diferenciação entre a experiência migratória e a experiência vivida.

Por fim, há um outro caso exemplificando mais a experiência migratória.

“A parte difícil é a parte dos irmãos. Tenho irmãos mais novos. Devia estar nos copos com eles e aproveitar o que é ter irmãos, não é? E na verdade andamos aqui há distância uns dos outros. Isto para não falar dos amigos todos. Enfim... Mas o pessoal também está todo espalhado pela europa...”, **Júlio**

Júlio, tal como Fernando, revelam um pesar muito grande pela distância dos que mais amam.

“Bem, no dia em que cheguei ao aeroporto e senti aquele bafo. Nunca tinha estado aqui... Não sei se foi psicológico, mas pareceu-me tudo totalmente diferente. Ainda mais do que eu tinha imaginado – ia para Copacabana. Apanhei um táxi e começo a ver todo aquele cenário desde a Ilha até ao Centro, pela linha vermelha... Meu Deus. Assustei-me, a sério. Começamos logo a fazer mil filmes. (...) Estava de noite já e eu fui para um quarto dividido que tinha alugado pela internet, cheio de beliches – ainda hoje esse rapaz é meu amigo. Foi a primeira pessoa em quem confiei aqui. Eu sou corajoso, sério, aliás acho que é preciso ter muita coragem para imigrar. Mas quando me deitei naquele beliche, não sei se foi a distância, a falta de espaço, o medo, senti-me totalmente em pânico. Acho que se pudesse desistiria. Teria voltado para trás. Não fosse o meu orgulho e vergonha. Mas só durou essa noite... foi o pânico mesmo. Hoje são as saudades que nunca me largam, já passaram uns anos mas... O meu cão, toda a gente, é um pouco triste, entende?”, **Fernando**

A distância, personificada em saudades de familiares, amigos, costumes, é uma das maiores perdas que esta experiência pode ensinar ou tentar ensinar a lidar. A necessidade da fuga, de um adeus forçado ao seu país, do abandono do lugar seguro, por contrapartida com uma opção incerta, mesmo quando parece a certa, positiva ou favorável. O desconhecido, por mais garantias que se pareça ter, será repleto de sentimentos contraditórios e ambivalentes. Todas estas conquistas, quando atingidas, levam um tempo de adaptabilidade, bastante variável de contexto e de personagem para personagem.

3.6. Processos de integração

Digamos que a integração, neste contexto, é quase sempre uma ação incompleta. Inacabada. Por mais que o sentimento ou a sensação de integração seja descrita numa bipolaridade “*fácil / difícil*”, a facilidade pode-se confundir com a completude. Ela tem que ser constantemente redesenhada, aprimorada, caso

esse – em parte – seja o objetivo⁷². A denominação de “*gringo*”⁷³, em geral, ou “*patrício*”⁷⁴, em particular, dificilmente será arredada enquanto presente no espaço brasileiro, mostrando a difícil transição para essa sociedade exterior ao indivíduo. No entanto, este redesenho, não é totalmente semelhante àquele tratado como a procura do novo, partindo de algo já existente. Aqui, trato o *redesign* como o desdobramento de ações, inovadoras de espaço para espaço, de tempo para tempo, evoluindo com o conhecimento da sociedade e capacidade de integração, que promoverão uma evolução quanto a essa mesma integração – não caminhando para o novo, mas para o que já existe, “se virando” (apenas se posicionando como novas as ferramentas utilizadas, readaptadas de outras histórias e esquemas) (Almeida, 2012, 49-50).

Levando em conta esta heteroclassificação dos portugueses através dos adjetivos atrás mencionados, será que eles mesmos se compreendem como um grupo? Não um grupo macro, heterogêneo, mas um grupo relacional, micro, com redes de relações, convivências estruturadas – uma “tribo”? (Magnani, 2007: 17).

Uma tribo diria que não porque embora exista um agregar de jovens portugueses entre si, com características semelhantes, causas e consequências, objetivos, *backgrounds* e uma vizinhança espacial, não se trata certamente de uma “cultura juvenil” pelo espectro que os interliga não estar relacionado com um determinado consumo material e simbólico, nem por determinado *gosto*.⁷⁵ É um grupo, sim, com características semelhantes, porém não duradouro. É um grupo contextual, de apoio mútuo no processo de integração. Se atentarmos aos nossos entrevistados e aos seus trajetos e discursos, compreendemos que existe uma agregação de portugueses, pelo menos no início do seu trajeto em solo brasileiro – daí a efemeridade do grupo enquanto tal. O processo mantém-se, mas com

⁷² Refiro-me à intenção de uma utópica “integração total”, que seria quase confundir o outro (brasileiro), de tal modo, que não compreendesse que estaria a falar com um português. No entanto, percebe-se que existem vários portugueses que fazem questão de demonstrar a diferença, nem que seja por meio do seu sotaque vincado.

⁷³ Apelido referente ao estrangeiro.

⁷⁴ Apelido referente ao português, em particular. Curioso perceber que este termo não é necessariamente pejorativo, tal como nem sempre o anterior (*gringo*) é usado nesse sentido. Neste caso, a origem do termo remete precisamente a uma referência nobre, de prestígio, de criação. Deriva do latim “*patres*”, significando “pais”.

⁷⁵ Porém, este grupo facilmente se poderia inscrever num objeto de um estudo cultural acadêmico, já que, como Magnani refere, “*existe uma mudança da forma de encarar o problema, que transfere a ênfase da marginalidade à identidade*”. (Magnani, 2007: 18).

intervenientes diferentes, por isso não podemos dizer que o grupo (constituído por determinados indivíduos) é constante ou se mantém.

Para mais, este grupo é ainda mais visível no que toca a processos de integração e deambulação pelo espaço num contexto que aqui não tratamos, mas que foi vivenciado por alguns dos entrevistados – o intercâmbio acadêmico – originando o seu processo de imigração. Aqui, há menor necessidade de integração por parte dos jovens, pois sabem que o seu período está restrito e, independente de qualquer positividade ou negatividade, o caminho final será o de regresso ao seu país. Assim, compreendemos uma ligação mais estreita entre eles, fortalecendo um grupo próprio que se mantém por quase todo esse período. Aqui, a vantagem da despreocupação pela “real” integração, apenas pode ser ultrapassada por uma curiosidade superior, um espírito de experiência e experimentação. Porém, ainda assim, toda essa experiência estará condicionada e terá a tal segurança do regresso.

No contexto do jovem imigrante a integração será um processo “puro” quando comparado com o contexto de intercâmbio referido acima. Isto é, não estará demasiado condicionada a um sentimento de segurança, de regresso, pois o objetivo não será esse – e sim exatamente o contrário. Assim, podemos começar a identificar este grupo no espaço de uma “mancha”⁷⁶, como classifica Magnani, relacionada maioritariamente com a zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Se a mancha pudesse ser cartograficamente representada, certamente teria uma tonalidade mais forte nos bairros de Copacabana e Ipanema, clareando, na densidade populacional do grupo em causa para os bairros vizinhos, inclusive Barra da Tijuca, já na zona oeste da cidade.

É, assim, fundamental situar claramente onde se compreende espacialmente a integração relatada nos discursos dos jovens entrevistados. A opção destas zonas é compreendida através do fator turístico e da segurança. No primeiro contamos com a sedução de paisagens primorosas de fácil acesso, que fomentam o desejo do seu desfrute diário, seja através do uso do espaço público

⁷⁶ “A mancha é mais aberta, acolhe um número maior e mais diversificado de usuários, e oferece a eles não um acolhimento de pertencimento e sim, a partir da oferta de determinado bem ou serviço, uma possibilidade de encontro (...)” (Magnani, 2007: 20).

ou da simples paisagem que pode ser absorvida de forma mais distante. Aqui, incluem-se as “praias mais famosas do mundo”, “bairros de novelas”, onde existe um próprio simbolismo de luxo, sucesso e bem viver. O imaginário do imigrante é bastante alimentado por todos estes fatores que fazem sentir uma mudança para o Rio de Janeiro dentro daquele provérbio: *“juntar o útil ao agradável”*, ou seja, a obtenção de fontes de redimento junto de um local maravilhoso por natureza. Depois, existe a segurança. Uma segurança logística, através da aproximação de todos os serviços, com uma densidade e qualidade superior em relação a outras zonas mais “periféricas” dentro da cidade, e ainda uma segurança física por comparação a também outras zonas da cidade tidas como mais violentas, como mais restritas. Com o sentimento progressivo de integração, esta percepção e confiança pode levar ao que já referimos, uma dissolução daquele grupo (diria daquela determinada leva de imigrantes que passaram pelo processo no mesmo espaço e tempo), relocando-se laboral e pessoalmente noutras zonas da cidade, ou mesmo noutras cidades. Assim, compreendemos o Rio de Janeiro, como cidade em si, como um fator de escolha relacionado à segurança – segurança relativamente à informação e conhecimento possuído à partida para este país.

Muitos destes jovens passam por experiências muito semelhantes. A criação deste grupo favorecedor aos primeiros passos integratórios, nasce muitas vezes através das redes sociais – onde pessoas com “problemas” iguais se comunicam, dando dicas, fornecendo ajuda, se interligando para enfrentar a novidade em conjunto e, por que não, para desfrutar de tudo o que irão encontrar de positivo, partilhando ideias e comparando diferenças com os seus lugares de origem. Muitos, inclusive, optam por morar juntos, pelo menos nos primeiros tempos. Vão para casa de amigos que já estão bem estruturados por cá ou alugam quartos em casa de outros que já passaram pela mesma experiência.

“A adaptação não foi difícil, cheguei numa casa com várias pessoas na mesma situação que eu, então a gente se ajudava mutuamente e foi construindo uma “família”. Conheci muitas pessoas, algumas delas continuam por aqui, fui criando um bom núcleo de amigos. A alegria e a energia da cidade fez-me pensar que este poderia ser um lugar maravilhoso para começar uma nova etapa da minha vida.”, Roberto

O detalhe de se ser português passa, quase sempre, uma confiança extra e uma certeza de uma mão amiga. Os grupos de amigos formados inicialmente remetem, quase sempre, para pessoas da mesma origem, com os mesmos trajetos. Valida-se de forma extremamente forte a opinião e os conselhos de outros – ditos “dos seus” – vistos, mais uma vez, como confiáveis.

Aqui, importa-me ressaltar que a integração parece ser interpretada pelos entrevistados através de duas vias – como se apresenta na conversa com a entrevistada Andreia. A primeira prende-se com o processo legal, burocrático, onde serviços têm que ser ativados e existe um sentimento de dificuldade extremamente forte. Por outro lado, a integração interpessoal, através das redes de portugueses, mas também do convívio gradual com colegas de trabalho, vizinhos e conhecidos de festas e passeios, que se apresenta muito mais facilitada pela abertura das pessoas e pela facilidade de comunicar. No comunicar, surge uma curiosidade aliada à língua e à facilidade de compreender os discursos, mesmo estando fora do seu país de origem: o *sotaque* e a sua capacidade em ser reproduzido quase de forma irrepreensível é uma “carta na manga” para percebermos esta integração mais rápida. Como se refere Maria, ainda há um estereótipo em relação ao português, para além de uma falta de compreensão (ou falta de vontade na compreensão) do “português de Portugal”, pelas suas diferenças sonoras e mesmo vocabulares, muitas vezes enraizadas num preconceito latente, como refere a mesma. O preconceito do português ter menos capacidades cognitivas – “ser burro”, do português “gostar da negra”, ou do português ser “mão de vaca”. Para alguns, não gostando de fugir às origens, poderá ser interessante fugir a este tipo de conversação, onde o sotaque brasileiro disfarça a origem ou, de outro ponto de vista,

“A minha integração foi super fácil! Tinha tanta informação daqui. Tenho muita facilidade de falar com o sotaque daqui. Como sou boa onda... A adaptação correu lindamente. Claro que me ajudou ter amigos portugueses e brasileiros que me ajudaram muito, principalmente nos primeiros tempos.”, Maria

Também a capacidade de trabalho é avaliada de forma positiva para a integração. Este fator facilita uma integração ao nível laboral, com repercussões positivas na relação com os colegas, alguns deles também estrangeiros – não

necessariamente portugueses – que se apoiam mutuamente nas duas esferas da vida.

*“Como sempre encarei que ia trabalhar fora, não era uma obrigatoriedade mas era algo que me parecia mais ou menos inevitável... Não é algo que me preocupasse muito. Não sou o tipo de pessoa que tenho que estar à volta de tudo o que é português. A maior parte dos meus amigos aqui são brasileiros. Estou a fazer vários projetos internacionais, então tenho várias pessoas de países anglossaxônicos aqui perto... Mas não tive grande problema de relacionamento com as pessoas, com o trabalho. Em termos de trabalho parecendo que não, somos bem treinados ou temos bom espírito de trabalho comparado com a mão de obra daqui.”, **Júlio***

Ainda assim, existem processos de integração mais difíceis e dificilmente consolidados. Esta dificuldade provém, conforme as confidências de alguns entrevistados, de um cansaço relacionado aos serviços, à desordem social, à insegurança e a uma não compreensão nem aceitação do “*jeitinho brasileiro / carioca*”, facilmente esbarrado em qualquer situação do cotidiano. É esse o caso de Francisco, Paula e Mariana. Para eles, há um atraso educacional que torna incomparável o relacionamento interpessoal com o *status quo* encontrado em Portugal. Apontam para um individualismo exacerbado e a uma incapacidade infra e intra estrutural como metrópole, para suprir suas demandas e seus desafios próprios, exponenciados pelas problemáticas sociais que assolam a cidade e são reconhecidas além fronteira. Aqui, o estereótipo do português não aparece mencionado como um fator que leve a esta rejeição, fazendo-se perceber que se trata de um papel secundário, ainda que incómodo, na relação do imigrante com o país – sendo, inclusivamente, superado pelas vantagens que parecem trazer a nacionalidade portuguesa.

*“Ah! Há coisas que não nos podemos adaptar, não é? Quem não se sente, não é filho de boa gente. Já ouviu esse ditado? É isso mesmo. É uma forma de vida diferente, onde creio que o facto de ser uma grande metrópole também proporciona mais esta azáfama, desorganização e individualismo.”, **Paula***

*“É claro que é meio esquisito e até ridículo aquela ideia do português, e mais ainda da portuguesa... Não me afeta diretamente nem diariamente mas há sempre algum comentário em algum contexto – mesmo que brincando. É cómico mas também revela alguma ignorância. Eu que sou mulher, não sei bem o que pensar, para além de que é ridículo. É claro que há um português um pouco mais rude aqui, eu próprio já me cruzei com alguns, mas têm a sua história e os seus porquês. Tudo bem. Mas nós somos claramente diferentes. Não temos bigode nem somos burras! (risos)”, **Mariana***

A entrevistada Simone foi a única que referiu o sentimento de completude em relação ao estado da sua integração. Esta, porém, baseou-se quase exclusivamente na realização através do sucesso no trabalho – que foi o motivo da sua vinda – ainda que amparada pela ferramenta do sotaque e pela rede relacional que conseguiu construir. Ainda assim, ela desabafa:

“Nem tudo são rosas...”, **Simone**

3.7. O desenrasque

Na esfera privada, muitos dos fantasmas que acompanham e tiram o sono ao imigrante são aqui refletidos e perspetivados por diferentes olhares. Aqui, criam-se novas ferramentas para o desenrasque se tornar mais seguro – inclusive, percebendo que nem tudo tem que dar sempre certo para no final dar certo, ou que o plano traçado nem sempre será capitalizado, sem deixar para trás o sucesso. Através de todos os depoimentos percebemos o fado da ondulação neste trajeto, com altos e baixos, períodos em que se pode respirar melhor, depois de outros de quase afogamento.

O desenrasque, quase análogo ao “se virar”, vem precisamente de um estado prévio: “estar à rasca”, ou seja, com algum problema de difícil resolução ou, de certa forma, resolução incerta. O desenrasque ou “desenrascanço” acaba por ser uma expressão mais ingénua e sã e por isso não comparada com o “jeitinho”, no sentido que não se pretende tirar partido de outrém ou quebrar alguma norma para “se dar bem”, num jogo de cintura em que o português aparece, inclusive, mais engessado. Retomando o que foi escrito atrás, o desenrascanço poderá se tratar de sair de um apuro, de uma dificuldade que se enfrenta e para a qual não se está preparado. Enfim, o desenrascanço poderá ser sinónimo de improviso. O que o torna específico da “portugalidade” é este ultrapassar a sua condição verbal e passar a representar ‘um estado de ser’, um *modus vivendi*, um processo de sobrevivência laboral, social e, muitas vezes literal a par de uma visão melancólica desse mesmo estado – ao contrário de uma exaltação exterior a esse *skill* tão português.

Esta condição-ação de desenrasque parte de diferentes pontos estruturais, misturando influências exteriores e interiores nas suas estratégias, formas de encarar o problema e positividade. Vejamos, esta condição pode ser influenciada por minuciosas características, como a timidez, uma introversão que sempre atrapalha qualquer tipo de integração, por percepções de desilusão, de medo, de insegurança, mas pode ser beneficiada por um contexto de trabalho sonhado, com uma abertura intrínseca a novos desafios, a novas culturas, pessoas e hábitos, a relacionamentos amorosos de sucesso ou a um espírito mais aventureiro.

Desenrascar, embora pareça exótico no vocabulário presente no Brasil, é um termo extremamente corriqueiro em Portugal. Quase puxando o tom para um imaginário informal. Assim, alguns dos entrevistados acharam engraçada essa pergunta, ainda que aberta, bastante direta por tocar numa expressão tão tipicamente portuguesa.

“Como você se desenrasca?” ou, em “português de Portugal”, *“Como é que te desenrascas?”*.

O fado triste português, dando aquela sensação do português melancólico, entrecruza-se rapidamente com o português sagaz e irônico. Imagem de marca. Assim, **Júlio**, com quem tive uma das conversas mais animadas e de mútua compreensão, me disparou, em tom introdutório:

“”Epá”... É uma pergunta engraçada. Depende do contexto. Se for para ver os jogos do Benfica tem que ser na net “pá”.” (risos)

Visto não ser o meu time de coração e, por isso, não ter gostado particularmente da sua resposta, “obriguei-o” a desdobrar-se para um campo mais agradável.

*“No dia a dia... É relativamente tranquilo. O caso de morar e trabalhar no mesmo bairro facilita muito o meu dia a dia. Em vez de passar horas no trânsito... Acho que se passasse aqui o que o pessoal passa, duas, três horas, já me tinha ido embora.”, **Júlio***

Aqui Júlio quase que impõe um limite ao desenrasque. Refere-se ao deambular pelo caos da cidade como algo que dificilmente ultrapassaria e conseguiria conviver. Mais uma vez, juntamos um certo fator interno de

comodidade com um externo, incontrolável, que é o tráfego na cidade. Compreendemos assim que também o planejamento e o concretizar de objetivos permite um desenrasque mais fácil e suave. Isso, obviamente influencia o dia a dia do imigrante na nova cidade, facilita de forma intencional a sua integração e o coloca com uma margem de sustentação diferenciada para outros com caminhos ondulantes, instáveis.

Roberto e Teresa indicam a ligação com pessoas na mesma condição como grande fonte de ajuda e suporte de toda esta nova situação. O apoiar em objetivos gerais comuns para concretizar objetivos particulares de cada um foi um caminho que acabou, inclusive, por trazer ligações afetivas que duram até hoje. Os jovens acabam por sentir os problemas dos outros ao já terem passado pelo mesmo. Muitas vezes, informam-se uns aos outros muito mais do que de forma institucional, facultando passos a dar na concretização de burocracias, na informação logística e turística, no confiável e não confiável na perspectiva de cada um.

“Bem, isto é uma mistura de selva com um labirinto. Se vieses de uma cidade como Braga, que em Portugal tem uma dimensão razoável, mas que toda a gente se conhece praticamente, e vieses para um Rio de Janeiro, como se fosse São Paulo, Nova Iorque, não interessa... Sentes-te perdida. Nunca imaginei o que era estar numa cidade com mais gente que o meu país todo. Mas não me sinto mal. Só é diferente, é preciso viver para perceber. Hoje já nem ponho esse tipo de questão, apenas agora que estou refletindo sobre tudo isto...”, **Teresa**

“Dá um pouquinho de medo, nunca nada é como aquilo que imaginámos. Às vezes é melhor, outras é pior. Aqui o desenrascar passa por ir experienciando o dia a dia e estar de olho aberto. Não só para não ser enganada, mas para compreender pequenas coisas que nos fazem mais brasileiros.”, **Teresa**

Aqui compreendemos a atenção e o estado de alerta como uma forma de se desenrascar. O viver do dia a dia, dos acontecimentos alheios a si, de experiências de terceiros. É um desenrascar que pressupõe a surpresa, a incerteza, mas não a rejeição. Esta é uma faceta do desenrasque solitário em que se criam mecanismos, labirintos em que o tempo vai delineando e construindo o conhecimento necessário para o desenrascar se transformar num integrar.

À priori, os pais – ou qualquer que seja o laço familiar de relação mais próxima – tornam-se base material e emocional, pelo menos no primeiro momento, de uma primeira fase do desenrasque. Se bem que, como já foi visto,

todos os entrevistados andam à volta de um conjunto de condições de classe média que lhes permitiram, através de suporte familiar, tomar esta decisão migratória num facto real, esta não acaba na chegada aqui. Esse apoio, inclusivamente, se estende e coincide com os dividendos salariais que são obtidos pelos filhos ou netos aqui. Fatores como a alta imobiliária em conjunto com condições de vida onerosas⁷⁷ dificultam a conquista da tal independência financeira almejada pela mudança de continente – pelo menos nos primeiros tempos. A esse facto material, junta-se outro, jamais deixado de parte, em que os pais e os familiares mais íntimos são figuras de proa. A distância, as saudades. O desenrasque aí passa pelo uso de novas tecnologias, com uma evolução tremendamente rápida e que faz sonhar com o teletransporte momentâneo, só para abraçar mais uma vez, ouvir as últimas palavras, escutar a voz do bebé que nasceu. José Machado Pais (2006: 281-310) relata a importância dos animais domésticos a que ele chama “animais de companhia”, muitas vezes “abandonados” sem compreenderem o porquê. Um abandono que dói aos dois lados de forma igual, mas que nem a empatia canina pelo humano consegue fazê-los dialogar ao nível da explicação. No entanto, o humano ainda tem o poder e o prazer de ver fotos, vídeos, e abraçá-lo de primavera em primavera, quando, como desenrasque em forma de bomba de oxigênio, visita a família (do qual o canino é considerado parte).

“Várias coisas me fizeram querer ficar aqui e o apoio dos meus pais sempre foi fundamental. Acho que a certeza de poder voltar para casa a qualquer momento, foi o que me fez ter coragem de ficar.”, Simone

Simone sublinha o sentimento de segurança e suporte que os pais lhe transmitem como força para continuar por cá. A obtenção de trabalho e, por conseguinte, de uma vida estável, não é mais nem menos importante que o apoio familiar do lado de lá. Estão e terão que estar em níveis equivalentes para o equilíbrio perfeito fomentar e permitir esta aventura, onde as condições materiais de um lado se completam com o suporte emocional de outro.

⁷⁷ E aqui quase sempre vemos referida a necessidade de o jovem que imigra não passar por dificuldades, ou demasiadas dificuldades, que não lhe façam compensar esse todo processo migratório, a distância familiar, de amigos e do próprio país. Pois, para além de tudo, ter um trabalho não é tudo. É preciso ter um trabalho bem remunerado que lhe permita, sim, viver de uma forma mais ou menos equivalente àquela que deixou para trás.

Atrás deste suporte emocional, temos o caso de Domingos que é muito sociável, baladeiro, “boa onda”. Ele se desenrasca curtindo a vida, aproveitando o melhor e o diferente que o mundo carioca lhe oferece. Lugares exóticos, calor, a facilidade da comunicação, o estar “à vontade” socialmente mas também em termos de apresentação.

“Bem, hoje já não “preciso” de me desenrascar tanto. Mas vou-te dizer uma “cena”, no primeiro ano que estive aqui [chegou em 2012], vim trabalhar mas também curti muito. Conheci tudo que podia, conheci mais pessoas nesse ano do que nos últimos cinco anos em Portugal, acredita, “meu”. Depois é assim, a questão de estar longe da família é, neste momento, para mim, a única coisa que eu mudava. Mas já estou aqui há algum tempo... Já penso que tenho que arranjar aqui “outra” família. Aqui a relação com as mulheres é mais tranquila... (risos), um dia vai que caso. Só não sei é se aí não me enrasco ainda mais... Fico ainda mais dividido. É difícil. Mas é por aí...”, **Domingos**

Todavia existe o lado mais conturbado do desenrasque. Francisco, Miguel e André retratam-nos essa situação de forma diferente entre eles. No caso de Miguel, fica explícita a ondulação no percurso dele enquanto imigrante aqui.

“Desenrasco-me numa zona da cidade não tão boa como aquela em que eu morava quando vim para cá estudar. Desenrasco-me porque tenho alguém para dividir as contas comigo, que me apoia incondicionalmente. Isso é importantíssimo. Nós estamos do outro lado do oceano, a minha família está longe, desenrasco-me porque já são alguns anos, porque há muita coisa que me afetava que hoje já consigo engolir... E tem que ser, não é? É o desenrasque emocional... E o desenrasque financeiro não é, dos meus pais. Para viajar, para ir lá... O desenrasque ainda é um pouco esse. Mas olha, o principal desenrasque é saber viver assim, o principal é esse... Não ter a vida de estudante de antes, morar noutra zona da cidade. Sem deixar de fazer o que se gosta, sabendo que se tem outro tipo de responsabilidades e prioridades. Não estou aqui de férias, tento ter alguma qualidade de vida e lutar para ter uma boa qualidade de vida.”, **Miguel**

Sem, mais uma vez, nunca desprovir a sua estadia aqui das mínimas condições de qualidade de vida, ele confessa que ainda não lhe está a trazer todos os benefícios que delineou para a sua aventura aqui. Sublinha o suporte fundamental da companhia, a nível emocional mas também financeiro. E o desenrasque vem acabado em forma de esperança. Tal como Francisco. Este ainda sonha que tudo poderá melhorar um dia, porém com um discurso mais melancólico – fruto também da sua não conseguida integração.

“Vou vivendo, vou pagando as contas. Vou sonhando que isto vai melhorar. Agora começou esta crise aqui também que também não ajuda nada a situação. Mas cá vou vivendo... Vamos ver. O dia de amanhã dirá.”, **Francisco**

André, dos últimos a chegar ao Rio de Janeiro, ainda está num processo de desenrasque, de conhecimento, de ponderação. Ainda sente tudo à flor da pele ou, pelo menos, mantém a memória mais viva dos primeiros impactos que sofreu – que são os mais fortes.

“Bem, como me desenrasco? (risos) Olha, na verdade já me comecei a desenrascar antes de chegar aqui. Fui eu que paguei a minha viagem, estava desempregado, quis juntar algum dinheirinho. Sabes o que fiz? Não sei o dia de amanhã, mas para vir para aqui é preciso que seja uma aposta forte, não gosto de apostar e perder. Vendi tanta coisa minha, máquinas de musculação que tinha no meu ginásio em casa, tênis “às carradas”, roupas... Foi vender e poupar. Depois cheguei aqui e tive um susto com os preços. E olha que não sou “mão de vaca” como dizem que nós somos! Não cheguei a passar fome, claro, senão teria ido embora, mas andava no mercado a controlar “tudinho”, e continha-me bastante mesmo. Não comprava nada, andava por aqui perto... Até realmente perceber quanto precisava gastar, onde, como. Os meus pais ajudam-me claro, mas isso acho que é mais um fator para ter ainda mais cuidado. Eu acho...”,
André

O processo de desenrasque pode se ir esbatendo com o tempo e com o evoluir de uma integração consolidada. A obtenção de um bom salário, a criação de laços interpessoais, a consistência de relações amorosas, a evolução tecnológica – tudo isso entra no contexto e tem que se ir vivendo a experiência para o desenrasque deixar de existir. São como obstáculos que, com o tempo, com a compreensão sociocultural e com uma vontade própria de se manter aqui e “dar certo”, ir-se-ão transformar – num diferente ponto de as enxergar – como numa metamorfose, de *desenrasque* em *estrutura*. Assim, os mecanismos de desenrasque vão dando frutos e começando a ser transformados numa construção estrutural de vida considerada mais estável e menos sujeita aos ritos e consequências de viver em desenrasque. Trata-se da tal transformação.

3.8. Choques culturais

“Aqui só tens coisas extraordinariamente boas ou extraordinariamente ruins. E o fato de teres coisas muito pesadas não encaixa na tua cabeça.”, Júlio

Este é talvez um dos pontos mais interessantes de toda a pesquisa. É um dos pontos de referência para quem quer perceber um pouco dos dois mundos, para quem pensa em imigrar para o Brasil e acha que conhece a realidade ou, por

outro lado, tem pouca informação. Este é o lado prático da pesquisa do país de destino – a chegada, sem *marketings*, *photoshops* ou qualquer outro enviesamento da realidade.

Diria que o choque cultural é inevitável, até para o imigrante mais frio. Nem todo o conhecimento se compatibiliza com poucos meses de vivência na cidade. A conclusão, ao longo do tempo, é que nada sabemos, a não ser o “senso (falso) comum” e o que vemos.

Num mundo onde o migrante é cada vez mais figura de proa de um estado super móvel, super mutável, cada vez com menos especificidades locais (tidas como tradicionais), seria ou será previsível que essa figura migratória se acostume a uma vida de trajetos indefinidos, incertos, inacabáveis. Hoje, o lugar de chegada, pode ser amanhã o lugar de partida. Esse indivíduo que, no meio da instabilidade procura se tornar estável, possui a arte de se enraizar em vários terrenos e de ter o hábito e o dom de produzir trocas culturais. Essas trocas, numa primeira fase, poderão facilmente trazer choques – os choques culturais.

Embora sejam considerados “países irmãos” pela história que os une, podemos dizer que nunca foram irmãos gémeos. Um, o mais velho, Portugal, parece, na perspetiva dos entrevistados, fazer exatamente esse papel. De maior ponderamento, de maior preocupação e também de um estado mais avançado na sua trajetória. Por outro lado, o “caçula”, aparece ainda em formação, com alguns problemas relacionados a ela, mas que consegue ter um poderio económico superior. Tendo sempre em conta que a visão que nos é dada é no sentido comparativo de um português que chega ao Brasil, vamos compreender as avaliações dos mesmos, que quase sempre passam por comparações internas no momento de ponderação de discursos. Como **Francisco** referiu,

“Só existe a possibilidade de compreender o melhor e o pior, o bom e o mau, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento por comparação de um com o outro. Como pode um cidadão brasileiro normal se revoltar com certas e determinadas coisas se sempre viveu nesse ambiente – que para nós até pode parecer caótico mas para eles faz parte da normalidade das coisas? Nós temos a vantagem de vir de outro mundo e perceber que existe algo diferente e, por isso, muitas vezes nos desiludimos e frustramos. Se tivesse vindo de um país menos evoluído que o Brasil, de África – sei lá – se calhar achava isto tudo maravilhoso...”

Nesta questão comparativa surge uma série de itens que se repetem ao longo das conversas tidas. Existe o *choque cultural natural* (paisagístico) que é bastante positivo e serve de balanceamento aos choques culturais menos positivos. Aqui, o clima, o sol, as deslumbrantes paisagens, que chocam pela sua beleza e sensação de bem estar, são estruturantes para a escolha e manutenção do imigrante aqui. A inexistência do frio por contrapartida a invernos rigorosos de norte a sul de Portugal, e o encaixe natural da paisagem urbana com a vegetação, transformam a zona residencial, naquilo que chamam um “lugar de sonho”. Revelam, claramente, que morar no Rio de Janeiro é um sonho para muitos jovens, e que está dentro de um imaginário boémio e de bem estar que parece invejar muitos. Indicam, inclusivamente, que a própria ideia (errada) de muitas pessoas não tão ligadas aos próprios, é que estes, por aqui morarem, possuem essa vida luxuosa, num lugar cobiçado e mundialmente conhecido. Assim, este “lugar de sonho” acaba por ser entitulado mais por aqueles que nutrem o desejo de morar no Rio de Janeiro e ainda se alimentam da imagem do Brasil maravilhoso (“disfarçado”). Mas aí, **Júlio** tem uma explicação.

“Lugar de sonho não tenho, não tenho essa certeza. Vivemos num mundo em que acho até que é preciso fazer mais estudos sociológicos sobre isso. A vida de sonhos toda a gente a tem porque fica a ver a dos outros como a de sonho. Facebooks, instagrans, o diabo... E, porra, ninguém vai lá pôr coisas ruins, só o que tem de melhor! Parece que toda a gente tem uma vida perfeita, está de boa, ninguém tem problemas. Nesse ponto de vista admito que eu esteja a viver num lugar onde as pessoas querem passar férias ou esperam passar férias e isso pode-lhes dar a sensação que vivemos numa vida de sonho. De certa forma, é.”

O sol e a beleza traz a alegria. Essa, estampada no rosto e no *modus vivendi* do brasileiro é incomensuravelmente maior do que a do português. Esse é um dos destaques de muitos discursos. Como o binómio “melancolia lusitana” x “alegria carioca”.

“Há vários choques aqui. Depois há aquelas manifestações puras de alegria... Tipo eu tive sempre muita pouca paciência em Portugal para o espírito de “a coisa está sempre ruim”. A vida de pobre está perfeita. Está tudo bem mas tenho uma dor nas costas... E faz logo com que o dia fique muito cinzento. Aqui é o contrário, as pessoas não têm nada mas o dia está sempre alegre. É uma coisa que é Brasil, mas há coisas ligadas aqui à geografia, a praia, o sol, tudo mais.”,
Fernando

Este *know how* de saber viver e ser feliz é muito valorizado porque muitos dos imigrantes também têm esse sentimento de desilusão comportamental que o

português parece sempre fadado a reproduzir. Um quase parecer mal estar ou ser feliz. Um relatório constante de queixumes da vida que, quando comparado com outras realidades, se torna menos compreensível. Domingos se refere de forma curiosa ao olhar negativo do português:

“Uma vez tive um acidente e parti-me todo. Parti a perna em dez lugares, nem sei como hoje ando e faço a minha vida normal. Mas é incrível, quando cheguei, lamentando-se, sempre me diziam que eu tinha tido sorte. Que havia “não sei quem” que tinha algo pior que eu.”, **Domingos**

O “parecer bem” nunca se considerar feliz é culturalmente português. E o jovem, novo, ambicioso, com energia, promove e espera outro tipo de comportamento. Quando, num contexto claramente menos favorecido, consegue enxergar outros, com maiores problemas, tendo essa capacidade, o sentimento acaba por emergir e ser motivo de comparação e vangloriação desse espírito brasileiro. Para mais, esse espírito não é só enaltecido no contexto do “pobre mas feliz”. Esse espírito enérgico reflete-se no dia a dia.

“População feliz. Ter pouco mas tentar viver. Não sei como. Todas as idades irem à praia, beberem um chopp, saírem a noite. Em Portugal não se vê isso. Vamos a algum lugar e algumas pessoas se comportam como se tivessem 60 anos. Aqui é ao contrário, isso não acontece e é muito bom.”, **Miguel**

Do outro lado, temos o choque cultural propriamente dito. Um choque, no sentido negativo do termo, que afeta o indivíduo, o faz se autoquestionar sobre as vantagens e desvantagens de todo este trajeto. Um choque de surpresas, de desilusões, de novidades, de realidades escondidas e de frustrações.

No início do subcapítulo, citei a frase de Júlio que mostra a dicotomia extrema de sensações causadas por este novo mundo. Um mundo extraordinário porém pesado.

“Como poderei ser feliz aqui? Mesmo que ganhe milhares de reais, todos os dias, sempre chego a casa, tenho que me desviar de três ou quatro pessoas que dormem à porta do meu prédio, que não têm o que comer, onde dormir.”, **Miguel**

A pobreza é relatada como um dos maiores choques, um choque que representa impacto negativo. Para própria sanidade mental, refere-se a necessidade do inconsciente incorporar determinadas condições de forma mais natural. A primeira sensação de deslocamento na cidade, a paisagística pobre

repleta por favelas – tijolos que espelham uma condição de vida precária – é um alerta daquilo que se vai encontrar, agora mais perto. Na porta do prédio. A quantidade absurda de mendicância espanta os olhos dos imigrantes. Com essa visão vem a primeira sensação de medo e de insegurança. Relatam-se crimes, roubos, assaltos, assassinatos em qualquer canal de televisão, horas e horas por dia. Da televisão passamos à rua, onde facilmente se poderá dar conta, pelos próprios olhos, de um ou de outro maior aparato – com o passar do tempo, usual. Policiais equipados a rigor (para a guerra) causam estranheza num primeiro impacto. Depois, sentem-se necessários.

Esta incerteza perante o outro causa insegurança social transversal, independente da classe ou status. Aqui, o maior choque cultural é mesmo o descaso, a impunidade e a violência diária que nem sempre é visível presencialmente (dependendo da deambulação pela cidade).

“Senti, não sei se um choque, porque alguma realidade conhecemos de pesquisas, mas ver é diferente. Trabalhei numa comunidade extremamente violenta e chorei várias vezes. Não é bonito ver crianças vivendo na pobreza extrema, no meio de armas, tiros e drogas e tanques de guerra... É uma guerra civil, que provavelmente vai demorar a acabar. O que vemos na TV é muito pouco mesmo. É uma realidade frustrante, sem dúvida.”, Simone

Esse é precisamente o caso de Simone que teve a possibilidade / obrigatoriedade de lidar com o assunto de perto. Ela presenciou um lado da cidade mais exposto, porém menos divulgado. Um lado não turístico, onde “o gringo” – o caso dela – é facilmente identificável. Aqui, inclusive, surge um dado interessante e falacioso em toda a “propaganda maravilhosa” da cidade. E, embora haja algum tipo de informação da violência do país e da cidade no exterior, esta é infinitamente menor que a realidade, não fazendo jus ao que acontece. Essa é, também, uma mensagem interessante e importante passada pela entrevistada no que toca ao choque cultural violento.

Depois, considera-se um conjunto de coisas que nem o tempo atenua o sentimento de desilusão e discórdia. Porém, parece ser consonante que para aprender a viver aqui é preciso aprender a aceitá-las – o que é muito difícil e, em alguns casos, pode levar a uma mudança de mentalidade ou personalidade;

noutros, essa mudança é quase impossível e o indivíduo acaba por viver num mundo contraditório ao seu “eu” interior.

Por entre essas coisas aparecem coisas triviais, que outrora pareciam surreais no momento da adaptação e hoje aparecem como culturais. Assim, os preços praticados estão no topo da lista. Seja no plano da saúde privada, seja no plano da compra e locação de imóveis, seja nos preços proibitivos de alguns produtos praticados por todos os mercados. Dentro destes serviços, aparecem queixas no que toca à educação e execução mínima dos serviços em causa. Do relaxamento excessivo na resolução das tarefas, na falta de cuidado e informação em relação ao outro e às próprias demandas sobre sua jurisdição. Esta sensação de “desleixo” que é perceptível pelos entrevistados, tem como consequência prática uma desorganização social e urbana patente na poluição descomedida ao longo de toda a cidade, uma poluição visual, sonora e olfativa.

Assim, um lugar que oferece uma variedade imensa de oferta cultural, seja ao nível histórico, paisagístico, musical, literário, gastronômico, acaba por não se conseguir transformar num “lugar de sonho”, reproduzido pela mídia turística e assim enraizado em imaginários de vários imigrantes à partida. Como refere a entrevistada,

“A abundância cultural, em quantidade e qualidade, choca de frente com a ausência de qualidade naquilo que nos tira os nervos no cotidiano. Serviços, pequenas coisas, pequenos detalhes que nos faz desesperar em certos momentos. Falta de capacidade para executar... Acho que para ser um lugar de sonho, tirando essa parte que poderá ser reeducada – se assim quiserem – diria que falta esse tal equilíbrio. E a família, claro...”, **Teresa**

3.9. Saudades

Se antes de iniciar qualquer conversa com os meus entrevistados, já projetava esta como uma pergunta com uma resposta esperada (*“Tem saudades de Portugal?”*), a direção da mesma se confirmou no decorrer das conversas com os mesmos. A questão aqui, não seria “se tem”, mas quase “quanto tem”, “como tem”, “porque tem”. Já de si umbilical com o português, a saudade se exponencia pela distância física e de costumes. Com a saudade, vem a valorização do que

antes era tido como normal, banal e certo – sem necessidade de conquista. Refletindo sobre a saudade, deparamo-nos com um duplo direcionamento que se entrecruza. Saudades das pessoas e saudades do país (como um todo cultural).

A imagem de um povo mais contido e frio, descendência europeia que o português carrega numa comparação com o brasileiro desconstrói-se pelo toque na intimidade e na emersão de sentimentos que parecem muitas vezes escondidos numa introversão mais típica. O olhar se altera, brilha. Viaja no tempo, nas memórias, tenta recordar tudo o que já não vê. É um brilho de felicidade e de distância. A voz se altera e a emoção aflora em instantes. Toda a racionalidade de um discurso pensado sobre situações específicas some perante lembranças de um tempo que não volta. Por vezes, a lágrima escorre.

Aqui, sublinho a “conquista” da intimidade pelo facto – sentido por mim – de eu também ser português e estar exatamente na mesma situação que os entrevistados. Assim, aquela hora de conversa se transformou quase numa relação mais próxima, onde a pessoa se sentiu compreendida, onde se pôde abrir – mesmo quando nem pensaria nisso – pois toda a conversa parecia num ir e vir de lembranças que, mais tarde ou mais cedo, se iria concretizar numa pergunta mais íntima, ou mais sensível. Existe, sem dúvida, uma maior facilidade no estabelecimento de diálogo quando um sabe que o outro tem plena compreensão da realidade e contexto reproduzido por ele. Dá uma motivação diferente e um envolvimento maior à conversa. O distancianeto inicial vai se esbatendo. As expressões vão se alterando. O formal passa quase ao informal.

No seguimento de todos estes subcapítulos que sublinharam, entre outras coisas, algumas diferenças, choques culturais e inaptações a várias situações aqui no Brasil, a saudade do país de origem torna-se – mais que nunca – inevitável. Essa saudade muitas vezes é um dado pessoal novo. Para além de nunca terem morado fora do país, muitas vezes parece haver um sentimento de não valorização do próprio país – enquanto morador dele. Alguma fadiga apresentada do *modus vivendi* português, que ocasionou, também, um impulsionar da decisão de sair do país, a par de todos os problemas estruturais já referidos, aparece agora interpretada por uma outra perspectiva. Num olhar comparativo, parece haver, inclusive, uma preferência por essa “ordem das coisas” que outrora

pareceu melancólica e saturante, quando comparada a situações de maior risco estrutural aqui presentes. O sentimento de segurança, que antes não parecia existir ou fazer parte do imaginário (exatamente por nunca se ter tido esse problema), hoje é extremamente valorizado pelo português que imigrou.

A relação com a falta de segurança parece não se banalizar e não faz parte de parâmetros da integração do português numa sociedade com esse problema. Isso promove, por outro lado, uma valorização do país de origem onde existem os problemas que os levarão ao êxodo, mas não estes. A pobreza é outro dado que nos remete para o mesmo tipo de problema e que, a par do anterior, remete para reflexões de valer ou não a pena ficar. Como referiu **Mariana**,

“(...) Para além disso, agora que estou aqui... Enfim. Nós sempre nos queixamos de tudo. É típico nosso, infelizmente. Mas agora que estou aqui vejo o paraíso que é Portugal. Só é pena a questão da crise, claro. Mas nunca se compara em termos de segurança, violência, pobreza... Quem lá foi vê a diferença. Quem nunca foi, acha tudo isto normal. Não eu.”

Miguel tem a mesma linha de pensamento,

“Bem, saudades de Portugal... Hmm... Nunca pensei realmente em sentir tantas saudades quanto já senti e quanto sinto. Às vezes só valorizamos quando temos que sair e ver o excelente país que temos. Portugal emobra seja pequeno e às vezes monótono, tem uma saúde, uma educação e uma segurança privilegiada. É uma pena a questão do emprego. Tenho muitas saudades personificadas em amigos e familiares e gostaria, por um lado, de um dia voltar a morar lá se houvesse estrutura financeira para tal. Ou morar na Europa para ter uma deslocação mais fácil até lá.”

Nestes casos, parece ainda mais notória a quase “expulsão” de que foram alvos muitos jovens. Eles gostam do seu país, ainda que nem sempre tenham percebido isso de forma clara. No entanto, quando autorrealizam essa situação, estão impossibilitados de voltar para ter uma relação favorável de trocas no local de origem. O país não tem emprego a oferecer e os jovens não podem oferecer todo o conhecimento que lá adquiriram e, estes especialmente, a experiência que aqui vivenciaram.

No entanto, nada disto parece ser unânime. Noutra perspetiva, Paula descreve que o país tem um “comportamento rotineiro” que nada mais parece ter a oferecer. O Brasil, por outro lado, pela sua dimensão e multiculturalidade, aparece como um constante mundo a ser descoberto, a oferecer novidades, novos lugares,

novas pessoas, onde o incógnito está sempre pronto a ser descoberto. **Rute**, por exemplo, responde claramente,

“Do país não, das pessoas sim.”

Onde existe um consenso estabelecido de forma inequívoca é, sem dúvida, no sentimento pessoal, personificado. Na falta de parentes e amigos. De pessoas. Todos invocam as saudades, ainda que em múltiplas direções, sempre com alguma seta apontada a todos eles. Sem dúvida que o sentimento se interliga muito mais a laços afetivos pessoais do que com o país em si. Esses laços, ainda que se pudesse pensar que pela distância e pela necessidade de estabelecer outros novos poderia ser atenuados ou mesmo substituídos, parecem manter-se extremamente fortes. O sentimento familiar, que muitas vezes é recriado como muito mais frio comparando uma família brasileira – falando em laços e gestos de afeto – aparece como cada vez mais forte e intransferível. Como relatado por uns em relação ao país, a distância promoveu uma leitura diferente de toda a vivência passada e, no caso familiar, essa relação se valorizou pela distância e por aquilo que os entrevistados chamaram de fragilidade das relações afetivas aqui. A superficialidade e a banalidade de atos, gestos e palavras, mascaram, para eles, relações instantâneas, momentâneas e de pouca durabilidade ou afeição. Assim, a introversão familiar que parece existir quando comparada com a explosão de sentimentos aqui verificada, parece também coincidir com uma estabilidade de laços relacionais mais forte. Devido a essa superficialidade relacional, a família no país de origem é cada vez mais valorizada e serve, muitas vezes, como base, ainda que à distância.

*“Falar de saudade aqui é... Enfim, o povo que mais retrata saudade. É bastante sui generis. É claro que temos saudades. Das pessoas que não vês, dos aniversários que deixas de ir, de fazer, das coisas que não presencias. Mal ou bem vai tudo mudando. E tu estás aqui. Então, a tua vida também vai acontecendo, faz parte. Mas tenho saudades, das comidas, dos lugares, de tudo. Não sou saudosista mas é uma parte importante para mim. O mais difícil são os irmãos, ver a minha afilhada que não vejo há dois anos. Cresceu, perdeu-se essas coisas. Faz parte da escolha, da vida. Então, sim, sinto saudades, não todos os dias, mas nuns dias mais que outros.”, **Júlio***

A partir do discurso do Júlio, percebe-se como grande parte se autodefine como “não sendo saudosista”. Diríamos, depois de uma análise a estes discursos, que “não eram saudosistas”. Parece ser um sentimento que, depois que a magia do

novo desaparece, se transforma em silêncio, até se consumir em algo que se sente mas que uns conseguem controlar mais que outros.

A perda de momentos cruciais da vida de seus familiares, ou a perda da vida de outros, são pontos focais e determinantes neste sentimento de saudade. É, não mais, que um sentimento de perda, mais elaborado, retocado pela esperança de um dia poder voltar a vivenciar tudo aquilo.

*“Quantas vezes já tive vontade de chorar a olhar para pequenas coisas. E nunca fui chorão “pá”. Às vezes acontece alguma coisa mais importante, alguém faz anos... Vou ao facebook, vejo os comentários, fotos, quando vejo já estou a pensar em mil e uma coisas. Dá um sofrimento momentâneo, mas vida que segue.”, **Fernando***

*“Já chorei muito a pensar em Portugal. Naquele Portugal personificado que falei. Custa bastante, custa bastante. Estou a perder a vida deles, entre aspas, não é. E os amigos... Sempre juntos desde “putos” e agora cada um num canto do mundo. Há amigos meus que eram como irmãos – eram não, são – que não vejo pessoalmente há muito tempo. Custa, a sério.”, **Miguel***

Maria aparece como a mais controlada nesse aspecto. Embora emocional, relata que sente muitas saudades – como todos – ela estabelece uma estratégia de retorno a Portugal uma a duas vezes por ano (que nem todos têm capacidade ou possibilidade para fazer) – o que diz ser suficiente para ela matar as saudades e recarregar baterias para mais um novo período longe dos seus. No caso dela, opta por passar sempre as férias por lá, coincidindo com as férias dos pais, passando grande parte do tempo livre com eles.

Esta estratégia parece bastante válida mas, de forma racional e real, percebe-se que nem todos, principalmente quando se falam em casais ou famílias maiores, podem suportar esses custos de forma constante, anulando, inclusivamente, outras viagens e outros destinos em pretérito desse. Envolve negociações, planeamento e muita poupança – pois estamos a falar de jovens, muitos deles ainda sem carreiras consolidadas, numa cidade com um elevado custo de vida e onde o dinheiro, para já, parece não abundar. A ajuda familiar aqui torna-se, mais uma vez, fundamental para haver essa ligação dentro de um determinado período de tempo razoável.

*“Faz dois anos que não vou lá, já. Se acham que não vou porque não quero... Tenho tantas saudades. Tenho medo de ir e não ter coragem para voltar. Acredita. Mas dois anos é muito tempo. Olha, já nem falo de coisas tão banais como saudades de pegar no meu carrinho. Há dois anos que não dirijo. Acho que quando ouvir aquele nosso sotaque até vou estranhar (risos). Não, é demasiado tempo. Nunca mais vou voltar a fazer isso.”, **Francisco***

Torna-se claro a diferenciação das trajetórias dos entrevistados, embora haja um ponto de partida comum. Mesmo dentro de um conjunto de classe social média, média alta, as condições de mobilidade oscilam de contexto para contexto. Há quem receba visitas de familiares durante a sua estadia e, por outro lado, há quem leve (demasiado) tempo a rever seus familiares na origem.

Para Francisco como para Filipa, esta conversa despertou-lhes o desejo incontável de rapidamente visitar Portugal. Apontam para o Natal como a data preferida no contexto ideal para todo este sentimento se fazer eclodir. As saudades não somem, não morrem, apenas desaparecem por uns dias e, antes de voltar, a saudade já se sente daqueles que nesse período se viram mas já não se verão mais. Familiares e amigos abraçam forte e pedem o retorno rápido. Exigem a presença em seus casamentos. Fazem-se promessas de visita, querendo curtir a cidade maravilhosa na melhor companhia – estas muitas vezes sem a garantia de mobilidade necessária. Os pais, na despedida, uns dão força, outros pedem “juízo”, outros falam “*te amo*” em jeito de lágrimas e abraços

*“É sempre tão complicado chegar àquela zona de embarque, não é?”, **André***

*“Nada substitui aquilo que, queiramos quer não – embora tudo sejam escolhas – perdemos... Perdemos a vida dos nossos pais, primos, amigos. As minhas, cada uma está no seu lugar. Serve para já ter destino nas férias (risos)!” **Teresa***

Em alguns casos, sente-se a vontade de voltar para casa (Brasil), pois esta é também – já – a sua casa. Para outros, cada volta é sinónimo de um recomeço, de mais uma aventura, de mais uma incerteza. No primeiro passo, no aeroporto, será sempre um estrangeiro. E dessa forma simples começa esse sentimento que se prolonga até, de novo, voltar a aterrizar em Lisboa ou no Porto.

3.10. O regresso

No entanto, independentemente de as saudades existirem, existem outros jovens que não pretendem voltar para o país para viver. Entendem a sua caminhada lá como encerrada e procuram desbravar um mundo global, onde o conhecimento e a curiosidade remontam a uma mistura explosiva de viagens, deslocações e de mudanças. Para eles, a diversidade promove a realização pessoal, aumentando o seu leque de experiências em destinos com características próprias, ainda que sob a nuvem da globalização massificada. Esse é o caso de Roberto e de Rute,

“Pretendo voltar um dia, mas quero continuar a descobrir lugares novos. O fator financeiro nunca foi uma prioridade para mim.”, Roberto

“Acho que não voltaria tão cedo para Portugal. Gostava também de trabalhar durante um tempo na Argentina ou Uruguai. A única coisa chata aqui do Rio é o custo de nível de vida e o machismo que existe na minha profissão. Toda a gente pensa que trabalhar com animais de grande porte é só coisa de homem.”, Rute

Esta divisão de raízes é um dado adquirido com a permanência ao longo dos anos em solo brasileiro. A integração, o acostumar ao estilo de vida, ao próprio calor, e a familiarização com o espaço e com as pessoas, remete, para os menos aventureiros, para um sentimento de estabilização (o não querer recomeçar tudo de novo). Na mesma linha, independentemente do sentimento de saudades e falta que o outro lado do oceano instiga, a trajetória de vida migra para este lado, relevada pela profissional – e todos os benefícios que esta traz ou espera trazer – fazendo com que esse sentimento de pertença comece a despoletar dentro de si – abandonado uma primeira “sensação de provisoriedade”⁷⁸ que lhe permitia sonhar com o regresso e sobreviver longe dele.

“Aos poucos vão-se construindo coisas aqui e já consideras poder ficar. Este ano foi a primeira vez que voltei para aqui, peguei um táxi e pensei “é, estou a voltar para casa também”. Tem muito a ver com isso, com a forma como tu te relacionas com o lugar. Para isso acontecer é preciso acontecer muita coisa, melhorar muita coisa. Questões profissionais, pessoais, financeiras. Mas quando estás num lugar, relacionas-te com as pessoas. Então os meus amigos são daqui, as garotas são daqui, é factível dizer que podes ficar aqui. A questão do voltar é

⁷⁸ “Abdelmalek Sayad (1998) aponta para a condição imigrante como sendo constituída por uma contradição: provisório-permanente, a situação de provisoriedade ilusória que jamais se afirma permanente, mas que pode durar indefinidamente.” (Paula Oliveira, 2007: 163)

*meio difícil, não me vejo a voltar, a não ser que as coisas não evoluam de acordo com o plano que tenho para a coisa.”, **Júlio***

O objetivo da independência financeira e realização profissional que trouxe até cá os jovens entrevistados tem um peso superior, em praticamente todos os casos, ao sentimento de saudades, de falta dos familiares. Isto explica-se, também, porque a independência destes, em parte, é uma ajuda para os pais que os deixam de ajudar financeiramente e podem ter uma velhice mais tranquila – tanto a nível emocional como a nível financeiro, que, mais uma vez, ajuda o lado emocional. Para mais, o sucesso de seus filhos, ainda que à distância, será sempre motivo de orgulho – a par de uma preocupação infinita pela não possibilidade de ajuda instantânea em qualquer situação. Por outro lado, o jovem, atingindo o ponto de independência financeira, alivia a parte emocional e aquela sobrecarga de depender dos pais, e “ser um peso” – visto que já estamos a falar de jovens adultos e não de jovens adolescentes.

Do outro lado, Paula, Francisco, Simone e Teresa dizem que voltariam já. Todavia, a crise que não lhes permite ter um emprego condizente com o que acham que merecem (em termos de qualificação e salário), remete-os para uma estadia no Brasil por mais uns tempos. Para eles é difícil superar a falta da família. Francisco, que é empresário e um pouco mais audaz, pensa ainda em tentar enfrentar a crise portuguesa para estar junto da sua mãe com quem tem uma ligação especial.

*“A família é das coisas que mais toca a qualquer ser humano. Quem não sente não é filho de boa gente. Mas pela cultura, pela beleza... Muito diversificado, muito bonito. Já viajei muito e acho que tem uma beleza das maiores do mundo. Tem segurança, com um emprego vive-se bem. Há uma corrupção claro, mas menor que aqui. Não tem comparação possível.”, **Francisco***

*“Talvez, não sei. Depende de tanta coisa neste momento. Tem ligação não só com o financeiro, mas também. Neste momento, não tenho qualquer perspectiva de emprego na minha área lá, então é algo a se pensar no futuro...” , **Simone***

Por fim, temos o caso de Maria e Andreia que projetam o seu regresso para curto prazo.

*“Voltar... Sim, vamos voltar já no próximo ano. À semelhança de muitos dos colegas que faziam parte do grupo com que nos reuníamos que entretanto já saíram para Portugal, nós vamos regressar.”, **Andreia***

*“Prentendo. A curto prazo! Por questões financeiras e de segurança. Veio essa crise... Vieram os cortes e eu acabei por sair. Agora é difícil, não é. Para o estrangeiro conseguir viver aqui. Arrumar trabalho. E a segurança, fica complicado viver aqui. Muita insegurança no Rio.”, **Maria***

Quando o motivo primeiro que traz o jovem aqui – oportunidade de trabalho – acaba por desaparecer, muitas vezes aparece um sentimento de rejeição um pouco maior. Quando tudo dá certo, tudo parece mais fácil e mais bonito. Quando a desilusão aparece deixa o cenário pouco promissor. E é principalmente o emprego que tem o dom de desequilibrar essa balança financeira e emocional. Se não é conseguida ou conquistada a almejada independência, torna-se complicado sobreviver longe da família, sem emprego – ou num emprego que não garanta os recursos financeiros necessários para isso acontecer. Assim, outros fatores menos positivos, como a insegurança, remetem para um questionamento do “será que vale a pena passar por tudo isto?”. O jovem começa a ponderar prós e contras. O distanciamento da família, os custos relacionados com a estadia numa cidade bastante cara, os problemas estruturais da sociedade como o alto índice de violência. Tudo isto se sobrevaloriza num cenário menos promissor. A alegria carioca, o sol e as paisagens deslumbrantes passam a um papel secundário na tomada de decisão. Mas nestes casos, a ponderação do regresso não é algo premeditado e, sim, decorrente de uma situação que não correu como o esperado.

O regresso é muito mais que uma viagem. Voltando aos primeiros capítulos da história de imigrações entre os dois países, percebemos que a viagem se trata de uma conquista. Nem todos podem ser conquistadores, embora a ilusão, seja como o sol, para todos. Essa ilusão remete para um sentimento de sucesso, de “se dar bem”, de uma conquista de independência profissional (diferente do enriquecer de outrora – mas também possível). A viagem, muitas vezes não tem data de regresso, e, por mais informação e globalizado que o mundo viva, é sempre uma incógnita. O regresso, definitivo, é sempre um momento de grande ponderação. O imaginário do português no Brasil continua a ser de sucesso – de uma terra de portas largas e douradas, onde os problemas se transformam em soluções. Assim, este regresso quer sempre ser encarado dessa forma pelos jovens. Querem voltar, quando voltarem, se voltarem, neste caso independentes. Homens e Mulheres formadas e respeitadas nos seus respetivos trabalhos, que pagaram a sua passagem de ida e volta, que podem levar lembranças para os

familiares e amigos e que têm um lugar bom para os receberem quando forem visitados por aqui. Muitas vezes o regresso implica uma derrota difícil de explicar e de engolir pessoalmente, pois a ilusão criada por si e pelos outros dificilmente contemplava espaço para tal desfecho. No final, fica uma nova experiência, arrecadando novos dados pessoais e profissionais para somar a um trajeto cada vez mais rico. Ficam amigos e raízes, paixões, imagens, vozes e lugares que outros não terão o privilégio de experimentar.

3.11. Relatos

Como contextualização, “Relatos” refere-se a um item do roteiro em que se pede para relatar uma experiência negativa ou positiva que o entrevistado tenha considerado importante.

Todos estes jovens têm histórias que se entrecruzam em causas e consequências de uma mudança quase sempre forçada. O que as diferencia nos seus trajetos são nuances próprias do cotidiano e das escolhas individuais como outro qualquer indivíduo não pertencente a este grupo. Variáveis que se vão anexando a uma base e fazem diferenciar trajetos, representações, formas de estar, ser e pensar. A forma como encaram e avaliam o terreno, neste caso a cidade para onde se mudaram, o Rio de Janeiro, parece ter algum tipo de influência em seus trajetos. Por outro lado, poder-se-ia – contrariamente – sugerir que suas trajetórias, de maior ou menor sucesso, ditam a forma como se sente a nova experiência. Aqui jogam as perspectivas iniciais com a realidade apresentada e conquistada. Ou com a desilusão. Ou com a superação.

Estes relatos, solicitados através de um pedido de descrição de algumas situações que tivessem marcado todos estes jovens durante a sua estada na cidade, revelam perspectivas diferentes de absorver a nova realidade, ao mesmo tempo que revelam as variáveis que foram construindo o caminho de cada um. Terminando a entrevista, a empatia gerada ao longo do tempo com alguns entrevistados foi determinante para arrancar este tipo de percepção ou disposição para contar algo mais pessoal. Diria que, pelo tempo da maior parte dos jovens aqui, várias seriam

as histórias a contar. Também por isso, passaram por várias opiniões e recordações, não se cingindo a uma história em concreto, na maior parte dos casos.

O entusiasmo inicial de uma nova experiência raramente permitiu a estes jovens desvendar, à primeira vista, os problemas que mais tarde conseguiram enxergar. Os primeiros tempos de descoberta e maravilha na cidade maravilhosa cingem-se, quase sempre, a uma descoberta – mais uma vez – da cidade em si. Interessante sublinhar a importância que estes jovens atribuem à necessidade de conhecer cartograficamente e fisicamente a nova cidade – como se fosse a sua. Isto se justifica através de um sentimento cultural de autocultivo mas também defensivo, sentindo-se mais seguros tendo um conhecimento daquilo que os rodeia. Com o desenrolar do tempo e com a consequente necessidade de se locomover pela cidade e utilizar seus serviços, pela atenção a noticiários e pela gradativa e consequente compreensão social do novo lugar, novas perspectivas surgem, criando opiniões próprias e muitas vezes diferenciadas – visto, como vantagem, terem um ponto comparativo (Portugal – Brasil).

Dentro dos relatos positivos a exaltação paisagística aparece unânime. Como muitos referem, muitas vezes, este título de Cidade Maravilhosa tem que se cingir apenas a esse aspeto.

“Cidade Maravilhosa... Bem, poderia sê-lo, sem dúvida. Acho que o marketing que transmitem faz passar essa ideia, essa sensação de podermos estar num mundo à parte, com praias cobiçadas, com um astral de festividade e com o samba e o futebol. Bem, depois, eu podia dizer que de maravilhosa tem aquilo que o Homem dificilmente pode mudar, que é a rocha! (risos) Não, a sério... É realmente maravilhoso ver a disposição da cidade como paisagem, lá do alto, do avião e de asa delta. Aqui em baixo é diferente, não tem muito de maravilhoso.”,
Francisco

Parece haver um sentimento de contraste entre o que é uma sensação cultivada pelo imaginário ou pela vista em altitude e pelo cotidiano nas ruas. A paisagem preenche esse imaginário que se vai diluindo à medida que o olhar observador se vai aproximando da realidade.

“Viver de frente para a praia, estar calor todo o ano, ver gente bonita, alegre... tudo faz um contexto, traz-nos o imaginário do que nos é passado, das novelas, sei lá. Acho que viver o Rio, no imaginário de um português comum, é viver isto assim. Qualquer pessoa quando digo que moro no Rio de Janeiro pressupõe que

*tenho essa vida. Eu ou qualquer pessoa. Muitas vezes, quase sempre, nem imaginam o que muitos passam para chegar aqui. É engraçado ao mesmo tempo que é complicado.”, **Maria***

Esta ideia paisagística casa com determinadas características próprias como o sol, o mar, a praia, o calor, corpos trabalhados, cerveja, água de coco entre muitas outras coisas. Tudo isto é imaginado e combinado quando se penetra com a imaginação nestas paisagens, seja com Copacabana, o Cristo Redentor ou o Morro da Urca de fundo. Miguel tem uma afirmação curiosa:

*“Um dia aconteceu-me uma coisa engraçada. Estava aqui há algum tempo. Estavam em Copacabana, ali perto do cinema. Era um dia calmissimo. De repente comecei a pensar. Sentei-me na calçada e olhei em volta e pensei “Estou em Copacabana! Estou não... Vivo aqui!” e percebi como isso seria um sonho de tanta gente que conheço. E, para mim, já era o normal, era já o meu lugar, ou um deles. Mas ao mesmo tempo era tão estranho pois eu parecia fazer parte de um lugar super desejado por todos! Era tipo um privilégio. Depois, com o tempo, isso passa. Mas lembro-me perfeitamente disto ter acontecido...” , **Miguel***

O imaginário do Rio de Janeiro é representado por determinados, poucos lugares, que para os desconhecidos, representam aquilo que é a cidade e a vida nela – quando na verdade apenas representa uma pequena parte dela mesma. Outro desses lugares são as escolas de samba, as morenas passistas e seus corpos esculpidos. A esse mix, agrega-se a alegria do samba e de um povo que nem sempre tem razões para sorrir, mas que leva a vida com a alegria possível – contrastando com um maior tensão e lamento na vida portuguesa. Esse diferencial produz uma reflexão sobre os reais problemas de cada um e a sua, muitas vezes, autovalorização. Numa cidade multicultural e multissocial, onde classes distintas convivem no mesmo espaço, o jovem é obrigado a perceber diferentes realidades da sua, re-mensurando os seus próprios problemas. Roberto é claro quanto a isso,

*“A melhor experiência no Rio de Janeiro é sentir esta imensa alegria das pessoas apesar de todos os problemas deste país. Às vezes ensina-nos a olhar de forma diferente para a vida. Não nos podemos prender a certas coisas, às vezes triviais. Quando penso em certas histórias que oiço e vejo até tenho vergonha de relatar os meus problemas. Quero ganhar mais 2.000 reais quando há uma mulher qualquer que veio do Ceará porque ganhava 100 reais e agora ganha 700 e está feliz da vida. Vive numa casa sem condições e ainda se diverte ao fim de semana. Imagino como conseguem, mas conseguem, de certa forma...” , **Roberto***

*“Ah! O que posso relatar de bom e que queria sempre comigo e que houvesse também essa dinâmica em Portugal é aquela alegria típica carioca. O primeiro dia que cheguei aqui foi talvez uma das sensações mais gostosas que tive pela concretização de um sonho! Parece que foi uma premonição do que iria encontrar. Subir ao Pão de Açúcar. A melhor vista do Rio é sem dúvida a de lá. Louco. Boas tardes passadas em Santa Teresa, escutando sambas e chorinhos... Tem melhor? E depois também já desfilei na Marquês de Sapucaí no meu primeiro carnaval aqui! Fazer parte da vida da cidade, fui carioca por um dia, participei de uma das maiores características deste lugar. Amei.”, **Maria***

Confirma-se que o imaginário que o português possui sobre a realidade que espera encontrar no Rio de Janeiro se concretiza no seu lado positivo. Tudo aquilo que imaginaria haver de bom é realmente absorvido e valorizado a essa dimensão. Isso faz parte de um vício difícil de descrever em palavras que parece prender estes jovens a esta cidade, muito mais do que – agora – uma necessidade de oferta laboral.

Mas o lado menos bom também existe e é relatado até de forma mais específica. O alto nível de vida necessário para morar aqui nas zonas que estes jovens residem e frequentam; o estereótipo errado do português que, por vezes, ainda é associado a este diferente fluxo migratório e uma consequente culpabilização de Portugal por muitos dos problemas existentes no Brasil ainda hoje; a dimensão e quantidade de favelas (não existente em Portugal – causando ainda maior choque); a pobreza, a violência, todos estes itens fazem parte de uma extensa lista de sensações negativas personalizadas em desilusão, medo e incompreensão, como serão mostrados nos relatos a seguir.

*“Posso te falar do primeiro assalto (risos). Perdi um telemóvel[celular] e um ipod que me deixou puto da vida! Enfim... Coisas engraçadas aqui é a cultura brasileira para pagar tudo parcelado. Mas o ipod... Andei uns 6 meses a juntar dinheiro para o comprar, tinha um valor sentimental de eu o ter comprado e o gajo veio e roubou-me. E o pior é que o cara chega perto de ti, tu olhas para ele e achas que podes enfiar a porrada no filho da mãe mas também sabes do outro lado... E enfim, a gente vive para comprar outro.”, **Fernando***

*“A infeliz, foi o dinheiro que me roubaram. E que nada fizeram. As autoridades ainda se riram, esquece! Deixaram-me 5 euros na conta bancária. E no dia seguinte estava completamente desesperado sem ter o que comer. A minha mãe teve que me dar o pouco que tinha disponível na hora. Não tinha dinheiro nem para voltar para casa, nem para comer uma refeição. Veja a situação em que estava metido. Foi das experiências mais desesperantes que eu tive. Foi um desespero. É verdade isto...” , **André***

Se, felizmente, nem todos vivenciaram situações de perigo – quase sempre materializadas em roubos – a verdade é que esta é uma realidade e uma situação que parece sempre pairar no ar, estando estes – como outros – jovens, sujeitos a isso. Essa é uma das situações que mais faz refletir se realmente vale a pena enfrentar toda uma trajetória longe das suas relações de afetividade para, por um golpe de azar, haver uma tragédia que termine tudo. Esta situação de violência é, sem dúvida, muitíssimo relevante para estes jovens proveniente de um país conhecido por ser relativamente pacífico.

“Olha, sinceramente, o que eu posso falar que mais me choca, para além do bom que também me choca pela positiva, é a quantidade de mendigos que vejo todos os dias. A pobreza aqui é surreal, aqui, no Nordeste... Eu penso no primeiro dia que me deparei com isto, hoje já mais acostumada, e realmento lembro-me de ter ficado chocada. Como imagino que fiquem os meus familiares quando aqui vierem. Não é admissível.”, Mariana

No seguimento da violência vem a pobreza que faz parte da paisagem, ao nível do solo, da cidade. Seja pelas comunidades ou pelas pessoas na rua. O fosso entre ricos e pobres é demasiado grande para ser aceitável para quem vem de fora. O encontro sem diálogo entre esses dois mundos parece despertar um sentimento de recusa deste jovem a fazer parte desse jogo. Este jovem que, por vezes, é personificado como representante de um Portugal culposos e identificado através de um estereótipo que não se encaixa nas características descritas ao longo deste texto. Este jovem que tem uma maior interação voluntária com diferentes públicos, ressentido-se disso, e por exemplo como o caso do relato de Miguel, que casando com uma carioca, parda, refere-se ter sido alvo de dúvidas quanto às suas reais intenções.

“Sabes, acho que aqui existe muita promiscuidade. Ainda por cima com os “gringos”, ainda por cima na Zona Sul. É tudo um contexto. Depois, eu sou branco, ela é morena. Conto-te isto no contexto da pergunta porque senti um pouco. Fiquei triste. Primeiro acharam que ela queria se agarrar a mim por dinheiro (risos). Como se eu o tivesse, não é? Mas acham sempre que nós temos muito... (risos). Depois foi o contrário. “Ah, ele quer é ficar no Brasil e vai se casar”. Isto desgasta. Mas vem de um contexto em que tudo isto me parece normal e frequente aqui. Estes enredos e esquemas. Amor aqui é uma palavra fácil, tão fácil quanto o beijo. Ia ficar aqui a tarde toda a falar disto. (risos)”, Miguel

O amor é, de fato, um relato frequente. Negativo e positivo. É, antes de mais, uma experiência pessoal, com características próprias do enredo produzido,

difícil de ser avaliado por outrém. Assim, reduzindo-nos aos relatos, percebemos a “facilidade” com que o amor acontece aqui. A facilidade de falar um “te amo” por contraste com uma maior frieza, racionalidade ou calculismo de uma cultura portuguesa no que toca a esse ponto. Aqui, toda a vivacidade carioca, de sangue quente, parece transparecer em relações amorosas, muitas vezes de fracos laços mas muita intensidade. Um pouco como as relações relatadas pelos jovens no que toca à facilidade de conhecer novas pessoas – criando-se uma amizade de forma fácil mas também bastante frágil no que toca ao verdadeiro sentido da palavra. Mais que fazer parte do imaginário do jovem o envolvimento com o(a) brasileiro(a) (não por fetiche, mas pelo fato de ir para território brasileiro), esta é vista com algum cuidado no que toca à diferença cultural e não de “nível” cultural – numa perspetiva de enigma de adaptação entre as duas – e também numa insegurança que assenta na indefinição da situação migratória (de sucesso ou não). O não pertencimento à cidade, pelo menos numa primeira fase, faz com que seja mais fácil, quando a experiência não ocorre como desejado, partir para uma nova e recomeçar a vida em outro lugar. Embora não seja o desejado, esta situação de incerteza laboral, de mobilidade global e de necessidade de construir uma vida pessoal estruturada na laboral, dificulta a construção e/ou manutenção de relações amorosas.

“Para um “gajo” que adora curtir como eu, estou no sítio certo. (risos) Não, é a verdade... Mulheres lindas. Aqui o difícil é não me apaixonar, várias vezes! Mas por muito que seja “baladeiro” e de espírito livre e meio doido, ainda há certas coisas aqui que não me vejo a fazer ou aceitar. Brincar é uma coisa, estar com alguém sério é outra. E depois, construir tudo e não saber como vai ser. Hoje tudo é instável. Tenho que esperar pelos trinta e poucos [anos]. Aí logo se vê, onde estiver... Se não for em Portugal, espero que seja aqui.”, Domingos

O campo foi, sem dúvida, indispensável para uma melhor compreensão deste fenómeno, confirmando as hipóteses levantadas como motivação deste estudo, ao mesmo tempo que trouxe a vontade, quem sabe em um outro estudo, de perceber o sucesso ou insucesso destas e de outras trajetórias. Se isso implicaria realmente voltar a Portugal (estável financeiramente) ou manter-se noutro (onde construiu essa estabilidade). Questões relativas à emigração são infundáveis e estas foram uma pequena parte, de uma determinada perspetiva escolhida como ponto de partida.

Neste caso, percebemos que dos 15 jovens entrevistados, 9 estavam claramente numa situação a que chamámos “forçada”, e em que mais 4 equilibraram um desejo impulsionado pelo contexto de crise para uma escolha mais independente dos contextos realmente forçados e tratados para a tomada de decisão de emigrar. Trataram-se de apostas pessoais e busca de sonhos. No entanto, também estes se revelaram relevantes para a compreensão da diversidade cultural a que foram todos sujeitos e à sua forma de lidar com o fenómeno da integração e, por sua vez, com o desenrasque.

Existe, ao longo dos relatos, uma clara diferenciação do que é ser imigrante (com toda uma incerteza no que toca ao futuro, à integração, ao desenvolvimento pessoal e profissional em num local, muitas vezes não escolhido como primeira opção) e o que é ser turista ou estudante de intercâmbio (caso revisto aqui). Neste último, compreende-se uma certa segurança trazida pela certeza do regresso e de um suporte já planejado e estabelecido à partida, na origem.

Este suporte é maioritariamente familiar e materializa-se através da parte financeira mas também, não menos importante, emocional. Embora o jovem imigrante busque a independência financeira no Brasil, através da procura de um trabalho ou de um contrato já concretizado, será sempre necessária – num primeiro momento, pelo menos – uma ajuda extra que permita uma certa estabilidade, prolongando, ainda em território brasileiro, a condição de autonomia e não independência. A importância destas redes familiares estende-se ao campo emocional, onde o distanciamento do país de origem e a realocização numa nova cultura (ainda que muitas vezes possa ter aspetos similares como a língua) leva tempo – tal como o estabelecimento de novas redes no país de destino. Assim, a família apresenta-se como um duplo suporte numa fase de transição de um “recomeçar de vida”.

As saudades apresentam-se, ao longo desta estada de duração imprevista, como uma bandeira comum a todos os entrevistados. Se uns referem que a saudade do país em si não é tanta (pois este aparece, no campo político, sem futuro no que toca a perspectivas de empregabilidade jovem), ela apresenta-se com grande intensidade quando se personaliza em pessoas, mais precisamente parentes

e amigos (e seus respectivos costumes, hábitos, modos de viver). Aqui sobressai o lado mais saudosista português que se mistura com os próprios semblantes mais carregados ou emotivos quando se referem a este assunto. Estas saudades, porém, vão sendo cada vez mais divididas nos casos de maior sucesso (laboral e de integração), onde passa, com o passar dos anos, a haver, também, um sentimento de pertença e de “casa” em relação ao Rio de Janeiro. Existe uma necessidade imensa de alimentar o contato com suas redes, presença-las fisicamente, fazer esmorecer algum do sofrimento que a distância produz. Elas – as suidades – porém, nunca somem.

Num apanhado final, percebemos que, ainda assim, existe um sentimento majoritariamente positivo em relação à estada na cidade – mais, em relação à experiência de migração em si. Poderíamos dizer que 11 jovens tem essa sensação, ancorada no sucesso profissional ou boas experiências de trabalho, a par de um sentimento de realização ou algum sentimento crescente de pertença (sinal inequívoco de alguma integração). Desses 11, Teresa e Miguel aparecem com uma representação mais mesclada, talvez agridoce, mas não negativa. Os restantes 4 representam sentimentos de desilusão e não adaptação ao estilo de vida encontrado no destino, baseados principalmente nos problemas sociais que assolam o Brasil e aparecem exponenciados numa cidade como o Rio de Janeiro, a par da falta de perspectivas no que toca ao seu objetivo aqui – a independência através da empregabilidade.

Considerações finais

Terminando este caminho de pesquisa com histórias, questionamentos e comparações, vemos nossas hipóteses sendo confirmadas. Ou seja, o jovem português aqui estudado é ceifado por uma crise que perdura e parece não ter uma passagem fugaz pelo seu país, sendo este obrigado a se orientar através de uma procura de trabalho e realização pessoal em outros mercados além-fronteiras.⁷⁹ O jovem imigrante possui um leque de destinos de escolha cada vez maior, principalmente tendo por alvo nas últimas décadas e nos últimos fluxos migratórios outros destinos que não o Brasil – como a Europa, próxima à origem, tornando-se então o destino de eleição para um recomeço. Neste contexto de hoje, ainda que não seja tão diferente assim, a perspectiva global permite a escolha por destinos – mais uma vez – outrora menos pensados, também menos conhecidos. O Brasil, porém, sempre em lugares cimeiros no imaginário português, foi recrutado ou repescado como local de recomeço, de oportunidades no pós-crise econômica de 2008. Um conhecimento subjetivo tido como correto e concreto, traduz uma segurança na escolha e partida para um destino distante, outrora território colonial. Este conhecimento representa a vinda “forçada” mas também “disfarçada” para o Brasil. Esta escolha estabeleceu-se a partir de imaginários e representações destes jovens sobre o Brasil, de um conhecimento estabelecido – e nem sempre real ou concreto⁸⁰ – do país de destino através da mídia mais recente e da histórica ligação entre os dois países. Assim, este parece, apesar de tudo, um local mais seguro à partida pela facilidade destes laços históricos estabelecidos entre os dois países que se traduz na língua e alguns costumes, numa perspectiva de continuidade. Este novo fluxo migratório português para o Brasil é, contudo, diferenciado de outros historicamente marcados, particularmente dos aqui estudados no capítulo primeiro, culminando em estereótipos desatualizados nos dias de hoje. O jovem que aqui estudamos é representativo desta imigração menos vinculada em termos estatísticos, porém renascente, constitui-se com um alto nível

⁷⁹ Trata-se de um processo de desterritorialização quase sempre na dimensão físico-econômica da vida social, pois o país não possibilita uma fonte de rendimento dentro de seu território. (Haesbaert, 2007: 36).

⁸⁰ Este suposto conhecimento transformou-se, em muitos casos, numa surpresa na adaptabilidade ao terreno e na integração social, transportando praticamente – a espaços – outro sentimento, o do imigrante desterritorializado “no sentido cultural ou simbólico, na medida em que, destituído também [dos seus] valores, símbolos” viu a sua identidade ser, também ela, desterritorializada (Haesbaert, 2007: 37), contrariando as perspectivas sustentadas no suposto conhecimento do destino e facilidade de adaptação.

de qualificação e procura encontrar empregos condizentes com os seus graus de qualificação – ao mesmo tempo com uma remuneração no mesmo padrão.

Na verdade, as três ondas migratórias aqui estudadas no primeiro capítulo, inserem-se em contextos socio-políticos próprios e distintos entre si, onde no primeiro caso os imigrantes de baixa escolaridade tinham a motivação de um Brasil receptor – com o desejo político de embranquecer o país e com facilidades derivadas à língua, clima e trabalho – ao contrário do que acontecia em Portugal. Já na segunda onda, os imigrantes que ajudaram a “(de)lapidar” o estereótipo desatualizado do português, apresentavam-se com uma motivação de fuga política a um regime ditatorial português indesejado e esperançavam-se no Brasil, em franca urbanização, com um crescimento econômico sedutor para quem imaginava emigrar. Esta foi, no entanto, a última grande onda migratória de portugueses para o Brasil, que culminou com o fechamento do país em 1964 e que, com as portas da Europa a se reabrirem a partir de 1974, fez o emigrante português optar, em grande escala, ou como primeira opção, por uma migração de proximidade. Por fim, apresenta-se o jovem com alta escolaridade no contexto de crise econômica pós 2008 – o jovem português aqui aprofundado e não condizente, em perfil, com as duas ondas anteriormente mencionadas.

Na perspectiva da mudança, esse jovem português imigrante aqui estudado tem uma formação acadêmica de maior relevo, uma qualificação claramente superior àquela dos portugueses que chegaram até aos finais da década de 50, desmistificando um estereótipo de português pouco capaz intelectualmente, que vivia para o trabalho (onde aqui, sim, era reconhecida a sua força). Este jovem português se incomoda com esse rótulo e não compreende na sua estrutura atual a inclusão do mesmo – distanciando-se dele no cotidiano e no plano profissional de forma prática. Porém, esta ideia obsoleta ainda se mantém – embora parecendo se diluir lentamente com a esperança de se cristalizar apenas nas tradicionais “piadas” –, dificultando, de certa forma, uma inclusão deste novo português. A ideia não é, de todo, sobrevalorizar o português ou qualquer outro estrangeiro em relação ao brasileiro – é sim, pelo contrário, valorizar um currículo e um conhecimento adquirido, independentemente da origem, e não proceder a julgamentos com fatos históricos ultrapassados.

Este jovem português estudado retrata estádios diferenciados da sua estada e experiência na cidade, desde o relativo conhecimento que imaginara possuir da cidade, passando pela chegada e deslumbre até o “cair na real”⁸¹, aos problemas do cotidiano, à dificuldade na integração social e realização pessoal na cidade – como foi amplamente apresentado. O Brasil, à partida, aparece comumente como uma escada ou um trampolim, sendo que, dependente de cada trajetória de vida, termina em ponto de estabilização pessoal ou até mesmo alguma desilusão. Percebe-se, ao longo destas trajetórias, que o jovem ainda não possui o poder de tomar decisões marcantes em relação ao seu destino, sendo raros os casos que existe uma estabilidade e satisfação laboral e/ou financeira na cidade, justificando, para já, de forma concreta a mudança. Trata-se, ainda, de uma forma de desenrasque – esta viagem até ao Brasil – um processo longo e contínuo com incertezas a médio e longo prazo.

Esta mudança parece estar cada vez mais presente no imaginário do jovem português. É realmente uma mudança quase forçada pelo contexto interno do país e pela necessidade de haver um descolamento em relação às ajudas familiares e a esse sentimento de dependência que tarda, em termos práticos, em ser ultrapassado. *Trata-se de uma obrigação por necessidade e não de uma escolha.* O Brasil apresenta-se como uma de muitas paragens existentes. Para alguns, esta necessidade laboral de mudança agrega-se a uma necessidade pessoal de conhecer mais de um mundo que cada vez é mais “publicitado”, onde o global se torna mais perto, mais desejado e onde viajar é quase uma obrigação cultural – como antes poderia ser ler um livro. Diferentes estilos de jovens encaram estes novos fluxos de forma diferenciada e isso é perceptível neste pequeno grupo estudado. Se para uns o desafio da viagem parece juntar o útil ao agradável, para outros a estabilidade e a segurança parecem ter maior força – o que faz desta viagem uma necessidade ou obrigação. Jovens estes que contam, impreterivelmente, com a ajuda familiar, nas formas financeira ou moral. Nos jovens estudados, percebemos que ainda não existe uma capacidade financeira que seja paralela a uma capacidade já existente de tomada de decisão nas trajetórias de vida. Surge o

⁸¹ Onde, embora com toda a capacidade e facilidade que o jovem possui na busca da informação e no conhecimento de um mundo globalizado, a experiência física, de vivenciar, de *ver* – principalmente – distancia-se da experiência do *saber*, tal como o *quotidiano* se distancia do *imaginário*.

retardar da “luta” entre o usufruto da autonomia e a independência “virtual” que é suportada familiarmente e, por isso, ainda em muitos dos casos – mesmo já trabalhando – não atingida de forma plena e segura.

Esta dependência prolongada é fruto de uma afirmação no mercado de trabalho que tarda cada vez mais a ser conquistada por uma quase expulsão do seu berço para um recomeçar social e laboral noutro lugar. A estabilidade no emprego é de difícil conquista, tornando-se assim o jovem vulnerável a mais mudanças ou, pelo menos, a mais tentativas de sucesso. Com isso, todo o processo adulto é atrasado, inclusive a construção de laços familiares ou relações amorosas coesas.

Do ultrapassado estereótipo, o novo jovem imigrante português apenas comporta a língua, a capacidade de adaptação, a busca pelo novo e a relativa aventura que uma mudança radical de trajetória representa. Continua, ainda hoje, sendo uma aventura voar e aterrizar num território onde só a imaginação conhece, mesmo com toda a quantidade de informação que se pode obter em segundos através de novas tecnologias ou da troca de experiências com quem já viveu similar experiência.

A experiência é sempre individual, contextualizando gerações diferentes, modos de perceber o mundo diferenciados e perspetivas e objetivos de vida também diferentes de jovem para jovem e de geração para geração. Esta experiência presencial, embora possa ter uma ajuda documental, apenas revela todos os seus predicados através do terreno e da descoberta do mesmo – uma adaptabilidade que leva tempo e é repleta de surpresas positivas e negativas (daí também o “disfarce” – ou seja, parecer ser o que na realidade pode não ser). A presença, o contato e a observação parecem ainda ser insubstituíveis no que toca à análise e conhecimento e isso serve para a adaptabilidade do jovem. De novo, o jovem aparece com um arcaboço que pode trazer a diferença, fruto de um Portugal mais desenvolvido do que em épocas anteriores, com um grau educacional, infraestrutural e societatal de padrão europeu – sendo ou não, de momento, uma semiperiferia.

Do ponto de vista do país receptor, o Brasil aparece sempre receptivo a novos atores com visões sofisticadas e qualificadas que podem ajudar nessa

mudança que parece urgir. Novas visões do mundo se misturam, novas formas de agir e fazer as coisas. Exemplo disso é o desenrasque, um “se virar” mais sofisticado, que não pretende prejudicar o outro em seu prol, mas sim construir mecanismos específicos para se adaptar a situações e superar problemas que não estariam previstos. O desenrasque, um legado cultural, mundialmente personificado e comicamente enfatizado por McGyver, corresponde ao cotidiano destes jovens. A própria decisão de imigrar é um ato de desenrasque, que uma vez começado e até ao seu culminar (a estabilidade financeira), gerará um e outro desenrasque em várias áreas da vida. Voltando ao manifesto da Geração à Rasca, percebe-se que a primeira opção de muitos seria manterem-se no próprio país – “*a geração com maior formação de sempre da história*” – retribuindo e contribuindo toda essa sabedoria arrecadada. Assim, todo esse conhecimento será aproveitado em prol de outros, neste caso o Brasil, trazendo uma valorização aos locais de destino – *brain drain*. Assim, o Brasil, como outros países receptores da emigração portuguesa, lucram com a possibilidade de receber indivíduos recém-formados (e não só) que, embora possam ter pouca ou nenhuma experiência, têm quase sempre uma excelente formação e se apresentam ávidos pela conquista da própria independência, havendo uma espécie de simbiose entre as partes.

Imigrar, percebemos no tempo de hoje, é cada vez mais comum por diversas causas, quase todas elas tentando a melhoria de condições de vida. Dificilmente, quem possui essas condições de vida desejadas, se propõe a abrir a mão da segurança para desbravar novos trilhos – embora tenhamos exemplos disso no nosso estudo. Porém, esta imigração naturalizada por um mundo global, sempre é remetida para um caminho de intensas dificuldades e nem sempre sucesso – mesmo aquelas com mais qualificações e mais susceptíveis de participar e ter sucesso dentro destes fluxos migratórios. As redes de apoio material e emocional são fundamentais na origem e no destino, mantendo-se e fortalecendo-se no primeiro caso e construindo-se gradativamente no segundo. A construção de uma segunda vida no Rio de Janeiro pode levar anos. A integração nem sempre é conseguida, mas uma adaptação conseguida demora mais do que o esperado, segundo os entrevistados. As diferenças entre a imaginação ou percepção em relação à realidade posterior são bem vincadas, provocando uma cronologia

alargada no que toca a um sentimento de pertença, a um trabalho compensador e ao atingir dos objetivos sonhados à partida.

Em 2016, surge uma crise brasileira talvez inesperada para quem imigrou. Com isso, como já vimos, o Brasil já não se situa – como no imaginário comum do jovem português de poucos anos atrás – como um país de fácil prosperidade. Onde arranjar um bom emprego, ter um bom salário e aproveitar a vida são imagens quase certas para quem não convive com a realidade no Brasil – e contribuem para o senso comum, parte da nossa hipótese de “disfarce” do conhecimento do terreno. Alguns casos apresentados de não realização pessoal são imagem e resultam de trajetórias oscilantes no seu processo migratório. Para além do mais, surge um dilema com o avançar do tempo dentro de território brasileiro – que aos poucos se vai transformando na sua casa. Este dilema baseia-se na continuidade ou no regresso a Portugal.

A economia mundial global favorece, cada vez mais, a criação e movimentação de novos fluxos, sendo os jovens atores principais, em que novas pesquisas poderão ajudar e complementar esta, no sentido da percepção das mesmas histórias ou de outras similares quanto ao regresso ou não à origem – ou à partida para uma nova aventura, em um novo lugar – em outros países com larga imigração portuguesa, principalmente na Europa ou mesmo antigas colônias africanas com Angola e Moçambique. A sua estada remete para um dilema entre a integração no país de destino, o seu sucesso material e as saudades deixadas pelo país de origem. Estes jovens aqui estudados (talvez excluindo o Francisco pela parte académica), de muito boa escolaridade e fruto de uma classe média, sendo parte de uma sempre elite que é aquela super qualificada, apresentam curiosamente trajetórias bastante diversas no plano da integração, ou seja, em todos aqueles itens que tipificámos para uma melhor compreensão das diferenças entre eles – o que prevê, também, diferentes “finais” para a história de cada um. Hoje, estão quase todas (as histórias) incertas e quase todos (os finais) por escrever – ou até mesmo imaginar, pelo menos de forma mais séria ou concreta.

Nestes jovens representantes em território brasileiro da Geração à Rasca, o Brasil surge como um meio de desenrasque para atingir a independência como fim. Mais que uma integração que se processa a par com o desenvolvimento

laboral / financeiro do jovem, é este último que mais dita o sucesso ou insucesso da sua estada no Rio de Janeiro, relacionando-se com a sua vertente objetiva. O sucesso na integração vem mais uma vez reforçar uma divisão quase sentimental entre os dois territórios. Por outro lado, o insucesso acelera um desejo que sempre parece haver no íntimo de cada jovem de regressar a um país que é o seu. Muitas vezes, não só pelo país enquanto vertente patriotista, mas pelas pessoas, pelas redes que representam um suporte emocional e ainda, neste caso específico, financeiro.

A Geração à Rasca, nada rasca em qualificação, conhecimento e coragem, tenta-se desenvencilhar de uma encruzilhada em que foi colocada, por políticas mal dirigidas e por fatores externos como a crise econômica mundial de 2008 que veio agravar ou exteriorizar o que de mal andava a ser feito politicamente em Portugal. A ela, resta-lhe a arte do desenrasque, onde a maior parte dos portugueses também se sente bastante qualificada. A imigração para o Brasil, tal como para outras partes do mundo por outros jovens portugueses desta geração, serve como um meio de desenrasque para atingir a sua independência e, por sua vez, desenrascar suas famílias, quase sempre seus pais, de um peso financeiro razoável – mesmo para a referida classe média – conquistando também uma dignidade que parecia arredada do imaginário do jovem português. O direito ao trabalho e a consequente participação social são fatores irreduzíveis no que toca à importância do emprego jovem dentro das sociedades. Os familiares, seu suporte e quase sempre substitutos de políticas eficazes, ficam, porém, “à rasca”, com a distância para com os seus – mesmo com todas as tecnologias que hoje salvam a distância inimaginável de outras gerações.

Assim, esta Geração à Rasca se vai desenrascando pelo mundo. E, se por ventura não o conseguir, terá sempre a origem para recomeçar, ou recarregar baterias para outra jornada além-fronteiras. Até lá, os seus sonhos vão se concretizando, fazendo, sonhando – sempre em gerúndio. Essa parece ser a sua lusa identidade.

Com esta tese, humildemente auguro contribuir para parte de um saber dos estudos migratórios, fazendo de seus futuros atores um pouco mais cientes do que é esta vida de emigrar às vezes tão romantizada em cima de uma história heróica

do português conquistador – “transformando a sensibilidade aos fatos e processos em possibilidades concretas de interação e mudança” (Póvoa, Helion e Ferreira, Ademir, 2007: 9). A utilidade e concretização deste trabalho passa, assim, pela interação e interligação de histórias de quem já viveu a emigração e pela possibilidade de escrever outras – quem sabe de maneira diferente da imaginada pelos seus futuros autores e atores – de quem as pensa vir a viver.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Gouveia de (2004). **Legiões de camponeses deixaram, nos anos 60, o mundo rural e emigraram para as cidades ou para o estrangeiro.** Diário de Notícias. Ed. 1 de Maio de 2004.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (2006). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Jorge ZAHAR Editor, Rio de Janeiro.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e PAIS, José Machado (orgs.) (2012). **Criatividade, Juventude e Novos Horizontes Profissionais.** Jorge Zahar Editor Ltda.

ALVES, Eliseu et al. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**, v. 20, n. 2, p. 80-88, 2011.

ARROTEIA, Jorge Carvalho (2011). **A emigração portuguesa: breve retrospectiva.** Cadernos Vianenses. Tomo 45.

AZEVEDO, Luiz Eduardo Maciel de e RIBEIRO, Miguel Ângelo (2009). **A presença da Imigração Portuguesa no bairro da Tijuca – RJ.** V Encontro de Grupos de Pesquisa “Agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais”. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul.

BARRETO, Antonio e ALMEIDA, Carlos (1974). **Capitalismo e emigração em Portugal.** Lisboa, Prelo, p. 237.

BOURDIEU, Pierre (1983). **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes (1999). **Estado de Direito.** Gravida Publicações.

CANTANTE, Frederico (2010). **O desemprego em Portugal num contexto de crise financeira: números e desafios.** Observatório das Desigualdades. Estudos.

CARVALHO, Luís Pedro Melo de (2009). **O movimento dos capitães, o MFA e o 25 de Abril: do marcelismo à queda do Estado Novo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Faculdade de Ciências Humanas. Ciência Política: Cidadania e Governação. Lisboa, Portugal.

Centro Mundial de Estudios Humanistas (1996).

CRUZ, Maria Antonieta (1986). **Agruras dos emigrantes portugueses no Brasil – contribuição para o estudo da emigração portuguesa na segunda metade do século XIX.** Revista de História. Vol. VII. Porto, Centro de História da Universidade do Porto.

DA SILVA, Douglas Mansur. **A ética da resistência: os exilados anti-salazaristas do "Portugal Democrático" (1956-1975)**. 2000. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual Paulista.

DA SILVA, Douglas Mansur. **Exilados anti-salazaristas e suas relações com os nacionalismos e a questão colonial**, in Póvoa, Helion e Ferreira, Ademir (orgs.), *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Editora Revan/FAPERJ, 57-80. 2007

DAMATTA, Roberto (2000). **Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade**. Mana, 6.

DAMATTA, Roberto (2005), "Prefácio", in Livia Barbosa (2005), **O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros**. Editora Campos. pp. 19-25.

DE RENÓ MACHADO, Igor José. O "brasileiro de torna-viagens" e o lugar do Brasil em Portugal. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 35, p. 47-67, 2005.

Diário de Notícias (2011), **Oito mãos escreveram manifesto da "geração à rasca"**, Notícia de 10 de Março de 2011, edição online.

FÁVERO et al. (2007). **Juventude e Contemporaneidade**. Coleção Educação para todos. Brasília: UNESCO, MED, ANPed.

FERNANDES, Pádua (2012). **Migração na ditadura militar brasileira: desejados e indesejados perante a doutrina de segurança nacional**. Segundo Congreso de la Sociedad Latinoamericana para el Derecho Internacional. Rio de Janeiro.

FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda (2002). **Ensaio sobre a imigração portuguesa e os padrões de miscigenação no Brasil (séculos XIX e XX)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

GIDDENS, Anthony (1991). **As consequências da modernidade** /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP.

GUIMARÃES, Gilselene e MACEDO, Juliana (2005). **Culturas Juvenis: uma ressignificação contemporânea?**

HAESBAERT, Rogério (2007), **Migração e Desterritorialização** in Póvoa, Helion e Ferreira, Ademir (orgs.), *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Editora Revan/FAPERJ.

HOLANDA, Sérgio Buarque (1995). **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras.

IBGE (2010). **Censos demográficos de 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010**. <http://www.sidra.ibge.gov.br>.

IBGE (s.d.). **Imigração portuguesa para o Brasil (1500-1901)**.

INE (2007). **Portugal – 20 Anos Integração Europeia**. Ed: INE, Parlamento Europeu e Comissão Europeia.

INE (2011). **Inquérito ao Emprego**.

INE. PORDATA (2015). Última atualização a 26 de junho de 2015.

INE. PORDATA (2016). Última atualização a 11 de fevereiro de 2016.

Jornal de Notícias (2011). **Economista justifica crise por portugueses terem feito “vida de cigarra”**.

Jornal O Público (2015). **Portugal entre os quatro países com mais desemprego jovem na OCDE. 13 de Abril de 2015**. Publicado em “<http://www.publico.pt/economia/noticia/desemprego-jovem-na-ocde-atinge-valor-mais-baixo-desde-2008-1692240>”.

KORNIS, Mônica Almeida (2016). **Sociedade e cultura nos anos 50**. FGV CPDOC. Página consultada em 3 de abril de 2016 em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>.

LOBO, M.; FERREIRA, V.; ROWLAND, J. Emprego, mobilidade, política e lazer: situações e atitudes dos jovens portugueses numa perspectiva comparada. **Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**, 2015..

LOPES, Maria Gabriela (s.d.). **Recensão crítica**.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; DE SOUZA, Bruna Mantese. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. Editora Terceiro Nome, 2007. Manifesto do Protesto da Geração à Rasca. Página oficial da organização. Página visitada a 3 de Agosto de 2014.

MATTA, João Ricardo Nobre. **Consumo de Propaganda: A Relação dos Jovens com o Universo Contemporâneo das Mídias**. 2013. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 5-14, 1997.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua nova: Revista de Cultura e política**, n. 17, p. 49-66, 1989.

MOREIRA, Nuno (2001). A “Troika”... um retrocesso na Prevenção da **Corrupção nas Autarquias?** Crónica Visão Eletrónica. Nº 124.

NEVES, Nuno de Almeida (2013). **Jovens qualificados e precariedade: dificuldades de conceptualização e mensuração de um fenómeno relevante**. Apresentação realizada no Colóquio Desigualdade e Pobreza.

NOGUEIRA, Ana Maria de Moura (1998). **Como Nossos Pais: uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense – História Social. Niterói, Rio de Janeiro. Brasil.

NOVAES, Regina (2007). **Juventude e sociedade: jogos de espelhos**. Sociologia Especial, SP, ano 1.

Observatório das Desigualdades (2010). Perfil socioprofissional dos jovens trabalhadores do sector privado (2000-200). Indicadores.

OLIVEIRA, Antônio (2007). “**Fluxos migratórios na região metropolitana do Rio de Janeiro**”, in Póvoa, Helion e Ferreira, Ademir (orgs.), *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Editora Revan/FAPERJ, 349-364.

OLIVEIRA, Luiz Armando Dantas de (2008). **Salazarismo sob o olhar imigrante. Identidade, memória e representações de um grupo de imigrantes portugueses residentes em Niterói**. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. História Social do Território. São Gonçalo, Rio de Janeiro. Brasil.

OLIVEIRA, Paula (2007). “**O migrante, seu drama psíquico e a percepção das diferenças**”, in Póvoa, Helion e Ferreira, Ademir (orgs.), *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Editora Revan/FAPERJ, 163-174.

Organização Internacional do Trabalho (2013). Enfrentar a crise do emprego em Portugal. Relatório preparado pelo Grupo de Ação interdepartamental da OIT sobre os países em crise para a Conferência de Alto Nível “Enfrentar a Crise do Emprego em Portugal: que caminhos para o futuro?”.

PAIS, José Machado (2003). **Ganchos, tachos e biscates**. Porto: Ambar.

PAIS, José Machado (2004). **Juventude e cidadania: entre o “cara” e o “careta”**. Comunicação apresentada na sessão inaugural do Simpósio Internacional sobre a Juventude, no Rio de Janeiro, UFRJ.

PAIS, José Machado (2005). **Jovens e cidadania. Sociologia, problemas e práticas**. Nº 49.

PAIS, José Machado (2006). **Nos rastros da solidão**. Deambulações sociológicas. Porto: Ambar. 2ª Edição.

PAIS, José Machado (2009). **A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**. Saúde e Sociedade, 18.

PAIVA, Angela Randolpho (org.) (2013). **Juventude: desigualdades e simetrias. Juventude, cultura cívica e cidadania**. Editora Garamond Ltda, Rio de Janeiro.

PASCKES, Maria Luisa Nabinger de Almeida (1991). **Notas sobre os imigrantes portugueses no Brasil (Sécs. XIX e XX)**. Revista História, São Paulo, nº 123-124, p. 88.

PEIXOTO, João (2004). **País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal**. Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações. Working Paper nº2.

PEIXOTO, João (2012). **A emigração portuguesa hoje: o que sabemos e o que não sabemos**. Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações. Working Paper nº5.

PEREIRA, Miriam Halpern. **A política portuguesa de emigração (1850-1930)**. Edusc, 2002.

PNUD (2006). **Relatório de Desenvolvimento Humano**.

PÓVOA, Helion e Ferreira, Ademir (2007). Introdução *in* Póvoa, Helion e Ferreira, Ademir (orgs.), **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Editora Revan/FAPERJ.

Programa do Movimento Associativo Juvenil. Publicado em “<http://www.fnaj.pt/images/stories/biblioteca/pub-8enaj.pdf>”.

Revista Interinstitucional de Psicologia (2010). Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. Nº 3.

ROANI, Gerson Luiz (2004). **Sob o vermelho dos cravos de Abril – literatura e revolução no Portugal contemporâneo**. Revista Letras. Curitiba, nº 64. Editora UFPR.

RODRIGUES, Teresa (s.d.). **Portugal nos séculos XVI e XVII**. Vicissitudes da dinâmica demográfica. População e Prospectiva. Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade.

ROQUE, Isabel (2010). **As linhas de montagem teleoperacionais no mundo dos call centers: um retrato local numa moldura transnacional**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo. Coimbra. Portugal.

SÁ, Teresa. “Precariedade” e “trabalho precário”: consequências sociais da precarização laboral. **Configurações. Revista de sociologia**, n. 7, p. 91-105, 2010.

SACCHETTI, Inês. José Machado Pais, Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro. 2001. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 187-190, 2003.

SANTOS, Milton. A urbanização Brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1994. **O espaço do cidadão**, v. 5, 1996.

SCHMIDT, Luísa (1990). **Jovens: dinheiro, família, autonomia**. Análise social. Vol. XXV.

SCOTT, Ana Silvia Volpi (2001). **As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930)**. Congreso de Historia Económica de Zaragoza. Universidad San Pablo-CEU. Madrid.

SECCO, Lincoln. Trinta anos da Revolução dos Cravos. **Revista Adusp**, p. 6-12, 2004.

SEYFERTH, Giralda (2005). **Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político**. Programa Pós-graduação em Antropologia Social. Museu Nacional. UFRJ. Rio de Janeiro.

SIMÕES, José Alberto (2012). “**Viver (d) o hip-hop: entre o amadorismo e a profissionalização**”, in Almeida, Isabel Mendes e Pais, José Machado (orgs.), *Criatividade, Juventude e Novos Horizontes Profissionais*. Jorge Zahar Editor Ltda.

SOUSA, Fernando de *et al.* (coord.) (2010). Entre mares. O Brasil dos portugueses. Belém, Paka-Tatu.

SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição. A emigração portuguesa para o Brasil. **Porto: Afrontamento**, 2007.

SOUZA, Luciana Karine de; MCCARTHY, Sherri Nevada. Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 124-135, 2010. Versão online ISSN 1983-8220, Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202010000200003>